

**MÁRIO SOARES**  
**E A**  
**AMÉRICA LATINA**  
**Passado, Presente**  
**e Futuro**



**Ana Paula Laborinho**  
**Ana Mónica Fonseca**  
**Bruno Figueroa**  
**Cátia Miriam Costa**  
**Filipe Vasconcelos Romão**  
**Nancy Elena Ferreira Gomes**

**Coordenação**



UNIVERSIDADE  
AUTÓNOMA  
DE LISBOA



**OEI**





**MÁRIO SOARES  
E A AMÉRICA LATINA:  
PASSADO, PRESENTE  
E FUTURO**



**Ana Paula Laborinho  
Ana Mónica Fonseca  
Bruno Figueroa  
Cátia Miriam Costa  
Filipe Vasconcelos Romão  
Nancy Elena Ferreira Gomes  
(Coordenadores)**



---

Este livro tem como principal objectivo reunir os textos que resultaram das diferentes intervenções no Colóquio “Mário Soares e a América Latina. Passado, Presente e Futuro”, realizado no dia 8 de abril de 2025, no Teatro Thalia, em Lisboa. Esta iniciativa foi organizada pela Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), a Cátedra de Estudos Ibero-americanos - Universidade Autónoma de Lisboa, o Centro de Estudos Internacionais (CEI) – ISCTE, a Embaixada do México em Portugal, a Fundação Friedrich Ebert, a Fundação Mário Soares e Maria Barroso, o Instituto Diplomático (ID) e o Instituto para a Promoção da América Latina e Caraíbas (IPDAL); e tem por escopo disponibilizar em Acesso Aberto, os conteúdos do colóquio, de uma forma universal, potenciada pelo modo de divulgação digital.

Clique aqui para ver as fotografias e as gravações das mesas-redondas do Colóquio: <https://oei.int/pt/escritorios/portugal/noticia/mario-soares-luta-pessoal-batalhas-libertacao-democratica-america-latina/>

#### **Título**

Mário Soares e a América Latina: passado, presente e futuro

#### **Coordenação**

Ana Paula Laborinho - OEI

Ana Mónica Fonseca – CEI ISCTE

Bruno Figueroa – Embaixador do México em Portugal

Cátia Miriam Costa – CEI ISCTE

Filipe Vasconcelos Romão - Universidade Autónoma de Lisboa

Nancy Elena Ferreira Gomes - Universidade Autónoma de Lisboa

#### **Produção executiva e revisão final**

Nancy Elena Ferreira Gomes

#### **Editor**

Universidade Autónoma de Lisboa e Observare

#### **Coordenação Editorial**

Raquel Medina Cabeças, Autónoma Cultura

#### **Print**

ISBN 978-989-9002-65-4

e-ISBN 978-989-9002-66-1

#### **Legal Deposit**

**Nota:** Esta publicação não adopta o novo Acordo Ortográfico, deixando-se essa opção ao critério dos autores.

© OBSERVARE e Universidade Autónoma de Lisboa

Mário Soares e a América Latina: passado, presente e futuro / coord. Ana Paula Laborinho ... [et al.]. – Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa; OBSERVARE, 2026.

ISBN 978-989-9002-65-4

1. Mário Soares 2. América Latina 3. Relações Internacionais  
I. Laborinho, Ana Paula II. Fonseca, Ana Mónica III. Figueros, Bruno IV. Costa, Cátia Miriam V. Romão, Filipe Vasconcelos VI. Gomes, Nancy Elena Ferreira

CDU 327



## Índice

<b>APRESENTAÇÃO</b>	11
<b>NOTA PRÉVIA</b> — Ana Paula Laborinho, diretora da delegação da OEI em Portugal	17
<b>MÁRIO SOARES E A AMÉRICA LATINA</b> — Pedro Cordeiro, jornalista Oradores: Isabel Soares, presidente da Fundação Mário Soares e Maria Barroso, Bruno Figueroa, embaixador do México em Portugal, Vítor Ramalho, consultor da Casa Civil do presidente da República (1986-1996) Testemunho: Bernardo Sepúlveda, secretário das Relações Externas do México (1982-1988)	23
<b>A INTERNACIONAL SOCIALISTA E A AMÉRICA LATINA</b> — Nancy Gomes, diretora da Cátedra de Estudos Ibero-Americanos OEI-UAL Oradores: João Torres, vice-presidente da Internacional Socialista, Bernd Rother, Fundação Willy Brandt, Mariano Schuster, Revista Nueva Sociedad, Ana Mónica Fonseca, diretora do CEI-ISCTE Testemunho: Felipe González, secretário-geral do PSOE (1974-1997), presidente do Governo de Espanha (1982-1996)	39
<b>PORTUGAL E AS CIMEIRAS IBERO-AMERICANAS</b> — Paulo Neves, presidente do IPDAL Oradores: Cristina Manzano, diretora de relações exteriores da SEGIB, Nancy Gomes, diretora da Cátedra UAL-OEI, Raquel Patrício, docente Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Ricardo Vitória, coordenador nacional para a Conferência Ibero-Americana	57

## **RELAÇÕES EUROPA-AMÉRICA LATINA**

— *Filipe Vasconcelos Romão, docente da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)*  
*e comentador de assuntos internacionais*

*Oradores: Carlos Gaspar, ex-conselheiro de Mário Soares, Ana Paula Zacarias, diretora do instituto Diplomático, Andrés Malamud, investigador principal do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Lisboa, Cátia Miriam Costa, investigadora do CEI-ISCTE*    **73**

## **AMÉRICA LATINA: OLHAR O FUTURO**

— *Pedro Cordeiro, jornalista*

*Oradores: Francisco Aldecoa, presidente do Conselho Federal Espanhol do Movimento Europeu, Cátedra Jean Monet, Ramón Jáuregui, presidente da Fundação Euroam rica, Carlos Quenan, vice-presidente do Institut des Am riques e docente IHEAL – Sorbonne Nouvelle*    **95**

## **ENCERRAMENTO**

**123**



# APRESENTAÇÃO

No quadro das comemorações do centenário do nascimento de Mário Soares, a OEI e um conjunto de parceiros organizaram o *Colóquio Mário Soares e América Latina: passado, presente, futuro*, com o propósito de debater a sua relação com a América Latina, na perspectiva de um legado que se projeta além do tempo e das fronteiras nacionais. Este debate orientou-se por referências históricas, biográficas e bibliográficas que procuraram abranger o período que vai desde a sua primeira viagem à América Latina até ao final da sua vida em que, no contexto das suas responsabilidades governativas, o seu pensamento, ação e decisão ficaram associados à história política da região.

### Objetivos:

- Conhecer o pensamento de Mário Soares sobre América Latina, através da sua colaboração nas *Revistas Ibérica e Nueva Sociedad*, entre outras; as suas viagens a países da região entre 1971 e 2002 (Fórum Social Mundial de Porto Alegre), assim como o seu papel na organização de diversas conferências em Lisboa sobre a democracia na América Latina.
- Analisar o papel da Internacional Socialista (IS) na América Latina e a ação de Mário Soares, desde a sua designação como Vice-Presidente em novembro de 1976, as suas múltiplas visitas à região como Secretário-Geral do PS e como Vice-Presidente da IS, até 1986, quando renuncia à posição na IS no início do seu primeiro mandato como Presidente de Portugal.
- Refletir sobre a política externa para América Latina dos governos que Mário Soares integrou e chefiou: a sua perceção sobre o Chile de Pinochet; a libertação da Nicarágua da ditadura dos Somoza, em 1979; a Cuba de Fidel Castro; a primeira visita oficial ao Brasil presidido por Ernesto Geisel; a visita do vice-presidente da Bolívia, Jaime Paz Zamora, a Portugal em 1984; outras visitas e acordos.
- Identificar a posição de Portugal relativamente à criação de uma Comunidade Ibero-Americana de Nações. Analisar discursos e entrevistas de Mário Soares no contexto das várias cimeiras, particularmente da I Cimeira realizada em Guadalajara.

- Compreender a percepção de Mário Soares sobre o papel de Portugal e Espanha como intermediários na relação entre a União Europeia e a América Latina, assim como sobre as potencialidades de colaboração entre ibero-americanos e africanos (discursos, conferências, notícias, artigos).
- Refletir sobre esse legado na perspectiva dos desafios atuais e futuros que se colocam à região e a todo o espaço ibero-americano.



# NOTA PRÉVIA

### **Ana Paula Laborinho**

Diretora da OEI em Portugal

No Centenário de Mário Soares (1924-2017), cujas comemorações se iniciaram em final de 2024 e se estenderam até 2025, foram muitas as iniciativas que evocaram uma personalidade multifacetada que, como portugueses, recordamos pelo seu papel essencial no combate à ditadura e na instauração da democracia. Mas, além do político nacional que foi quase tudo – de Ministro dos Negócios Estrangeiros a Primeiro Ministro e Presidente da República – importa destacar a ação internacional e a sua visão para um mundo mais coeso e justo – da Europa à África, da Ásia à América Latina.

O repto para a realização deste Colóquio deve-se ao Embaixador do México em Portugal, Bruno Figueroa, que integrou a Comissão Científica e foi um impulso decisivo na sua organização. Importa também destacar os contributos da Doutora Nancy Gomes, diretora da Cátedra de Estudos Ibero-americanos OEI-Universidade Autónoma de Lisboa, polo aglutinador da iniciativa que juntou outras universidades e centros de investigação de Portugal, em particular o Centro de Estudos Internacionais – CEI do ISCTE. É ainda de referir a participação da Fundação Mário Soares e a colaboração ativa do Instituto para a Promoção da América Latina e Caraíbas – IPDAL, da Fundação Friedrich Ebert Stiftung e do Instituto Diplomático.

O Colóquio “Mário Soares e a América Latina” teve como subtítulo “Passado, Presente, Futuro”. Nesse sentido, não se limitou – o que seria muito – a evocar o pensamento e a ação de Mário Soares em relação a essa geografia, quer ainda durante o período da ditadura em Portugal, quer imediatamente a seguir a 1974, quando Mário Soares assume a pasta da política externa e defende a necessidade de uma mudança radical em relação ao continente americano que até aí se restringia às relações com Brasil e Estados Unidos da América. Aliás, as suas viagens à América Latina serão realizadas antes de 1974 no âmbito da Internacional Socialista, como será também ele a representar Portugal em 1991, em Guadalajara, quando se instituem as Cimeiras Ibero-americanas. Se essa participação consolidou a política de Portugal para o espaço ibero-americano, incluindo a forte aproximação a Espanha, país vizinho com o qual durante décadas (mesmo séculos) estivemos de costas voltadas, há um legado de cidadania que Mário Soares nos deixou e passa

também pelo papel que Portugal e Espanha continuam a desempenhar na relação entre América Latina e Europa.

Contámos nestes debates sobre Passado, Presente e Futuro com uma participação de alto nível – desde figuras políticas contemporâneas de Mário Soares a representantes de instituições que com ele trabalharam, a investigadores da Europa e da América Latina que vêm aprofundando o conhecimento sobre estes temas.

É para nós da maior relevância que esta publicação possa coligir as intervenções apresentadas neste Colóquio criando memória, mas sobretudo conhecimento e reflexão para o futuro.

Em nome da OEI e de todos os organizadores, agradeço profundamente a todos os oradores, mas também ao público que nos acompanhou nessa jornada memorável.



# **MÁRIO SOARES E A AMÉRICA LATINA**

## MÁRIO SOARES E A AMÉRICA LATINA

Clique para assistir: <https://youtu.be/wVvCCFx3l0c?si=wfzknbzeW3-Amz9j>

### Pedro Cordeiro

Vamos convidar para a conversa o embaixador Bruno Figueroa, que tem investigado a fundo as relações de Mário Soares não só com o México, como com a América Latina, e, também, graças à Fundação Mário Soares e Maria Barroso, cujo papel cívico nunca é de mais realçar. E queria perguntar-lhe como observa, e agora, tendo um olhar que vem do outro lado do Atlântico, da América Latina propriamente dita, essa relação de Mário Soares, pois quando o próprio entrou para o governo pela primeira vez, ainda como ministro nos governos provisórios do tempo do PREC, um dos comentários que fez foi precisamente que a política externa portuguesa só “olhava para Estados Unidos e Brasil” e era preciso olhar para o resto de América Latina. Convido-o a partilhar connosco algumas das suas reflexões sobre esta relação.

### Bruno Figueroa

Muito obrigado. Muchas Gracias. Buenos días a todos. Aprovecho para agradecer enormemente a la Organización de Estados Iberoamericanos y a su directora aquí, Ana Paula Laborinho, por la organización de este coloquio. Yo no voy a ocultar mi enorme admiración hacia el estadista sin par que fue Mário Soares. Y por lo cual, desde hace más de un año, me puse a investigar su relación con América Latina y con mi país, México.

Yo ya tenía muchos elementos por mis estudios de Relaciones Internacionales en los años 80, pero quise profundizar sobre esta relación. Y agradezco especialmente a la doctora Isabel Soares y a la fundación, que me permitieron también hacer investigación ahí. Y quiero compartirles algunas reflexiones de este trabajo, reconociendo que ni soy experto en historia contemporánea portuguesa, ni tampoco conozco más allá de superficialmente sobre la vida, el pensamiento y las acciones del expresidente Mário Soares. Entonces, mis apuntes, que son solo esto, tendrán que ser validados por los expertos aquí presentes.

Yo creo que el fundamento de este coloquio es que ningún otro estadista portugués ha tenido una relación tan cercana, tan continua y profunda con América

Latina como Mário Soares. Ahora, también quiero subrayarlo, con la otra América Latina desde la perspectiva portuguesa, porque evidentemente está Brasil, que ha sido un foco histórico permanente de la acción internacional portuguesa en todas sus dimensiones, y también en buena medida Venezuela, por el componente migratorio.

Pero lo que es el resto de América Latina, de Argentina, Chile a México, me parece que ningún otro estadista portugués ha tenido una relación tan cercana. Mário Soares, en eso fue un líder portugués diferente, tanto por sus viajes, por su interacción con tantos líderes latinoamericanos, por los debates que él mismo organizó en Portugal y en particular en la fundación, y también por sus escritos y reflexiones. Declaró muchas veces, y me parece que no era una exageración, que él conocía personalmente a la mayoría de los líderes latinoamericanos. Porfirio Muñoz Ledo, que fue un político de mi país de primera línea durante más de 30 años, publicó en la prensa mexicana un elogio fúnebre el 10 de enero de 2017, y de él dijo, de Mário Soares, que “había adquirido un perfil de patriarca en el Tercer Mundo”. Esta fue la expresión que usó Porfirio Muñoz Ledo al referirse a Mário Soares.

Me pareció muy interesante revisar ese primer viaje que hizo el doctor Soares a América Latina para entender qué sucedió ahí, qué fue esa semilla. Fue primero a Brasil, empezó con el carnaval, pero él mismo declaró que no era un viaje turístico, porque se reunió con opositores históricos al salazarismo en Brasil, pero también, y esa también fue una constante, tuvo reuniones en universidades, participó en coloquios y ahí empezó a conocer a los grandes intelectuales latinoamericanos, empezando en Brasil con Fernando Enrique Cardozo, con Hélio Jaguaribe.

Fue a Venezuela, que en ese entonces era una de las democracias más sólidas de América Latina, con una larga historia democrática. Luego, fue a México y ahí se reunió con exiliados españoles de la Segunda República Española. Hizo un viaje de dos horas de la Ciudad de México a la ciudad de Toluca para entrevistarse con un exiliado español. Parecería que Mário Soares necesitaba abrevarse, tener la experiencia de exiliados, tanto portugueses como españoles, como para juntar energías antes de salir de Portugal en el exilio, y entender cómo funcionaban las resistencias desde fuera (él todavía no tomada la decisión de salir al exilio). Efectivamente, el viaje culmina en Nueva York y quisiera yo leer la última frase de su declaración política, que me parece que encarna todo eso que él buscaba fuera de su país y que encontró eco en América Latina. Esta es la última frase: “Los demócratas portu-

gueses cuentan con la fuerza de la opinión pública internacional, así como con la solidaridad de todos los demócratas para crear un movimiento que pueda poner un fin al apoyo internacional que ha beneficiado al régimen dictatorial portugués”. Es decir, él encontró en la región latinoamericana apoyo, un sentido de comunidad dentro de su propia lucha.

Y por eso me parece que cuando Portugal recobró su libertad en 1974, él quizás aceptó más adelante, con mucho entusiasmo, el papel de ser ya el viejo luchador con experiencia para apoyar a los nuevos luchadores en América Latina, a partir de lo que fue una de las décadas más negras de la historia latinoamericana, que fue la década de las dictaduras en los años 70 y todavía una parte de los años 80. No olvidemos esto, en esos años las democracias en nuestra región solo se contaban con los dedos de una mano. Entonces, esa es mi interpretación, él tomó como una cruzada personal las batallas que fueron por la liberación democrática y la justicia en nuestra región. Es interesante anotar que Mário Soares, en el prólogo que escribió a un libro escrito por Porfirio Muñoz Ledo en 2010, se describe a sí mismo como “Dirigente histórico del socialismo democrático”. En otros libros firmados por él, como éste de la fundación, Porto Alegre e Nova Iorque: ¿un mundo dividido?, hay una larga ficha biográfica que seguramente él revisó y autorizó. Y ahí no se menciona este término. Me parece que era la etiqueta específica que él usaba para sus interlocutores latinoamericanos.

Otro rasgo del doctor Soares, que encontré que me parece digno de destacar, es el siguiente: Podía ser dirigente del Partido Socialista, primer ministro o presidente, pero en todas las circunstancias era más importante su postura política personal que el cargo, aunque causara conflictos o fricciones con las limitaciones inherentes al cargo político. Y aunque también significara romper con la tradición diplomática portuguesa. La doctora Soares lo mencionó, un incidente que también la semana pasada el doctor Andrés Malamud señaló: cómo en República Dominicana en marzo de 1978, siendo primer ministro, participa en una manifestación en contra del régimen en turno y casi fue expulsado del país. Y Balaguer todavía gobernó República Dominicana de 1986 a 1996, casi los mismos años que Soares en Portugal. Y no quiero imaginar cómo se saludaban en las cumbres iberoamericanas, por ejemplo, después de aquel incidente. Ese viaje de 1978 tuvo otro detalle muy peculiar. Antes del incidente, él llegó primero a México con la Delegación de la Internacional Socialista y fue a saludar al presidente José López Portillo, quien le prestó el avión presidencial para volar a República Dominicana. Se fue a Santo Domingo, desde México, en el avión presidencial, porque en ese

entonces no había vuelos directos de Ciudad de México a Santo Domingo. Para mí, esto muestra cómo las relaciones personales de Mário Soares podían llevarlo a tratar algunos asuntos de manera informal.

Presento otro caso relativo a mi país, en 1988, tras elecciones presidenciales, cuyos resultados fueron controvertidos, la elección de Carlos Salinas de Gortari. Bueno, la izquierda mexicana acusó al partido en el poder, el Partido Revolucionario Institucional, de fraude, y en su texto de homenaje póstumo de 2017, Porfirio Muñoz Ledo, que era parte de la oposición desde mediados de los años 80, escribe lo siguiente: “A raíz de una conversación que sostuvimos en Quito en 1988, Soares fue el único mandatario que se abstuvo de enviar un mensaje de reconocimiento cuando sobrevino el fraude en México.” Es decir, el presidente de Portugal no dio el reconocimiento al nuevo presidente tras las elecciones porque se lo pidió su amigo Porfirio Muñoz Ledo. De mi conocimiento de la práctica diplomática portuguesa, este fue un comportamiento atípico, invulgar.

Bueno, para cerrar, Mário Soares aportó su peso político dentro de la Internacional Socialista durante la década terrible de dictaduras en América Latina. También participó en la batalla en dos tiempos por Nicaragua, es decir, apoyar primero a los sandinistas a que pudieran derrocar la feroz dictadura de Somoza, y luego, al llegar al poder, que no se radicalizaran y cayeran en la esfera del comunismo. No era un secreto para nadie, Soares no simpatizaba con Fidel Castro ni con el régimen cubano.

Más adelante, las batallas de Mário Soares fueron otras, la globalización deshumanizadora, la denuncia de la depredación económica provocada por la propia globalización. Participó en el segundo Foro Social de Porto Alegre, siguió escribiendo y debatiendo sobre éste y otros temas de profundo impacto para América Latina hasta el final de su vida. Por ello, concuerdo con Porfirio Muñoz Ledo cuando lo definió como un patriarca, como un líder sin par, que obró contra las injusticias en su país y en el resto del mundo.

Muchas Gracias.

### **Pedro Cordeiro**

Muito obrigado Embaixador. Alargando agora a conversa a Vítor Ramalho, lembrando a sua colaboração com Mário Soares, durante a fase de Presidente da República, precisamente na década em que o Embaixador Figueroa mencio-

nava, tenho curiosidade em perguntar-lhe como esta dicotomia entre relações pessoais e a informalidade que todos conhecemos a Mário Soares, mas, ao mesmo tempo, elevado sentido de Estado de quem ocupava as funções mais altas da República portuguesa, como era? - pode acrescentar outras relações, claro -, como era esse equilíbrio? -, como Mário Soares geria esse equilíbrio entre o formal e o informal, entre o pessoal e o institucional?

### **Vítor Ramalho**

Muito obrigado. Antes de mais, quero agradecer à Doutora Ana Paula Laborinho, que representa aqui todas as organizações que contribuem para este colóquio e, naturalmente, cumprimentar os companheiros que estão aqui, neste painel, e todos os participantes.

Ouvi com muita atenção a intervenção da Isabel Soares, que tem um conhecimento, para além da política, de um relacionamento pessoal, muitíssimo forte porque filial com o pai, o Dr. Mário Soares, e a intervenção do senhor Embaixador. Ao ouvir as duas intervenções, devo antes de mais afirmar que a personalidade de Mário Soares, espelha, ao longo da sua vida, uma invulgar coerência que teve a ver com a sua maneira de ser, com a sua formação, com as preocupações muito profundas sobre a Europa e sobre Portugal. Isto foi percebido de uma forma muito clara por Willy Brandt, quando Mário Soares é eleito vice-presidente da Internacional Socialista. Willy Brandt intui o resultado da luta de Soares, do seu contributo para a causa da paz e do que conseguiu alcançar em Portugal, e percebe que este era o homem indicado para fazer as missões da Internacional Socialista, desde logo na América Latina, mas também no Médio Oriente e em África. É impressionante ver quem eram os vice-presidentes que o acompanharam e que não tendo pelouros, na altura, eram personalidades de referência mundial. Nós estamos a falar de Senghor, do Senegal, de Olaf Palme, de Mitterrand, de Bruno Kreisky, por exemplo, e mais tarde, no congresso seguinte, em Genève, entram também Felipe González e Shimon Peres, mas é Mário Soares, a quem Brandt pede para realizar essas missões. Ele, respondendo à questão que, aqui, o Pedro Cordeiro levantou, direi que Soares era uma personalidade de contatos fáceis, fazendo facilmente amigos de todos os quadrantes e, sobretudo, de entre aqueles que lutavam pela liberdade. Ele, aliás, tinha uma frase impressionante que resumia no período do PREC em Portugal a seguir à Revolução de Abril o conteúdo dessa luta. Quando se envolve na luta pela democracia em Portugal, que foi um farol para todo o mundo, na altura, Portugal foi o primeiro país em que os mencheviques venceram os bolche-

-viques e isso à mercê de Mário Soares. Mais do que isso, Mário Soares foi o primeiro-ministro socialista dos países do sul da Europa. Na altura, só eram conhecidos como membros socialistas responsáveis pelos governos, dos países nórdicos e da Alemanha e isto disse tudo quanto à perceção que o mundo teve da personalidade de Mário Soares e para o que ele contribuiu, de facto, para a liberdade. O antagonismo que ele tinha pela ditadura levou-o um dia a dizer que a oposição entre comunismo e capitalismo, neste mundo, ia a caminhar, como caminhou, para o confronto das ditaduras com a liberdade.

Ele esteve sempre do lado da liberdade, por isso, era um homem de fácil trato, um homem que fazia amigos com facilidade e fortalecia essas amizades, era um homem sem rancores, o que é algo verdadeiramente impressionante. Mesmo aquilo que, por vezes, na perceção pública pode ser, e por vezes é, explorado negativamente, não traduz a realidade dos factos. Salgado Zenha, por exemplo, foi sempre uma referência para ele, padrinho da Isabel Soares, e em casa de Mário Soares, como a Isabel sabe, que eu frequentava, a mãe dizia-me de Salgado Zenha: "Ele é um irmão". Sempre! Até ao último suspiro de vida, ouvi-a dizer isso. Mário Soares era assim e quando foi Presidente da República, para lhe responder, concedeu a Ordem da Liberdade a Salgado Zenha, porque ele nunca esquecia o contributo dos amigos que teve ao longo da vida.

A Isabel referiu aqui a questão da deslocação dele à República Dominicana e o ditador que o foi esperar. Há histórias dele interessantíssimas, numa dessas viagens um avião teve necessidade de parar numa determinada ilha e o homem que foi a correr recebê-lo era o cônsul de Portugal, que chegou, espavorido, à noite, e diz para Mário Soares: "Que alegria, ver aqui o doutor Salazar". Mário Soares era assim e quando foi Presidente da República, para lhe responder, concedeu a Ordem da Liberdade a Salgado Zenha, porque ele nunca esquecia o contributo dos amigos que teve ao longo da vida. Mário Soares contava isso, lembra-se Isabel? Contava isso como ilustração de um facto insólito porque o mundo havia mudado e o Cônsul de Portugal não se tinha dado conta disso. Mas, também, como sabem os senhores embaixadores que aqui estão, quando Mário Soares chegou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, nunca saneou quem quer que fosse e isso é impressionante. Procurou, ao invés, dar esperança com o contributo de todos, visão essa que ele, quando foi exilado, preparou criando amigos por todo o lado e, em particular, na Internacional Socialista.

Já falei de Willy Brandt, mas também de todos os outros que acabaram na altura, depois dele, por ocupar lugares de relevo e manchar de cor rosa os países europeus e, mais tarde, a própria União Europeia. Ele era um português de gema, apreciava como ninguém a comida portuguesa. A Isabel recordar-se-á seguramente da história do pai que quando foi a França, um embaixador português, um querido amigo, ao recebê-lo na residência da embaixada lhe disse: "Mário, temos aqui, hoje, um repasto fantástico, um salmão à maneira e arroz de pato". Os mais íntimos que estavam presentes e que sabiam que Soares não apreciava de todos esses dois pratos, não estranharam que o Presidente da República chamasse o cozinheiro e lhe dissesse:

"O senhor embaixador fez-me rasgados elogios às confeções que o senhor preparou para a minha pessoa e a minha comitiva. Não era preciso ele dizer-me. Felicito-o pelo aspeto que apresentam e pelo cheiro, mas ousou solicitar-lhe que me arranje um bife a cavalo com dois ovos estrelados".

Era português de gema, adorava Portugal e a Europa. Em 1976, se a memória não me falha, em março, e relacionando agora com a Internacional Socialista, ele fez, no Porto, uma iniciativa com todas as mais relevantes personalidades da Internacional Socialista. Nessa altura explicou, e é bom reler-se esse discurso que foi transcrito, não foi de improviso, a importância do Partido Socialista nas eleições, se porventura saísse vitorioso, como veio a sair, formaria governo sozinho. E porquê? Contraventos e maresias, como fez no primeiro governo constitucional. Só depois, em 1983, fez um bloco central, com o PSD, mas quero fazer notar que como o partido socialista concorreu sozinho às eleições de 1983, a coligação com o PSD só teve lugar depois de efetuar um referendo aos militantes do PS, que responderam que essa coligação devia ter lugar.

Refiro isto porque foi esse governo que levou Portugal à CEE, em 12 de junho de 1986, e que pouco tempo depois, em novembro, caiu. Esse governo começou com uma situação dramática, num Portugal que não tinha dinheiro para importar bens alimentares. Ao fim de menos dois anos, em 7 de novembro de 1985, o país estava recuperado completamente e a desenvolver-se, tanto que a seguir entrou para a Comunidade Económica Europeia, em 1 de Janeiro 1986. E quem solicitou a entrada de Portugal à União Europeia, então CEE, foi Mário Soares, no primeiro governo constitucional em 1976. Este é Mário Soares! E na relação com América Latina, reitero tudo o que já

foi dito. Ele criou amizades com tanta gente. A Isabel referiu aqui Balaguer e eu fui testemunha quando se fez Bicesse, sendo o processo que deu origem à paz em Angola, momento em que Peña Gomes veio a Portugal, homem de oposição na República Dominicana. Eu, na altura, como hoje, porque nasci em Angola, tinha uma relação forte com África. Soares fez questão de me apresentar a Peña Gomes, encontrando-nos numa iniciativa no castelo de S. Jorge com vários africanos. Eu era então consultor da Casa Civil do Presidente da República e integrava essa iniciativa alargada com personalidades que faziam parte do que seria o acordo de Bicesse.

Na América Latina, o papel dele para a Internacional Socialista foi absolutamente excepcional, pois contribuiu para a América Latina ter peso na IS, cooperou para que as alterações das ditaduras, quer no Chile, quer na Argentina, quer noutros países, fosse uma realidade. A sua intuição relativamente à Nicarágua cedo o conduziu à percepção clara de que uma ala Sandinista poderia acabar por não levar o governo a bom porto, pelo conceito que tinham da liberdade, vaticínio que correspondeu ao juízo que formulara.

Nessa altura, alguns dos seus camaradas do meio socialista viam somente a mudança e não o futuro, mas ele era um homem intuitivo, muito intuitivo, porque era, consolidadamente, um homem de cultura. Foi essa cultura que o levou à América Latina, sobretudo ao Brasil, que ele tanto amava, onde se tornou amigo de Brizola e de outros. Havia oposição à concessão do passaporte para que Brizola pudesse sair do local onde estava exilado e Soares conseguiu facultá-lo. Foi amigo de Fernando Henriques Cardoso, escreveu inclusive um livro com ele, e muito amigo de Aparecido de Oliveira, com quem ele criou, ou ajudou a criar, um Instituto Internacional da Língua Portuguesa, que precedeu a CPLP. Na intervenção que inicialmente referi em março de 1976, com a Internacional Socialista, no Porto, no Palácio de Cristal, ele não só deu conta da importância do que é o socialismo democrático, do que significa a liberdade, da luta pela liberdade em Portugal e da sua repercussão no mundo inteiro, como deixou várias frases em que já então reafirmava que quebrado o ciclo do império, a entrada inevitável na União Europeia, na então CEE, era inevitável. Isto em 1976, dez anos depois Portugal aderiria pela sua mão à então CEE, mas Portugal não se esgota na União Europeia então CEE, pois Portugal preservou com ele as relações com países que sempre foram referências no mundo inteiro e isso é de tal forma verdade que hoje, das 7.500 línguas que existem no mundo, entre as 10 mais faladas estão o castelhano e o português, ambas com um peso enorme nas redes sociais; e, ainda maior, nas relações económicas. Isto foi compreendido pela

China, que agora é uma superpotência. Na altura, não o era, estava, digamos, a ganhar balanço para, depois da implosão da União Soviética vir a sê-lo, mas Soares teve promontorialmente essa visão de futuro e sabia que Portugal é o país da UE mais próximo, por via marítima, das Américas. Agora que o Reino Unido saiu com o *Brexit*, ainda mais evidente se torna. Ele sabia também que os países de língua oficial portuguesa têm como fronteira o mar e sabia da importância do futuro do mar, sempre ligado aos oceanos. Era essa visão universalista e tolerante, alicerçada também na História, no contributo que Portugal pode dar à Europa.

Para terminar, num mundo multipolar, como o que se está a gerar, é importante que perguntemos: Qual é o contributo da Ibéria, dos dois países ibéricos, para a União Europeia? - É muito significativo! - Porquê? - Porque o português e o castelhano são as línguas mais faladas na América Latina, e o português é a primeira língua mais falada do Atlântico Sul. Em África, no futuro, no final deste milénio, o país mais populoso de língua portuguesa será Angola, o segundo, Moçambique e o terceiro será Brasil, porque nestes dois países, a taxa de fertilidade das mulheres é de cinco a sete filhos. No Brasil essa taxa está a descer para menos de dois, daí esta realidade, e nela, neste mundo em transformação e expansão, o contributo de Portugal para a União Europeia é muito importante, de tal forma que a União Europeia, que percebeu isso aquando da adesão de Portugal, atribuiu ao primeiro comissário português a pasta dos oceanos e das pescas, e ao segundo a pasta das relações com os países ACP (África, Caraíbas e Pacífico). A Europa não pode perder isso e os governos sucessivos de Portugal não podem perder isso. Daí que, olhando para o futuro, Mário Soares estaria a lutar muito para a Internacional Socialista ser reinventada, pela importância que tem, porque quando foi a pandemia se não tivesse existido a intervenção dos Estados teria sido muito complicado. É falso o princípio de que menos Estado corresponde a um melhor Estado, porque nos momentos de catástrofe ou de crise, o Estado é chamado a intervir como regulador. Em segundo lugar porque estes dados que aqui trouxe da língua, dos oceanos, das fronteiras, do facto do português ser hoje língua materna, que não somente de Portugal e do Brasil, já tinha sido percebido por Soares, tornando-se muito amigo de Allende, de Fernando Henrique Cardoso, de Altamirano. Estava aqui a citar todos os homens da democracia, ele foi mesmo um grande homem, uma personalidade invulgar.

É uma pena que há decorrido este tempo todo, depois do 25 de abril, passaram 50 anos e nós, os mais velhos, não tenhamos tido a sagesa de transmitir a gran-

deza que este homem tem, dos homens mais ilustres do século XX. Ele, aliás, viveu praticamente três séculos. e eu tenho uma enorme admiração por ele.

Muito obrigado.

### Testemuño | Bernardo Sepúlveda

A continuación, haré una presentación de la figura de Mário Soares, visto desde México, y su interacción con el Gobierno mexicano, a partir de su designación como vicepresidente de la Internacional Socialista en 1976. Y, desde luego, posteriormente, habré de relatar de manera breve los encuentros con él en 1985 y 1988, cuando acompañé al presidente Miguel de la Madrid. Y, por último, habré de cerrar esta intervención con una visión más personal de mi experiencia con Mário Soares. Don Mário Soares es reconocido en México por su papel central en la restauración de la democracia portuguesa tras la Revolución de los Claveles de 1974. Tanto como opositor al régimen dictatorial de Antonio de Oliveira Salazar y de su sucesor, como miembro destacado de los primeros gobiernos emanados de la Revolución, fue posteriormente primer ministro en dos ocasiones y presidente de Portugal, otro tanto. En pocas palabras, fue el político más destacado del Portugal democrático en el último cuarto del siglo XX, y así se reconoce en mi país, México. Mário Soares fue un hombre generoso. Viajó a México por primera vez en 1970, antes de salir de Portugal como exilado político, iniciando un periplo que lo llevó por varios países del continente americano.

Solicitaba en ese entonces, el apoyo para acabar con la dictadura militar que asfixiaba a su país, al igual que una injusta guerra colonial en varios países de África. No se puede olvidar, desde luego, la mano solidaria tendida en Latinoamérica y habría de ir en numerosas ocasiones a la región y a México en particular. Cuando Portugal recobró la libertad, América Latina, en un sombrío periodo de su historia, en que la mayoría de la democracia de la región sucumbió ante el yugo militar. A finales de los 70, los países libres y democráticos se contaban con los dedos de una mano. Y Mário Soares, en tanto en su calidad de vicepresidente de la Internacional Socialista, fue parte de un grupo de destacados políticos europeos que se solidarizaron con el movimiento democrático de liberación. Comprendió Mário Soares el papel de México, que recibió refugiados políticos de toda América Latina, incluyendo decenas de miles de guatemaltecos a principio de los años 80 y que apoyó todas las iniciativas para el retorno de la democracia en la región.

En varios de sus viajes a México, Soares fue recibido por el presidente en turno. Inclusive en 1978, el presidente López Portillo, en un gesto amable y generoso, proporcionó el avión presidencial mexicano para que una delegación de la Internacional Socialista, de la que Soares era parte, volara directamente a República Dominicana desde la Ciudad de México.

Debe recordarse que en ese momento no había vuelos directos a Santo Domingo y con esa actitud generosa del presidente López Portillo, pudo llegar a tiempo a su reunión en Santo Domingo. Soares era una persona cercana a la gente y gustaba debatir con el socialismo democrático que él defendía.

Para esos propósitos, dio conferencias en la Universidad Nacional de México, entre otros lugares. También tuvo una relación cercana con la mayoría de los presidentes que en ese entonces ocupaban el Gobierno de México. Fui secretario de Relaciones Exteriores durante el Gobierno de Miguel de la Madrid a partir de 1982 y hasta 1988. En dos ocasiones acompañé al presidente en escalas que llevó a cabo a las Islas Azores. La primera, de regreso de la India, en un viaje que efectuamos para una visita de estado en Nueva Delhi. Y eso sucedió en febrero de 1985. Y la segunda ocurrió rumbo a Suecia en enero de 1988. En la primera ocasión, Soares era primer ministro y en la segunda ocasión era ya presidente de Portugal. También llevé a cabo una visita oficial de varios días a Portugal en julio de 1986. En esa ocasión, el presidente Soares se encontraba afuera del país y quien me recibió fue el primer ministro Aníbal Cavaco Silva, que generosamente me brindó su hospitalidad.

En los dos encuentros del presidente de la Madrid, naturalmente las conversaciones versaron sobre la relación bilateral y sobre la manera que se podría implementar para darle mayor contenido. Pero también, debo recordar, se trataron otros temas interesantes que tenían una particular importancia para la comunidad internacional en su conjunto, para Europa, para Portugal, para México y para América Latina. Esos temas, que interesaron de manera particular a Mário Soares, tenían que ver en particular con la situación de Centroamérica, el agudo problema de la deuda externa en América Latina y el proceso de desarme nuclear, que era también un asunto de la mayor importancia para las partes involucradas. Y este último tema, el del desarme nuclear, se suscitó porque México encabezaba una de desarme con el llamado el Grupo de los Seis, que estuvo trabajando seis gobiernos de distintas partes del mundo para tratar de asegurar que existía un proceso de control de los armamentos nucleares. Es preciso también recordar que en los años 80 se vivió en Centroamérica las últimas tensiones de la Guerra Fría. El

Gobierno de Estados Unidos, que encabezaba en ese entonces el presidente Ronald Reagan, creía en la teoría del dominó y consideraba que la Nicaragua sandinista era un foco de comunismo que habría de extenderse por toda la región y que, por tanto, había que someterla a toda costa.

Sin embargo, México encabezó con un grupo de ocho gobiernos democráticos de América Latina, un enorme esfuerzo diplomático a través de lo que se denominó el grupo de Contadora, con la intención diplomática política de asegurar que se evitaba una guerra regional en Centroamérica. Es decir, que los focos de tensión en El Salvador, en Nicaragua, en Guatemala, ameritaban un esfuerzo diplomático y político de la mayor importancia para garantizar la pacificación de esos países que se encontraban afectados por una guerra civil.

Me voy a permitir hacer una referencia específica a un hecho que no ha ocurrido en mi experiencia en mucho tiempo. Y esto tiene que ver con el hecho de que los integrantes de la Comunidad Europea, y conjuntamente en ese entonces, y estoy hablando del 28 y 29 de septiembre de 1984, por eso menciono el hecho de que es la Comunidad Económica Europea, España y Portugal, ambos que habrían de convertirse en integrantes, en miembros de la Comunidad Europea. Pero en ese entonces, la parte notable es que todos los cancilleres integrantes de esa Comunidad Europea, incluyendo en ello a los cancilleres de Portugal y España, se trasladaron a la ciudad de San José, Costa Rica, para una reunión con el grupo de Contadora, lo cual fue excepcionalmente notable.

Es decir, si lo recuerdo bien, 12 o 14 cancilleres viajaron expresamente para sostener conversaciones y negociaciones con los integrantes del grupo de Contadora. Esto, debe reconocerse, es poco usual. Leo de manera sucinta dos párrafos del comunicado conjunto que se produjo como consecuencia de esa visita de los cancilleres europeos para respaldar las negociaciones de paz del grupo de Contadora. Y leo parte del comunicado en donde se señala que los que suscriben en este comunicado brindan su apoyo a las medidas de pacificación derivadas del proceso de Contadora, que constituye una genuina iniciativa regional y la mejor opción para lograr una solución a la crisis a través de gestiones políticas dirigidas al logro de las metas expresadas en el documento de objetivos. Exhorto, dice en esa comunidad, que se exhorta a los estados involucrados a seguir realizando esfuerzos para llevar a Contadora a un fin fructífero mediante la firma de un acuerdo global. Traigo a colación estas cuestiones, porque en ese entonces, si lo recuerdo bien, el titular del ejecutivo, esto es la presidencia de Portugal, la ocupaba el genio político de

Mário Soares. Reitero, fue un episodio político de la mayor importancia y Portugal y su Gobierno tuvieron una participación muy importante en la realización de esa magna reunión en San José de Costa Rica.

Paso ahora a narrar de manera muy sucinta mi experiencia personal con Mário Soares. Dejo un testimonio en este sentido, que tuve vínculos personales y afectivos con Mário Soares y, desde luego, Mário Soares con la totalidad de la República Mexicana. Conocía la historia México, en particular la historia de la Revolución Mexicana, y siempre se interesó por nuestro sistema político. Apreciaba nuestra literatura, apreciaba la fotografía de Manuel Álvarez Bravo y el arte de los grandes muralistas como Diego Rivera, José Clemente Orozco y David Alfaro Siqueiros. Tuvo, desde luego, múltiples amigos mexicanos a los cuales cultivó, por el hecho mismo de que en su calidad de presidente de la Internacional Socialista, viajar a México con gran frecuencia y también a América Latina. Cierro esta memoria en favor de Mário Soares en esta ceremonia tan importante, narrando una anécdota que contó el escritor Carlos Fuentes en alguna oportunidad, y que figura en su libro, entre comillas. En una oportunidad, le presentan a Fuentes a Mário Soares, y este comenta al escritor que se encontraba en la clandestinidad, que él, cuando estaba en esa situación de clandestinidad, utilizaba el nombre de Carlos Fontes.

Esa era su denominación como político que se encontraba en la clandestinidad, y por ello utilizaba este nombre de Carlos Fuentes, pero él lo denominaba Carlos Fontes. Y entonces, Carlos Fuentes le respondió cuando se entrevistaron que, si alguna vez debía escribir clandestinamente, usaría el pseudónimo de Mário Soares. Con ello termino mi intervención, felicitando a los integrantes y organizadores de este coloquio, con un saludo cordial.



**A INTERNACIONAL SOCIALISTA  
E A AMÉRICA LATINA**

## A INTERNACIONAL SOCIALISTA E A AMÉRICA LATINA

Clique para assistir: <https://youtu.be/5oUqRHDXTv4?si=7TAqBA561wwqR07f>

### Testemuño | Felipe González

Mário Soares fue probablemente el líder político de mayor dimensión internacional que ha tenido Portugal a lo largo de su historia. Mário Soares se comprometía con todo. Era su visión del mundo, su pasión por la defensa de la democracia y las libertades, su deseo de acercar América Latina, Europa y África, todo lo que era la gran tarea del desarrollo de la democracia y la cooperación. A Mário Soares lo encontré en muchas ocasiones, por ejemplo, en la primera Cumbre Iberoamericana, en México, Mário Soares estaba al frente de la delegación de su país, naturalmente, y fue un participante activo. Mário Soares fue, y quizá sea una anécdota menos conocida, el primer visitante como vicepresidente de la Internacional a Nicaragua, que acababa de salir de la dictadura de Somoza, que acababa de salir, en el sentido de que había huido de Somoza, se había instalado el Frente Sandinista, y fue precisamente en la reunión en la Embajada Española. Yo acababa de estar allí, y llegó Mário Soares con una delegación de la Internacional Socialista para prestar apoyo al restablecimiento de la democracia y al restablecimiento de una vida más digna, algo que posteriormente traicionaron Ortega y Murillo.

Es evidente que Mário Soares tenía un vínculo muy especial con Brasil. Y dentro de ese vínculo con Brasil, que es muy anterior a la transición democrática brasileña, pero dentro de ese vínculo, la relación de Mário Soares con Fernando Henrique Cardoso era muy estrecha. Era anterior y durante el mandato de Fernando Henrique Cardoso, y creo que esa cooperación fue muy fructífera, se entendían muy bien. Conocía muy bien a los dos, a Mário Soares y a Fernando Henrique Cardoso. Y los dos tenían esa visión de la cooperación entre América Latina y Europa. De hecho, para Mário Soares era vital que América Latina y Europa, y para él, la dimensión africana de esas dos relaciones, fuera un elemento vital. Pero, sobre todo, quiero destacar que Mário Soares, durante toda su relación con América Latina, que tiene infinidad de episodios, porque era un gran viajero, un gran conferenciante y un muy buen negociador, siempre tuvo un objetivo: la recuperación de las libertades y la democracia, y el vínculo de esta región culturalmente tan cercana a Europa, el vínculo con Europa.

Eso es lo que define toda la trayectoria de Mário Soares, tanto en las Conferencias Iberoamericanas como en todos los trabajos que se han realizado en relación con América Latina. Él estaba, como es natural, en contra de la dictadura de Pinochet. Ayudó a la recuperación de las libertades en Argentina. Era amigo e interlocutor de una persona como Raúl Alfonsín, que tenía las mismas cualidades humanas y convicciones democráticas que Mário Soares.

Ambos creían en la virtualidad, incluso más allá de las amenazas, en la fuerza de la democracia para superar los obstáculos que surgieron naturalmente en todo el proceso de democratización de América Latina. En este momento estaría sufriendo, porque ese inmenso progreso que se logró en aquella época ahora está retrocediendo en varias de las repúblicas iberoamericanas que habían accedido a la democracia.

Él, con su pasado comunista, conocía muy bien los riesgos del comunismo y, por lo tanto, combatía y luchaba, como socialdemócrata comprometido, contra todas las dictaduras de cualquier signo, pero también contra las dictaduras comunistas.

### Nancy Gomes

Bom dia a todos. Muito obrigada pela presença e pelo interesse. Um agradecimento especial para o senhor embaixador do México, Bruno Figueroa por, há um ano ou pouco menos, desafiar a Organização dos Estados Ibero-americanos a realizar um evento sobre Mário Soares e a América Latina. Muito obrigada à professora Ana Paula Laborinho por ter desafiado a Cátedra de Estudos Ibero-Americanos para ajudar na organização deste evento. Estou feliz, de facto, por poder estar aqui a partilhar com vocês uma parte daquilo que foi o meu trabalho e a minha pesquisa no âmbito do doutoramento. Tive o privilégio de entrevistar Mário Soares nos dias 4 e 9 de fevereiro de 2011, no âmbito da pesquisa para a tese de doutoramento sobre a política de Portugal para a Ibero-América, tendo registado algumas das suas ideias, nomeadamente aquelas que têm a ver com o tema deste painel, a Internacional Socialista e a América Latina. Mário Soares disse-me, : “em Paris, conheci Willy Brandt, que me convidou a entrar na América Latina”. Na verdade, ele utilizou outra palavra que chamou a minha atenção, ele falou de “penetrar a América Latina, onde os socialistas ainda não tinham conseguido entrar”.

Por outro lado, e após escutar o testemunho do ex-presidente espanhol Felipe González, vale a pena referir um pequeno texto de um autor, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, no seu artigo, com o título *A Internacional Socialista e a América Latina*, publicado em 1980. Ele refere,

“não deve parecer uma simples coincidência o fato de que o PS português e o PSOE, o Partido Socialista espanhol, tenham sido forças fundamentais no estabelecimento de contatos entre a Internacional Socialista e as forças políticas na América Latina. Como também não é coincidência que Mário Soares e Felipe González tenham sido importantes pontas de lança nas campanhas latino-americanas da Internacional Socialista, ou desta internacional política. As velhas relações culturais que provêm desde o tempo colonial têm, por certo, o seu peso, começando pela identidade linguística”.

Vamos começar a primeira ronda de questões aos intervenientes nesta sessão. A primeira é dirigida para Bernd Rother, da Fundação Willy Brandt - A aposta de Brandt convidar Mário Soares a chefiar a primeira delegação da Internacional Socialista na América Latina deveu-se ao fato de Mário Soares ser português ou simplesmente por ser Mário Soares?

### Bernd Rother

En primer lugar, quiero dar las gracias a los organizadores de este importante evento por invitarme y organizar este homenaje a Mário Soares, una figura tan importante del siglo XX y de principios del siglo XXI para Portugal y para el socialismo internacional. Para responder a la pregunta, en lo que respecta al socialismo internacional, diría más bien por ser portugués, pero también por el peso institucional que tenía Mário Soares en 1976. Hay que recordar que en 1976 era el primer ministro de Portugal, el Partido Socialista de Portugal era el partido del Gobierno, obviamente, y los socialistas españoles aún estaban casi en la clandestinidad. Su primer congreso, en diciembre de 1976, fue tolerado, pero no permitido, por el gobierno, aún no se podía hablar de transición, pero sí de restos del franquismo. Entonces, ese peso institucional, los éxitos electorales de 1975 y 1976 dieron a los socialistas portugueses una ventaja enorme, en comparación con los españoles, que tuvieron que esperar unos años más hasta entrar en el Gobierno seis años después de 1976, solo a finales de 1982. Hay que recordar también que, en el Congreso de la Internacional Socialista, celebrado en Ginebra en

noviembre de 1976, donde Willy Brandt fue elegido por primera vez presidente de la Internacional, los delegados eligieron 14 vicepresidentes, entre ellos Mário Soares, pero ningún español.

Felipe González entró en la vicepresidencia de la Internacional Socialista solo en 1978. Por eso, Mário Soares es una figura muy importante, sí, pero más por su peso internacional. Y, en este contexto, me gustaría hablar un poco sobre la relación personal entre Willy Brandt y Mário Soares, porque es interesante. Hay un tira y afloja. Hasta el 25 de abril de 1974, casi no había relación personal entre los dos. Se habían visto en congresos socialistas internacionales, pero nunca se habían encontrado cara a cara. Mário Soares lo quería, lo intentaba en los años 1973, 1974. Cuando, al final, consiguió una cita con el Canciller Federal de Alemania, esa cita se programó para el 25 de abril de 1974. Obviamente, por la mañana, aún por la noche, creo que eran las 5 de la madrugada, llegó la noticia del golpe militar. En ese momento no se sabía exactamente si se trataba de una revolución democrática, pero sí de un golpe militar. Mário Soares canceló la reunión con Willy Brandt y se fue de París a Lisboa.

Dos o tres semanas más tarde, se reunieron por primera vez, entonces Mário Soares como representante del gobierno provisional. En ese momento comenzó una fuerte relación política y personal entre los dos, porque Willy Brandt comprendió rápidamente que era importante ayudar, apoyar a los socialistas portugueses, que no solo no disponían de ninguna organización firme, sino que necesitaban apoyo frente al aparato con mucho dinero de los comunistas. Antes se había mencionado Portugal como ejemplo de la victoria de los mencheviques contra los bolcheviques, una expresión muy acertada de Mário Soares, pero eso también dependía del apoyo de partidos fraternales, una solidaridad internacional. Y, a partir de ahí, hasta más o menos 1980, hubo una estrecha relación personal y política entre ambos. Pero, desde 1980 hasta 1986, más o menos, otro momento de baja. ¿Por qué? Porque después de una primera evaluación positiva de la revolución Sandinista en Nicaragua, en septiembre de 1979, por parte de Mário Soares, ya a principios del año 1980, Mário Soares comenzó a ver tendencias marxistas-leninistas entre los Sandinistas, mientras que la mayoría de los miembros de la Internacional Socialista argumentaba que no se debía dejar a los Sandinistas solos en manos del apoyo de la Unión Soviética. Hubo discusiones bastante fuertes dentro de la Internacional y Mário Soares y los socialistas portugueses quedaron en minoría en este tema hasta 1986, 1987. También había otros temas en los que discreparon Willy Brandt y Mário

Soares. Pero, a finales de los años 80, una vez resueltos estos problemas, se reanudaron los contactos cordiales y amistosos, y Mário Soares fue invitado a la fiesta del 75° aniversario de Willy Brandt. Por supuesto, en el funeral de Willy Brandt, en 1992, él estuvo presente.

La relación entre los dos tuvo sus momentos buenos y bonitos, pero también otros más difíciles. Pero eso es normal en política. Que todos están de acuerdo, es algo poco habitual. Permítanme añadir una pequeña cosa como tenemos aquí entre nosotros, el embajador de México. Es importante subrayar que la iniciativa para el acercamiento entre los progresistas latinoamericanos y los socialdemócratas europeos partió de los latinoamericanos, no de los europeos. Fue en 1975, cuando Willy Brandt visitó México, que el PRI y también la Acción Democrática de Venezuela, de Carlos Andrés Pérez, propusieron a Willy Brandt organizar un congreso, lo que dio lugar al congreso de Caracas, en mayo de 1976, y ese fue el inicio de la colaboración entre la izquierda moderada de América Latina y de Europa.

### Nancy Gomes

Muito obrigada. Agora a pergunta é para um dos nossos intervenientes que está ligado à revista *Nueva Sociedad*, Mariano Schuster - Mário Soares disse-me numa entrevista que Willy Brandt convidou-o a formar parte da direção da revista, para a qual também escreveu. Mariano, gostávamos de conhecer um pouco mais sobre o papel de Mário Soares na revista e de lhe perguntar se podemos falar de um pensamento ibero-americano de Mário Soares?

### Mariano Schuster

Muchas gracias, en primer lugar, por invitarme a participar en este panel. Muchas gracias a los organizadores y organizadoras, a la OEI, a Fabian Schmiedel, de la Fundación Friedrich Ebert. Y, efectivamente, Mário Soares tuvo una relación directa con la revista *Nueva Sociedad*, que es anterior a su nombramiento como vicepresidente de la Internacional Socialista y es incluso anterior a la Revolución de los Claveles. La revista *Nueva Sociedad* se fundó en 1972 como una primera iniciativa para desarrollar una política socialista en América Latina, una política socialista en términos intelectuales, de ideas, de pensamiento político, abierta a diferentes corrientes de lo que se podría llamar el espectro progresista. De hecho, esa es la palabra que se utiliza dentro de la revista ya en esos años. Y, efectivamente, Brandt, en realidad, Brandt, a través de Klaus Lindenberg, que es el primer jefe de redacción,

director de la revista Nueva Sociedad y asesor de Brandt, invita a Soares a formar parte del Consejo de Redacción de la revista. Y coincidiendo, en buena medida, con los planteamientos que acaba de hacer el compañero Bernd Rother.

En ese comité de redacción, por ejemplo, no estaba Felipe González, estaba Henrique Tierno Galván, porque las relaciones en ese momento eran con el Partido Socialista Popular, no con el Partido Socialista Obrero Español, que empiezan un poco más tarde y que luego se fusionan.

El PSP de Tierno, el maravilloso alcalde de Madrid, aún hoy recordado, que luego pasó a formar parte también del PSOE. Hay que entender que, en ese momento, aún no se había producido, estamos hablando de 1972, ni siquiera se había producido en España el Congreso de Suresnes, tan importante para el PSOE, y Mário Soares tenía una relación muy activa con América Latina. En ese momento, había viajado en varias ocasiones, de hecho, en 1973, está en Chile con agenda antes del golpe militar de Augusto Pinochet, y ya había establecido una serie de vínculos que favorecen la posibilidad de su integración en ese Consejo de Redacción. Y esa relación de Soares con la Nueva Sociedad continúa en el tiempo. Tanto es así que Nueva Sociedad, cuando se funda en Costa Rica, los inicios de la revista son en Costa Rica, se traslada rápidamente a Venezuela, un país que, como se dijo en el primer panel, era un país excepcionalmente democrático en la región, excepcionalmente democrático. Y trabaja en relación con Klaus Ludendorff, que es el segundo director de la revista, y luego con Alberto Kojuts, que es el tercer director de la revista.

Mantiene una relación permanente con los directores de la publicación. Ahora bien, también tenemos que, un poco para continuar en el estilo de Bernd decir que hay complejidades en estas relaciones, el Consejo de Redacción, en el fondo, era un Consejo de Redacción nominal, es decir, se convocaba a grandes figuras del socialismo internacional, europeo y latinoamericano, que daban a la publicación un lustre, una perspectiva hacia afuera.

Esto no quiere decir que las personas que formaban parte del Consejo de Redacción propusieran los artículos. De hecho, Mário Soares tenía tareas políticas de primer nivel que le impedían, obviamente, proponer artículos para su publicación. Pero es muy interesante la perspectiva que plantea Soares, aunque no la escriba, pero que se refleja en algunos de los encuentros que mantiene con los dirigentes latinoamericanos, sobre todo en las misiones de 1978 y

1979, y hay una entrevista que he traído aquí, la versión original de la entrevista es uno de los tres ejemplares que aún conservamos. Quería dejarla aquí, en la Fundación Mário Soares, ya que expresa en buena medida el pensamiento de Soares sobre América Latina.

Y es un pensamiento que, como ha dicho el embajador Bruno Figueroa, va más allá de la cultura política, apunta también a la cultura latinoamericana, apunta a comprender las características fundamentales del paradigma cultural latinoamericano. Soares era un gran lector, había leído a García Márquez, a Jorge Amado, era un hombre culto, y eso le permitía absorber también las características de una izquierda latinoamericana que estaba muy lejos de ser socialdemócrata en el sentido europeo del término. Y eso me parece sustancialmente importante. Porque la perspectiva de Soares no era la de una traducción lineal de la socialdemocracia europea a América Latina, tal y como se entendía en aquel momento la socialdemocracia europea, sobre todo la alemana, producto del programa de Bad Godesberg que transformó la visión socialdemócrata, si no la de un socialista que apoyaba los procesos de descolonización africana de las colonias portuguesas, capaz de comprender matrices de pensamiento de izquierda que no coincidían necesariamente con la matriz socialdemócrata europea. Esto se ve claramente cuando, en las páginas de la revista, por ejemplo, se recogen y se muestran las reuniones que mantuvo, aquí se ha mencionado a Raúl Alfonsín, estuvo en la toma de posesión del Dr. Alfonsín en el año 1983, luego se reunió con Patricio Aylwin en Chile también, pero antes, Mário Soares tenía vínculos, pensemos simplemente en la estructura de la Internacional Socialista, ustedes saben que el Partido Chileno de la Internacional Socialista en esos años era el Partido Radical Chileno, no el Partido Socialista. ¿Y con quién se reunió Mário Soares? Con los radicales, pero también con los exiliados del Partido Socialista y del Partido Comunista.

Cuando se reunió con exiliados argentinos, se reunió con exiliados de la Unión Cívica Radical y con exiliados de un partido trotskista, el Partido Socialista de los Trabajadores.

Los elementos que nos proporcionan las fuentes primarias nos permiten ver que hay una vocación por entender dinámicas políticas diferentes con matices ideológicos diferentes. Y creo que la concepción anticolonial se traduce en la relación con América Latina en un matiz, digamos, de lo que en aquella época todavía se llamaba antiimperialismo. Y eso queda muy claro en las páginas, por ejemplo, en las páginas de la revista. Por ejemplo, la relación

con el comunismo, que siempre ha sido compleja y se ha expresado aquí, -tuvo. Creo que debemos plantearla en términos de ambivalencias. En la entrevista del año 78, Mário Soares, en Nueva Sociedad, hace una reivindicación muy fuerte del eurocomunismo como una vía socialdemócrata dentro del comunismo europeo, para distinguirlo, sobre todo porque, en realidad, está debatiendo internamente con Cunhal. Es una forma de debatir con Cunhal. Pensemos que el Congreso del Partido Socialista Portugués de 1974 invita a Santiago Carrillo como orador, lo que genera cierta confusión con el Partido Socialista Obrero Español, para mostrar que aquí hay un comunista comprometido con los derechos y las libertades.

Y él ve que en América Latina ese tipo de matriz marxista todavía predica a la izquierda y hay que trabajar con la gente para llevarla a la socialista internacional, para social democratizar esas tendencias.

Y eso me parece un dato importante. Y eso se expresa también, por ejemplo, en su relación con Carlos Andrés Pérez, que, como todos saben, fue el líder de Acción Democrática en Venezuela, pero también se junta con Teodoro Petkoff, del MAS. Eso está expresado en las páginas de Nueva Sociedad, del Movimiento al Socialismo, que tenía una posición que, podríamos decir, era más a la izquierda. Y, para terminar, diría que, en Nueva Sociedad, además, se publican muchos documentos del socialismo portugués. Por ejemplo, un documento del año 1976, del Congreso del Partido Socialista Portugués, un documento de Mário Soares, que se llama El Pueblo No Come Ideología, para decir que la ideología es una guía, pero que también hay que ser pragmáticos en política. Así pues, lo que percibimos en las páginas de Nueva Sociedad son posiciones de acercamiento iberoamericano en términos culturales y políticos más amplios que los que otorga la propia dimensión de la socialdemocracia y, sobre todo, la ruptura con el eurocentrismo de la Internacional Socialista que tenía en aquel momento y, en ese sentido, conecta con la posición de Willy Brandt, porque Mário Soares es el artífice, junto con Brandt, de la creación del Comité Latinoamericano de la Internacional Socialista y, por supuesto, del Congreso de Estoril y de los procesos de democratización en América Latina.

Y eso solo se consigue, y pensemos que en ese Congreso está el teólogo de la liberación, Ernesto Cardenal, que uno diría socialdemócrata, no podría incluirse en esa categoría si hiciéramos un esquema politológico rígido. Mário Soares entiende que la izquierda latinoamericana tiene matrices diferentes y

que necesita vincularse a esas matrices para poder llevar esas mismas matrices a una estrategia de social democratización.

### Nancy Gomes

Mário Soares chefiava a primeira delegação da Internacional Socialista enviada para a América Latina. De 15 a 25 de março de 1978, os destinos visitados incluíam México, República Dominicana, Jamaica, Costa Rica e Venezuela. Durante as visitas, a delegação estabeleceu contactos com vários partidos políticos, afins e não afins à Internacional Socialista do México, Chile, Peru, República Dominicana, Porto Rico, Jamaica, Costa Rica, El Salvador, Paraguai, Nicarágua, Guatemala, Venezuela, Panamá, Brasil e Aruba. Nas palavras do próprio Mário Soares: “através destes contactos procuramos obter informações sobre o complexo sistema político da América Latina e afirmar a solidariedade da Internacional Socialista em relação aos partidos progressistas desta região” -, excerto do relatório com o título A Deslocação de uma Delegação da Internacional Socialista à América Latina, que está no arquivo da Fundação Mário Soares. Referindo novamente entrevista realizada a Mário Soares:

“entre 1968 e 1974 viajei para vários países. Fui eu quem convenceu Raul Alfonsín e os governos do Uruguai, Peru, Equador, Colômbia, República Dominicana a entrarem na Internacional Socialista”. Mário Soares disse-me também que, “contrariando as indicações do governo dominicano, participei numa caravana da delegação da Internacional Socialista e do Partido Revolucionário Democrático pelos bairros de Santo Domingo...”.

Professora Ana Mónica Fonseca fale-nos, por favor, do papel que desempenhou Mário Soares na Internacional Socialista.

### Ana Mónica Fonseca

Muito obrigada, Nancy. Quero também, cumprimentar todos os organizadores, agradecer a oportunidade de estar aqui e, também, esta celebração do papel de Mário Soares e as suas relações com a América Latina, da qual a Internacional Socialista não podia estar de fora. Nancy, permite-me voltar um bocadinho atrás no tempo, porque, tal como Bernd e Mariano também já referiram, considero que é muito importante também realçarmos que estas ligações de Mário Soares e da Internacional Socialista à América Latina, por meio do próprio, começaram antes do 25 de abril de 1974 e, focando

aqui o papel de Mário Soares na Internacional Socialista e na América Latina, foi muito importante naquilo que foi também a validação e a confirmação do mesmo como um líder fiável, confiável e importante para os objetivos da Internacional Socialista. Começaram antes do 25 de Abril de 1974, começaram até um pouquinho antes da fundação do próprio PS em 1973, e a ligação de Mário Soares com a América Latina e essa utilidade que acabou por servir de cartão de visita da Internacional Socialista para a América Latina, começaram também então nessa altura.

Foi muito importante para Mário Soares e pela leitura dos documentos, quer da Fundação Friedrich Ebert no Arquivo da Social Democracia em Bona, quer no arquivo da própria Internacional Socialista, pois percebemos o que Mário Soares fazia das suas viagens, que foram várias as viagens e as missões de contacto que fez à América Latina antes do 25 de Abril de 1974, bem como importante no reforço da imagem que Mário Soares tinha no seio da Internacional Socialista, para transmitir essa ideia de adaptabilidade, conhecimento do terreno, sensibilidade para a realidade latino-americana. Julgo que se eu tivesse que descrever Mário Soares numa só palavra, como historiadora, infelizmente não contactei com ele pessoalmente tantas vezes quanto isso, mas eu acho que pragmatismo seria uma das palavras-chave para o definir. Este lado pragmático, este lado de saber olhar para a realidade e perceber o que é preciso fazer para conseguir alcançar determinado objetivo ou determinada penetração. Neste caso, na América Latina, eu acho que era realmente um dom que Mário Soares tinha. E nesse sentido, a atuação de Mário Soares na América Latina, antes do 25 de Abril de 1974, antes do encontro com o Willy Brandt, tudo isso era bastante importante já, e, portanto, considero que era importante também deixar aqui esta nota.

Mário Soares vai ser sempre apresentado e vai ser sempre encarado e ele próprio vai olhar para a Internacional Socialista sempre como, obviamente, um canal central para aquilo que é o desenvolvimento das suas credenciais internacionais e, portanto, não nos esqueçamos que o PS será sempre o único partido que tem pública e claramente o apoio dos líderes dos grandes países europeus, nomeadamente aqueles que estavam na Internacional Socialista e que estavam ou tinham acabado de estar nos governos dos seus próprios países, portanto, não só credenciais internacionais do ponto de vista partidário, mas que dava acesso direto àquilo que era as lideranças dos governos europeus. E depois também, obviamente, Mário Soares era o caso de sucesso, depois mais tarde com Felipe Gonzalez, mas primeiro Mário Soares, o caso de sucesso em que um partido da esquerda democrática, da esquerda não

comunista, conseguiu liderar uma transição de um regime autoritário de direita, não deixando cair no comunismo.

Há aqui esta dupla credencial vitoriosa de Mário Soares no final da transição portuguesa, em que é o primeiro-ministro do primeiro governo constitucional do regime democrático implantado em Portugal a partir de 25 de abril de 1974, que derrotou não só as forças autoritárias de direita, mas também as forças comunistas e, portanto, há aqui uma dupla valência que vai ser muito importante depois naquilo que é o atravessar do Atlântico Sul dos ideais do socialismo democrático através da Internacional Socialista.

A Internacional Socialista vai ser então melhor, Mário Soares vai ser então um dos porta-vozes da Internacional Socialista. A conferência do Estoril que o Mariano referiu é realmente central naquilo que é, pela primeira vez, a realização na Europa Ocidental de um encontro de partidos próximos, hermanos, não é? Progressistas da América Latina e de Portugal. Eu tive a oportunidade de estudar detalhadamente a viagem preparatória para os convites realizados para essa viagem. Houve uma missão, não, a de Mário Soares, mas de Bernardino Gomes e Klaus Lindenberg, precisamente, que atravessaram vários países da América Latina, também a tentar perceber, fazer primeiro um scouting, não sei exatamente como traduzir esta palavra, peço desculpa, uma avaliação prévia, digamos assim, os contactos prévios com os tais interlocutores que poderiam ou não ser mais sensíveis e mais “social democratizáveis”. Mas essa viagem foi uma viagem bastante longa. Lá está com o apoio da Fundação Ebert da Venezuela. O Klaus Lindenberg, na altura, era já conselheiro de política externa de Willy Brandt e era então o enviado do SPD e da Fundação Ebert. Então eram os dois que faziam essa viagem, fizeram essa viagem de mais de um mês sobre várias cidades latino-americanas, precisamente para fazer este tal trabalho preparatório da conferência, que depois resultou na conferência do Estoril. E eu acho que, para terminar, também não quero exceder o meu tempo, acho que é muito importante uma frase no discurso de Willy Brandt, precisamente no encerramento da conferência do Estoril, em outubro de 1978, que termina o seu discurso a dizer que a Internacional Socialista, o socialismo democrático, tinha demonstrado em Portugal, ou seja, na Europa “Latina”, aquilo que podia ser feito rumo a uma democracia e que era a altura agora de mostrar à América Latina que também poderia fazer isso. Esta expressão é mesmo usada por Willy Brandt. Portanto, esta ideia de que Portugal, que o PS, Mário Soares, tinha uma perspetiva e uma proximidade estreita com aquilo que é a realidade latino-americana, que vai ser sempre uma mais-valia e vai

ser amplamente utilizada e explorada, digamos assim. Quer obviamente pela Internacional Socialista, quer também pelo próprio Mário Soares, que conseguiu sempre mobilizar todas as atenções e todos os apoios, e sendo uma pessoa altamente carismática também, captar muita atenção, até mediática, em torno destas questões.

### Nancy Gomes

Muito obrigada! E é precisamente pelas ações e decisões de internacionais políticas, como a Internacional Socialista, que eu costumo dizer aos meus alunos que o nosso objeto de estudo no âmbito das relações internacionais tornou-se mais complexo. Por quê? Porque estas entidades passaram a ser intervenientes. E estamos aqui, de facto, a refletir também sobre a atuação de uma internacional política e vemos como efetivamente a sua ação e decisão no terreno conseguiu influenciar processos, nomeadamente o processo de democratização na região. Eu peço agora a João Torres para que nos fale um pouco sobre o papel da Internacional Socialista na América Latina.

### João Torres

Muito bom dia a todas e a todos. Queria começar por cumprimentar a professora Ana Paula Laborinho e nela cumprimentar também outras personalidades de destaque e de relevo que hoje estão aqui, quer do campo da diplomacia, quer o Paulo Neves, Presidente do IPDAL, o Fabian da Fundação Friedrich Ebert, e permitam-me ainda um cumprimento e uma saudação muito especial de dois amigos que aqui hoje estão presentes e que são figuras, de facto, que estão intimamente ligadas a diferentes fases da vida de Dr. Mário Soares. Em primeiro lugar, Dr. Vítor Ramalho, cuja proximidade e intimidade com o doutor Mário Soares, eu ainda tive a oportunidade de testemunhar, e já agora saudá-lo com muito especialmente, e o meu amigo Filipe Barroso, que, tal como eu, e felizmente muitos socialistas, procuramos sempre erguer a tocha soarista no âmbito da nossa participação político-partidária. E eu começaria por dizer o seguinte, a Internacional Socialista hoje está numa tentativa de recuperação, após muitos anos de letargia. É evidente que a eleição há dois anos do Presidente Sánchez, como Presidente da Internacional Socialista, conferiu-lhe um outro impulso, mas eu creio que, sensivelmente depois da presidência da Internacional Socialista de António Guterres, a organização decaiu muito.

E ainda hoje há vice-presidentes na Internacional Socialista, como, por exemplo, a Pia Locatelli, que é do Partido Socialista Italiano, não do Partido Democrático, mas ainda do velho Partido Socialista Italiano, que recordam com saudade esses tempos e assistiram depois a um enfraquecimento muito grande e progressivo da Internacional Socialista e até à saída de muitas organizações-membro. Hoje, olhando para a realidade da União Europeia, tem havido agora algumas evoluções muito favoráveis e positivas, mas a verdade é que os grandes modelos inspiradores do socialismo democrático, da social-democracia, do trabalho, não fazem parte da internacional socialista e isso leva evidentemente a que o trabalho seja complicado atualmente. Não me querendo repetir, ou procurando ao mínimo repetir factos que aqui já foram partilhados, eu começaria por dizer o seguinte.

Eu acho que aquilo que devemos a Mário Soares e Felipe González, mas fundamentalmente a Mário Soares, por uma questão que aqui já foi abordada, aliás, pela professora Ana Mónica Fonseca, o que devemos é o ato ou o feito de se ter conjurado fantasmas do passado relativamente ao colonialismo no espaço da América Latina e também o facto de ter sido possível diluir rivalidades ibéricas, porque elas existiam, hoje não as percebemos como tal, mas essa foi também uma herança muito importante que o doutor Mário Soares nos deixou.

E foi também com Mário Soares e Felipe González, naturalmente, que se iniciou uma relação de cooperação com muitos dos países da América Latina no plano político, e depois, mais adiante, no plano económico e no plano social. Uma relação de cooperação nasce em princípios fundamentais, a igualdade, o respeito mútuo, a reciprocidade, tratar os Estados por igual, e esse é, de facto, um património que a intervenção de Mário Soares, que eu dividiria, aliás, em três fases, antes, digamos assim, da revolução dos escravos, depois, no período inicial pós-Revolução dos Cravos – em que ele já era Secretário-Geral do Partido Socialista, mas estávamos num processo ainda de transição democrática – e depois mais tarde, diria que talvez a partir da própria Presidência da República, onde ele se calhar já não tão conectado com a Internacional Socialista, mas usa a sua magistratura de influência para, em coerência com o seu passado, sublinhar muito a importância da América Latina para todos nós. E, de facto, antes do 25 de Abril, Mário Soares, por exemplo, em 72, reuniu com Salvador Allende, no Chile, reuniu com Raul Alfonsín antes também da Revolução dos Cravos em Portugal, uma revolução que depois só aconteceria na década de 80, na Argentina, como no Uruguai, como noutros países da América Latina. Portanto, o doutor Soares,

como há pouco estava justamente a sublinhar, ganhava um prestígio muito especial justamente por ter aquela dupla credencial que aqui foi mencionada e que eu gostava justamente de valorizar. É que não apenas em Portugal, o doutor Mário Soares foi, inequivocamente, o vencedor civil, digamos assim, da Revolução dos Cravos. É um pouco redutor olhar as coisas desta forma, mas de facto há um primeiro vencedor civil em Portugal, que foi doutor Mário Soares, e depois também houve o feito de se ter derrotado o Partido Comunista Português em eleições e também o modelo de sociedade e de democracia que o Partido Comunista Português queria implementar em Portugal. E isso granjeava-lhe um enorme prestígio. E o Dr. Mário Soares usou esse prestígio em benefício da construção de pontes. No contexto da Internacional Socialista, teve fundamentalmente duas missões. Uma muito contínua, que foi justamente a relação com a América Latina. Alguns amigos próximos também de Mário Soares dizem que, pelo facto de ele dominar três línguas, o português, o francês e o “portunhol” se sentia especialmente à vontade para intervir justamente na América Latina. Depois, mais tarde, teve também um papel importante no Médio Oriente, em particular com Arafat, em episódios que têm outros contornos e que foram também muito marcantes da história política. Antes do 25 de Abril, Mário Soares teve um papel muito ativo a partir de Willy Brandt. Ele tem a perfeita noção da importância das relações internacionais. O Partido Socialista, como todos sabem, foi um partido fundado na Alemanha, com a ajuda da Fundação Friedrich Ebert, do SPD, e isso está muito na génese, vou terminar, e isso está muito na génese da própria intervenção política do Partido Socialista. Apenas para terminar, enfim, já se falou aqui de várias matérias, duas notas muito breves, mas mesmo muito breves. A primeira é que Mário Soares teve um papel muito importante para a realidade portuguesa, ao conseguir afirmar a lusofonia em pé de igualdade com a hispanofonia. Isto é muito relevante, ou seja, ele conceber o espaço da Ibero-América como um espaço de diferentes culturas, de diversidade, mas também de duas línguas. Isso é algo muitíssimo importante que penso que ainda não foi aqui referido. E por último, eu terminaria apenas com um exemplo pessoal e fazendo uma ligação para a teoria das três ondas, das três fases de democratização de Samuel Huntington. Em que Samuel Huntington, que escreve este livro, ou esta teoria, em 1991, diz que foi em Portugal que começou a terceira fase, a terceira vaga, a terceira onda da democratização, com a Revolução dos Cravos, que, depois, é acompanhada pela transição democrática em Espanha, pela realidade política da Grécia, e depois, na década de 80, por outros processos de democratização, em particular na América Latina. Não referi este aspeto apenas para dar nota de uma experiência meramente pessoal, que

nem sequer é relevante, mas que é absolutamente marcante. Eu, no ano passado, tive a oportunidade de participar numa missão de observação eleitoral nas eleições da República Dominicana, e o Presidente Luís Abinader, numa intervenção que não era focada em Portugal, era uma intervenção junto de todos os observadores eleitorais, faz essa referência a Portugal e à Revolução dos Cravos como a inspiração da democratização da América Latina.

Por isso, temos muito em comum em relação ao passado, mas temos também um futuro comum para construirmos em conjunto. Muito obrigado.

### Nancy Gomes

Parece-me que temos um minuto para uma pergunta. Alguma intervenção?

### Mariano Schuster

Una cosa es que la relación de Mário Soares con América Latina no terminó en la década de 1980. Es interesante volver a repasar la historia y ver cómo continuó. Hay un libro con una entrevista a Mário Soares en el que, por ejemplo, se menciona la excelente relación que tenía con Fernando Henrique Cardoso. Y también la tuvo con Leonel Brizola, en su momento, que era el líder del PDT, que era el Partido de la Internacional. Pero cuando tuvo que apoyar a Lula, lo hizo. Y, de hecho, Soares, que fue muy crítico con la tercera vía de Tony Blair y con el socio liberalismo, participó en el Foro Social Mundial. Fue el único líder de la socialdemocracia internacional que participó en el Foro Social Mundial de Porto Alegre.

Me parece que esto es importante, porque se extiende hasta la década de 2000, con la nueva ola de gobiernos progresistas latinoamericanos. Y esto también merece cierta atención. Y solo una nota más. Soares, cuando viajaba a América Latina, se jugaba la vida criticando dictaduras.

Y al mismo tiempo, Franz Josef Strauss, que era uno de los líderes de la CDU, visitaba Argentina para reunirse con Videla en señal de apoyo. Y eso también hay que contrastar. Hay que contrastar lo que hacían los socialistas con lo que hacían las derechas.



**PORTUGAL E AS CIMEIRAS  
IBERO-AMERICANAS**

## PORTUGAL E AS CIMEIRAS IBERO-AMERICANAS

Clique para assistir: [https://youtu.be/ae\\_DeqasoHc?si=BC4SSu8Wwbybswfw](https://youtu.be/ae_DeqasoHc?si=BC4SSu8Wwbybswfw)

### Paulo Neves

Eu começava pela doutora Nancy, precisamente recordando qual foi o entusiasmo de Portugal em toda esta dinâmica que levou à realização da *I Cimeira Ibero-Americana em Guadalajara* e à criação da SEGIB. É importante que tenhamos em consideração que Portugal esteve presente em todas as cimeiras, representado ao mais alto nível.

### Nancy Gomes

Muito obrigada, Paulo. Bem, uma coisa são as cimeiras e outra é a Secretaria Geral Ibero-Americana ou SEGIB, que, podemos dizer, é o órgão que institucionaliza ou a partir do qual institucionalizam-se os esforços de cooperação no âmbito ibero-americano e que aparece só no ano 2005. A SEGIB teve um antecedente, a SECIB (Secretaria de Cooperação Ibero-americana).

Relativamente às Cimeiras Ibero-Americanas, a primeira teve lugar em Guadalajara, México, em 1991. Estamos a falar de um contexto muito particular no âmbito das Relações Internacionais, o fim da Guerra Fria, e, portanto, um contexto facilitador, sobretudo para a Espanha ou para o governo espanhol, que foi, efetivamente, quem teve a iniciativa, quem fez a proposta – podemos dizer que num novo formato, a proposta da criação de uma comunidade ibero-americana e não hispano-americana, e, portanto, o fim das hostilidades entre os EUA e a ex-URSS foi realmente um contexto facilitador. O governo espanhol vai fazer o seu trabalho de casa, vai chamar aos governos do México e Brasil [Já agora, aqui estão presentes os embaixadores destes dois países]. Criou-se, então, uma comissão tripartida bastante entusiasta e que também, podemos dizer, acabou por convencer a Portugal.

E porquê convencer? O Paulo perguntou-me qual era, enfim, o entusiasmo de Portugal, eu respondo-lhe que não era muito, mas para Mário Soares que era na altura presidente de Portugal, sim. Ele confessou-me numa entrevista que sim, que estava muito contente, muito entusiasmado, mas o governo de Portugal, com o Professor Aníbal Cavaco Silva como primeiro-ministro, não. Isto foi-me dito de forma clara por vários representantes do governo,

inclusive pelo embaixador António Martins da Cruz, que então era conselheiro do primeiro-ministro. Foi-me dito (em entrevistas) que existiam reticências por parte do governo português devido ao protagonismo de Espanha. Naturalmente, volto a repetir, a iniciativa era uma iniciativa espanhola e Portugal não percebeu num primeiro momento o que podia ganhar efetivamente. Um Estado adere a um espaço de cooperação quando consegue perceber custos e ganhos. Portanto, o governo português foi representado ao mais alto nível, esteve lá o primeiro-ministro, o presidente da República e o Paulo disse muito bem, em todas estas 29 cimeiras – a próxima será a número 30 em Madrid, penso eu, no próximo ano, Portugal esteve representado ao mais alto nível. Ou seja, apesar do desinteresse inicial, podemos dizer que Portugal apostou, decidiu apostar. Mário Soares disse-me, em entrevista, que o próprio Aníbal Cavaco Silva, lá em Guadalajara, achou o palácio onde se realizou o evento (Palácio-Hospício Cabañas) um lugar muito bonito, ficou muito bem impressionado com o trabalho, com a organização e com mesma Cimeira.

Foi um momento alto em que se apresenta um projeto de cooperação muito particular e especial porque era um projeto inclusivo. Inclusivo em que sentido? Estava aberto a todos os países da América Latina, sem exclusão, inclusive Cuba, que tinha sido excluída do sistema interamericano, que era o sistema vigente. Finalmente, Cuba foi convidada, e Fidel Castro participa, pelo menos, nas primeiras cimeiras. Depois, enfim, a coisa vai mudar... Desde esse ponto de vista, a de um espaço aberto, inclusivo, que não limita a participação dos seus membros a regimes exclusivamente democráticos, este encontro tornou-se paradigmático e um bom presságio, poderíamos dizer, daquilo que seguiria. Portanto, Portugal, em Guadalajara, com algumas reticências, mas representado mais alto nível, e assim vai continuar nas próximas cimeiras.

### Paulo Neves

Muito obrigado, Nancy. Eu aproveitava, aliás essa tua feliz definição de um projeto inclusivo da SEGIB e das Cimeiras Ibero-Americanas para perguntar à Cristina Manzano, para já dar as boas-vindas a Lisboa, que veio de propósito de Madrid para participar nesta iniciativa, que além de ter uma enorme experiência na diplomacia, na área da cooperação, é uma profissional extraordinária e está agora na SEGIB. Eu lembro que agora o secretário-geral adjunto da SEGIB é português, portanto Portugal está em grande destaque na SEGIB, porque o número 2 da organização agora é o embaixa-

dor Federico Ludovic, um grande embaixador português, um bom amigo, é o número dois da SEGIB. Mas, Cristina Manzano, hoje em dia o multilateralismo está a ser desafiado. Todas as organizações que reúnem países ou multilaterais, portanto, estão a ser desafiadas. Qual é, falando agora, que isto é uma iniciativa para falar do passado, do presente e do futuro, qual é a importância que uma organização como o caso da SEGIB, que reúne 19 países latino-americanos, mais Portugal, Espanha e Andorra, tem para as duas regiões, que estamos a falar de duas regiões, Europa e América Latina, e para os próprios países que fazem parte desta organização?

### Cristina Manzano

Muchas gracias, Paulo. En primer lugar, pido disculpas por no poder hablar portugués... todavía. Pasaré, pues, al español. También quiero dar las gracias a Ana Paula Laborinho, a la OEI, a IPDAL, a todos los organizadores y a la Fundación Friedrich Ebert por la invitación y por haber incluido a SEGIB en esta interesante convocatoria. Desde ya, es un placer escuchar a todos los participantes, conocer mucho mejor la figura de Mário Soares y, sobre todo, comprender también su papel y el papel de Portugal en la Comunidad Iberoamericana. Antes de responder a su pregunta, quería añadir tres cosas a lo que ha comentado la profesora Gomes, que, por supuesto, ha descrito muy bien el camino recorrido hasta llegar aquí. Quería hacer una observación sobre la historia, sobre el contexto, porque no era solo el momento del fin de la Guerra Fría, era un momento de reencuentro de los países de la Península Ibérica con América Latina; era en el contexto de la celebración del quinto centenario de la llegada de Colón a América. Y en esas conversaciones, España y México, Felipe González y Carlos Salinas de Gortari, decidieron tratar de sumar el apoyo de los demás mandatarios de todos los países. El lema con el que se celebró ese quinto centenario fue precisamente el del encuentro de los dos mundos.

Querían establecer una nueva relación entre ambos lados del Atlántico y recordaba lo que usted decía sobre los puentes. Se trataba realmente de construir puentes. Cuando se crea la Comunidad Iberoamericana, se hace sobre tres principios que siguen siendo los que la rigen hoy en día. En primer lugar, la horizontalidad. No hay ninguna relación asimétrica; los 22 miembros de la comunidad estamos exactamente en igualdad de condiciones. Es cierto que normalmente se dice que España tiene un mayor peso, que la sede está en Madrid, que se considera miembro fundador, pero, y aquí me corregirá Ricardo, el principio de horizontalidad rige rigurosamente en el funciona-

miento de la Comunidad. Otro que usted ha mencionado es la inclusión. Está en todos los países. En el acervo iberoamericano, la democracia y los derechos humanos forman parte esencial. Y sabemos que hay algunos países que nunca han estado en la misma definición de democracia y derechos humanos que entendemos otros, pero desde el principio se ha basado en la inclusión, en la participación, en que todos puedan estar alrededor de la mesa, y es una de las formas en que funciona.

Y el tercer principio es el del consenso. Consenso no significa unanimidad, y ahora también se está discutiendo sobre los límites de ese consenso en un momento en que todas las relaciones políticas, también las internacionales, también las iberoamericanas, están sometidas a la polarización, pero llegar a acuerdos por consenso es otro de los principios de la Comunidad.

Sabemos que es muy complicado, pero cuando se consigue, la fuerza política que tiene también es muy importante. También quería hacer un comentario sobre cuestiones que han surgido a lo largo de la mañana: sobre el peso de las relaciones personales. Se ha hablado mucho de la capacidad que tenía Mário Soares para establecer esa relación con líderes de todo tipo y con personas que no eran líderes. No importaba el espectro político. Creo que la Comunidad Iberoamericana se basa mucho en esas relaciones personales. Siempre hablamos de los valores compartidos, la historia, los vínculos culturales, etc. Y es cierto, y creo que no podemos olvidarlo en un momento en el que, por ejemplo, tres millones de latinoamericanos viven en España, unos siete en toda la Unión Europea, y un millón y medio de españoles viven en América Latina.

No recuerdo exactamente cuántos portugueses viven en América Latina, pero ahora usted me lo dirá. Esos vínculos están ahí, y no podemos dejar de lado la importancia que tienen, precisamente a la hora de buscar también el plano de los intereses.

Y permítanme hacer una pequeña autopromoción sobre la importancia de la SEGIB, que este año cumple 20 años, pues comenzó a funcionar en el año 2005. Como bien ha comentado anteriormente, hubo una Secretaría para la Cooperación. La cooperación se puso en el punto de mira en un primer momento, cuando se creó la Comunidad Iberoamericana de Naciones, y la cooperación en algunos campos que no eran naturales, como la cultura, la ciencia, la educación, etc.

Campos que luego se fueron ampliando. Aumentar la cooperación es una de las razones por las que se crea la SEGIB como institución; pero se trata de una unidad técnica. En realidad, lo que hacemos en la Secretaría General es apoyar lo que los países deciden que son nuestros mandatos, que son los mandatos de la comunidad, y lo que la Secretaría Pro Tempore, en cada mandato, decide que son las prioridades. Aumentar la cooperación, reforzar la cooperación iberoamericana es una de las razones por las que esto es importante, por lo que merece la pena, porque los resultados están ahí. Permítanme retroceder un segundo, un paso atrás, para mencionar un proceso en el que, insisto, Ricardo hablará porque está perfectamente involucrado y es que, como ha mencionado la profesora, la próxima Cumbre será en España, en el año 2026. Después de cada cumbre, los países se postulan y los miembros eligen dónde se celebrará. En esta ocasión, hay un sentimiento que impera y es la necesidad de seguir actualizándose, de seguir modernizando el funcionamiento de la Comunidad para adaptarla a los nuevos retos que tenemos, como se ha venido haciendo a lo largo de estos casi 30 años de funcionamiento. Y, en ese proceso, la Secretaría Pro Tempore española ha decidido involucrar a todos los países en una reflexión conjunta.

Ha habido tres reuniones que han aglutinado, como digo, a los 22 países, y de esas reuniones están saliendo, van a salir, las prioridades; va a salir lo que se llama la nota conceptual, que va a marcar el recorrido, va a marcar el calendario, va a marcar las citas de aquí hasta finales de 2026, cuando se celebrará la Cumbre de jefes y jefas de Estado y de Gobierno. Porque la Cumbre es solo el final, es la reunión política de más alto nivel, pero, mientras tanto, hay una buena cantidad de actividades que alimentan esa Cumbre. ¿Por qué es importante la Secretaría, por qué es importante la comunidad? Porque mantener ese nivel de interlocución política, esos espacios de diálogo, en estos momentos en que el multilateralismo está como está, cuestionado por todas las partes, sigue siendo importante. Siempre tenemos el reto de medir el éxito de las cumbres por la cantidad de mandatarios que acuden. Y es un arma de doble filo, porque claro que es importante que los mandatarios acudan, pero no podemos olvidar que hay muchas otras cosas que hay detrás.

Insisto, hay una cooperación iberoamericana que mantiene su ritmo, que aumenta año tras año y que aumenta el impacto que tiene en las ciudadanías iberoamericanas.

Hay otra razón, que es tratar de encontrar posiciones comunes para los retos globales. Muy fácil de decir, muy complicado de lograr, pero también permí-

tanme señalar que, en este momento, se está trabajando en un esfuerzo, no sabemos si se logrará o no, pero el recorrido ya vale la pena, que es tratar de presentar una posición iberoamericana común en relación con la Conferencia sobre la Financiación para el Desarrollo, que se celebrará en Sevilla a finales de junio y principios de julio. Los países iberoamericanos tienen situaciones comunes, tienen demandas comunes en relación con la necesaria reforma de la arquitectura financiera internacional y están trabajando para buscar esa posición común que presentar al resto del mundo como iberoamericanos. También es importante porque contribuimos a crear derechos para las ciudadanía iberoamericanas y derechos que sean reconocidos en los 22 países. El mejor ejemplo posiblemente es el Tratado Iberoamericano de Seguridad Social. No sé si lo saben, pero cualquiera de nosotros, miembros de países iberoamericanos, si hoy voy a trabajar a México, mañana a Brasil y al día siguiente vengo a Portugal, mi Seguridad Social se va acumulando, de modo que, al final, cuando tenga que jubilarme, puedo sumar mis cotizaciones.

Esto es único. Se da en la Unión Europea, que tiene otro tipo de institucionalidad, pero esto es gracias a un tratado iberoamericano. Y así, tantas otras cosas, la Carta Iberoamericana de la Discapacidad, por ejemplo, que se presentó en la última Cumbre, es un espacio generador de derechos.

Y solo dos puntos y termino muy brevemente. También es importante tratar de armonizar las regulaciones. En un mundo en el que los retos son muy grandes, en el que sabemos que es muy poco probable que un país, individualmente, pueda presentar soluciones nacionales, abordar conjuntamente cómo podemos regularnos en cosas tan obvias ahora, por ejemplo, como la inteligencia artificial, como la tecnología cuántica, etc., etc., nos acerca y nos hace más fuertes. Y, por último, algo que saldrá más adelante y que usted ha mencionado, Paulo, es la relación entre la Unión Europea y América Latina. La Comunidad Iberoamericana tiene una posición privilegiada para abordar esta relación, para proponer nuevas vías en esta relación. Somos dos países miembros de la Unión Europea, más otro tercero europeo, Andorra, y 19 en América Latina.

Tenemos en la comunidad países que tienen presencia en múltiples instancias, no lo olvidemos: hay países que pertenecen al G20, hay países que pertenecen al G77. Tenemos la capacidad de tener una perspectiva muy amplia de lo que ocurre en el mundo y, especialmente en el caso de la Unión Europea y en el contexto geopolítico actual, no podemos desperdiciar esta oportunidad.

## Paulo Neves

Há pouco referia algumas personalidades que fizeram parte da SEGIB que tiveram muita importância, como o nosso querido amigo Enrique Iglesias, nascido em Espanha, e uruguaio por adoção, que tem um perfil de estabelecer pontes, o que também caracteriza a diplomacia portuguesa. É por causa desse perfil, que a SEGIB e esta relação privilegiada com a América Latina continuam a ser um eixo preferencial da nossa diplomacia?

## Ricardo Vitória

A Ibero-América tem, normalmente, visibilidade apenas por ocasião das Cimeiras Ibero-americanas, mas ela significa muito mais para a nossa política externa e, podemos dizer, para todos os países sem exceção.

Na sua intervenção, Cristina Manzano, diretora de relações exteriores da SEGIB, procurou ilustrar a importância da Ibero-América através dos seus resultados, enquanto plataforma de concertação política entre Estados-membros, como é próprio de qualquer organização internacional. Gostaria, porém, de sublinhar um ou dois aspetos no seguimento do que Cristina Manzano argumentou. Comecei por referir o tema da visibilidade e insisto que falta bastante visibilidade à Conferência Ibero-americana, que é, no fundo, a designação chapéu deste universo de cooperação ibero-americana. Quero com isto dizer que a generalidade das pessoas apenas tem a ideia de que ela se resume aos dias da Cimeira, porque tem uma cobertura mediática destacada.

Em geral, os cidadãos não conhecem os programas de cooperação, atualmente 30, a que se soma mais um: o Programa Ibero-americano de Cidadania Global para o Desenvolvimento, o único destes 30 programas liderado por Portugal em que participa a Espanha e mais seis Estados-membros. Além destes programas de cooperação e da Secretaria-Geral ibero-americana (SEGIB), existem quatro organismos regionais que são organizações internacionais. Um deles é a Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), a nossa anfitriã neste evento, que tem representação em Portugal.

Assinalo que, em 34 anos de atividade da Secretaria-Geral Ibero-americana, já construímos uma caixa de ferramentas importante para promover os nossos interesses e os nossos valores comuns. E é de valores que se trata! É por isso

que importa ressaltar as afinidades que se foram construindo entre os nossos líderes ao longo destas décadas e fazem toda a diferença quando se pretende encontrar o máximo denominador comum que foi sempre trabalhado e alcançado com base no princípio do consenso.

Esta avaliação objetiva das Cimeiras e do seu impacto nas nossas políticas externas, tem de reconhecer a importância deste mecanismo, mas também considerar que o mundo mudou. Todas as organizações internacionais - e esta é uma organização internacional no sentido em que os seus resultados não são apenas regionais - estão sujeitas a fatores exógenos, nomeadamente um movimento de polarização no contexto internacional.

Na última Cimeira Ibero-americana, realizada em Cuenca (Equador), no passado mês de novembro, estiveram à vista divergências de perspectiva e até de conceitos. Nesse sentido, a diplomacia portuguesa está a apoiar de forma ativa os esforços e bons ofícios que cabem à Secretaria Pro-Tempore de Espanha, procurando caminhos para consolidar uma forma de trabalhar pela Ibero-América baseada no consenso. Existe um consenso sobre a ideia de não abdicar do consenso. Conseguiremos garantir, no futuro, que as Cimeiras tomarão posições que vincularão os seus Estados-Membros, e vincularão sobretudo a organização, o que não aconteceu em Cuenca? Em Cuenca tivemos uma declaração que não foi a declaração da Cimeira, mas a declaração dos Estados-membros da Conferência Ibero-Americana e, pela primeira vez, isso aconteceu.

Não diria que há uma crise institucional na Conferência Ibero-Americana, mas é preciso ser realista e constatar que importa criar as condições para evitar que a situação se repita e é nisso que estamos a trabalhar. E retomando a linha da minha intervenção inicial, importa referir que a participação de Portugal nas organizações ibero-americanas é importante para a nossa política externa, desde logo, por dados históricos, e depois, por razões conjunturais. Os dados históricos são as ligações culturais e históricas conhecidas, mas também é de sublinhar a importância da comunidade latino-americana que se encontra do lado de cá do Atlântico.

Do lado da América Latina, Portugal dá o seu modesto contributo, mas importa relevar que, só no Brasil, temos cerca de um milhão de portugueses e lusodescendentes, na Venezuela teremos cerca de 350 mil portugueses e lusodescendentes e, na Argentina - e cito apenas os três países onde as comunidades têm maior expressão - a comunidade portuguesa e lusodescendente,

anda, à volta de 45 mil portugueses e lusodescendentes. A presença destas comunidades é um dado relevante para a política externa portuguesa e também justifica a importância da cooperação ibero-americana.

Além disso, há o aspecto conjuntural a que me referi que decorre dos movimentos próprios dos ciclos económicos que o país tem vivido. E posso afirmar, porque o testemunhei nesse período enquanto Diretor do Departamento das Américas no Ministério dos Negócios Estrangeiros, o movimento das nossas empresas em direção aos mercados da América Latina e Caraíbas. Não tendo ainda um peso muito expressivo na nossa balança comercial, há que reconhecer - os dados são públicos - a crescente diversificação da nossa relação económica com os países da América Latina, quer relativamente à composição do nosso comércio, quer em relação à incidência, à cobertura geográfica das nossas exportações e não só as importações. Quero, assim, destacar que, atualmente, Portugal tem uma relação económica indispensável com as Américas, nomeadamente com a América Latina e as Caraíbas. Refiro os países membros do Mercosul, mas também os países da Aliança do Pacífico, os países da CELAC e do CARICOM.

Assinalo também o nosso contributo para fortalecer a relação da América Latina com a União Europeia, mas destaco sobretudo o papel de Portugal na aproximação e reforço dos laços entre a América Latina e África. Portugal tem sido considerado “campeão” da cooperação triangular, realizando há vários anos, em Lisboa, um encontro promovido pela OCDE, em colaboração com o Camões, I.P. organismo responsável pela Cooperação Portuguesa. Para reforçar essa estratégia, Portugal lançou, em 2023, o Fundo de Cooperação Triangular América Latina – Portugal – África, do Camões, I.P., em articulação com a SEGIB. Estive diretamente envolvido neste processo que permitiu mobilizar, na sua fase inicial, um milhão de euros em apoio a vários projetos, entre outros, nos setores da Saúde, da Educação, da Proteção Climática e da Transição Digital, que reúnem inúmeras entidades dos três continentes. A execução dos projetos, com incidência nos PALOP, alcançará um investimento superior ao valor inicial.

Trata-se de uma linha de ação que prosseguiremos, estabelecendo mais uma vez pontes que, como salientei, constituem um traço caracterizador da diplomacia portuguesa.

## Paulo Neves

Obrigado, Ricardo. Eu só acrescentava também um dado que é que levamos para a SEGIB também o interesse africano. Aliás, a SEGIB é membro observadora da CPLP, Comunidade de Países de Língua Portuguesa, como o contrário, a CPLP também é membro observadora da SEGIB, e não há dúvida que Portugal também nisso é muito privilegiado, que é um *hub* nessa relação triangular entre a América Latina, a Europa e o continente africano, no caso os países lusófonos. Raquel, já tens investigado muito sobre a relação de Portugal com a América Latina, fala-nos sobre essa relação privilegiada.

## Raquel Patrício

Muito bom dia. Agradeço muito o convite para estar aqui presente hoje. É um prazer para mim integrar um painel para falar sobre a América Latina, mas, sobretudo, num evento dedicado ao doutor Mário Soares, por quem nutro uma grande admiração pessoal e de longa data. Muito obrigada pela questão, Paulo, uma questão muito interessante. Como eu vejo, como eu misturo a relação entre Portugal e os países da América Latina? Ora bem, é evidente que, e depois de já se ter visto muito aqui hoje, durante esta manhã, de que forma é que esse relacionamento pode ser estabelecido, de que forma, sobretudo, é que Mário Soares incentivou tanto esse relacionamento, ele que sempre foi um entusiasta da América Latina, da relação de Portugal com a América Latina, da relação da Europa com a América Latina, eu diria que Portugal ainda poderia fazer um pouquinho mais para formalizar, digamos, uma verdadeira política externa portuguesa, em relação à América Latina e, de uma forma mais específica, em relação à Ibero América. É curioso que, consultando os programas dos governos, dos nossos últimos governos, e inclusive o programa do atual governo, não exista especificamente a palavra Ibero América nas prioridades de política externa.

E, portanto, eu acho que isso acaba por ser uma omissão que tem um significado particular, um significado especial. Fala-se da lusofonia, fala-se da CPLP, da América Latina, mas não especificamente daquilo que é a Ibero América. No entanto, tal como já foi dito aqui, aquilo que é a especificidade de Portugal, mesmo no seio da União Europeia, perante os outros Estados-membros, da União Europeia é a ligação privilegiada que tem, não só com a África, mas também com a América Latina por via do Brasil. Nesse aspeto, a Espanha aproveita muito essa preponderância junto à América de língua espanhola. Por outro lado, também podemos verificar que nenhum país da

América Latina surge, efetivamente, entre os dez principais destinos das exportações portuguesas, que se destinam prioritariamente, como é sabido, para a Espanha. E, então, o Brasil, curiosamente, não está, não figura entre os dez principais destinos das exportações portuguesas. E, portanto, há aqui ainda uma série de iniciativas de taxativas económicas que podem ser adotadas no sentido de criar uma melhor ligação económica e comercial entre as duas partes. Também é interessante mencionar que o mercado ibero-americano em si, enfim, com a exceção da Espanha e de Andorra, representa aí à volta de 2,5% das exportações portuguesas, o que significa que é bem menos do que as exportações portuguesas com destino à Espanha.

E desse valor total, quase 50% são destinadas ao Brasil. No entanto, apesar de eu começar, eventualmente, pelos pontos fracos, há pontos fortes a realçar. A participação de Portugal, como a Cristina já mencionou, no âmbito das cimeiras ibero-americanas, tem sido sempre feita ao mais alto nível. Portugal também está integrado nos diversos organismos setoriais. Portugal é um dos grandes financiadores da comunidade ibero-americana de nações. E também são várias as entidades portuguesas que estão comprometidas com os diversos programas, com as diversas iniciativas e projetos ibero-americanos, como o Ministério da Cultura, o Ministério da Educação, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, a própria Fundação para a Ciência e Tecnologia, enfim. Há uma série de vantagens, há uma série de potencialidades resultantes da participação de Portugal no âmbito da comunidade ibero-americana. Apesar da palavra ibero-américa não aparecer no programa dos sucessivos governos, no atual sistema internacional, que, aliás, já foi dito aqui, caracterizado por instabilidade, volatilidade, enfim, uma série de questões que criam tensões e crises nesse sistema, a verdade é que a própria região da Ibero América, a própria região da América Latina surge como uma boa alternativa se quisermos pensar em soluções extra-Europa para Portugal. A própria dimensão da diplomacia económica tem uma grande importância na nossa política externa, e isso pode ser canalizado também para a América Latina. E, claro, tem havido também diversificação das relações políticas e económicas com países com os quais, até há bem pouco tempo, Portugal não tinha relações como o México, a Colômbia, o Peru.

Por outro lado, os países envolvidos na Ibero América também fazem parte de outras organizações internacionais, como o caso do Brasil, da Argentina, do México, que fazem parte do G20, o Fórum do G20, e isso pode potenciar a margem de manobra de Portugal inserido no seio da comunidade Ibero-americana. E, portanto, quer dizer, há aqui uma série de potencialidades, de

vantagens que Portugal pode retirar desta sua ligação à América Latina e desta sua ligação muito concreta relativamente à Ibero América. Eu não vou alongar-me, acho que não era esse o objetivo, mas eu creio que, para que isto aconteça, é preciso serem tomadas, adotadas medidas mais concretas e efetivas nesse sentido e que haja uma verdadeira diversificação das parcerias de Portugal, não apenas direcionadas para a Europa, mas também, de facto, para os países latino-americanos, com exceção do Brasil. Muito obrigada.

### **Bruno Figueroa**

Bueno, en primer lugar, quiero dar las gracias y felicitar a los ponentes por una serie de debates y comentarios de tan alto nivel como los de las mesas anteriores. El tiempo borra las pequeñas crisis, y aquí hubo una crisis que no fue nada pequeña y que me gustaría destacar, y es que una semana antes de la primera Cumbre Iberoamericana de Guadalajara, Portugal no había confirmado su asistencia. Con el tiempo, es un detalle. Sin embargo, si Portugal no hubiera asistido, Brasil tampoco lo habría hecho. Brasil esperó a que Portugal dijera que sí para confirmar su asistencia. Y si Portugal y Brasil no hubieran asistido a la Cumbre Iberoamericana, no existiría el espacio iberoamericano. Y la profesora Nancy Gomes ya lo ha dicho, yo quisiera ser más enfático, si hubo una fuerte crisis entre el presidente Mário Soares, convencido del beneficio y la bondad de la construcción, que fue una construcción mental del espacio iberoamericano, y un primer ministro y un gobierno, y quien gobernaba, finalmente, era Cavaco Silva, que tenía profundas reticencias.

Vi el texto de la declaración final de Guadalajara, con las correcciones hechas por el Gobierno portugués, donde se habían borrado todas las menciones de la palabra iberoamericana. Eso, por supuesto, para México, para España y los demás participantes en la organización de la Primera Cumbre, no era aceptable.

Efectivamente, existía el temor de que España tuviera un plan para acercarse demasiado a América Latina. Y me pregunto, Ana Paula, aquí en el espacio de la OEI, si ese antecedente de una organización de Estados iberoamericanos, que se creó en España hace varias décadas y que, en definitiva, era una organización española, tal vez fuera uno de los elementos por los que existía esa resistencia. El otro era un poco más pequeño, más circunstancial, pero era quien iba a tomar la palabra en Guadalajara. Iba a ser el presidente o el primer ministro. México envió a dos representantes de muy alto nivel.

El presidente de México envió a Lisboa a un viceministro y al asesor de asuntos internacionales del propio presidente para convencer al Gobierno portugués de que asistiera. Y, afortunadamente, la crisis se resolvió y la historia es la que conocemos. Pero me parece importante señalar este detalle de la historia. Gracias.

### **Nancy Gomes**

Sobre aquilo que o senhor embaixador referiu, o que me consta, por entrevistas realizadas, uma delas ao embaixador António Martins da Cruz, que era, repito, conselheiro do primeiro-ministro naquela altura, o governo brasileiro de Fernando Collor de Mello estava convencido de que tinha de participar no projeto ibero-americano por diversas razões que não tenho tempo de explicar. Portanto, era o contrário. Se o Brasil não entrava, Portugal não entrava. O Brasil entrou e Portugal entrou. Portanto, era só para esclarecer. E outra coisa, a minha colega Raquel afirmou que nos programas de governo não aparecia a palavra Ibero-América, mas a verdade é que, pela primeira vez, o Programa do XXI Governo (2015...) reconheceu uma identidade nacional ibero-americana e identificou a região como um espaço prioritário de atuação da sua política externa. Obrigada.



# RELAÇÕES EUROPA-AMÉRICA LATINA

### Filipe Vasconcelos Romão

Ora, muito boa tarde a todos. Damos início agora aos nossos trabalhos da tarde.

Em primeiro lugar, da minha parte, agradecer à Organização dos Estados Ibero-Americanos e à sua Presidente ou Diretora, Ana Paula Laborinho, pela oportunidade de estar aqui hoje. Saudar também as diferentes instituições organizadoras, com destaque para a Cátedra Ibero-Americana e para o trabalho da minha colega Nancy Gomes também, na forma como tem trabalhado no sentido de despertar os nossos alunos e a comunidade para o papel da América Latina em Portugal. Bem, já muito se disse hoje de manhã sobre Mário Soares e também já foram várias as referências à dimensão de homem europeu, até de federalista, porque era assim que o próprio se assumia no que diz respeito à integração europeia, e de facto foi uma referência incontornável do ponto de vista do que é a nossa presença hoje na União Europeia. Em 1986 éramos um país periférico, outros países estavam em melhores condições para entrar na então Comunidade Económica Europeia, mas foi Portugal e Espanha que, naquele período, tal como a Grécia em 1981, que entraram, no caso português, muito graças ao esforço de Mário Soares e de outros políticos, também dos principais partidos, o que acabou por colocar Portugal fora da periferia e no centro da dimensão e do processo de construção europeu.

Justamente o papel da democratização de Portugal deve muito, ou a consolidação da democracia portuguesa deve muito à integração europeia e por inerência também, como é óbvio, à figura de Mário Soares. Portugal e Espanha entraram, ao mesmo tempo, na então Comunidade Económica Europeia e com isso trouxeram uma rede de relações bilaterais, na altura, que cada um destes países tinha com o espaço ibero-americano, com o espaço latino-americano. Portugal tinha uma relação muito forte com o Brasil - também já houve várias menções aqui ao longo da manhã a políticos e a personalidades que tinham uma relação direta com o Mário Soares, Espanha também com todo o espaço hispano-americano. Isso conferiu, terá ou não conferido e reforçado a importância de Portugal e de Espanha no contexto da Comunidade Económica Europeia, terá ou não esse papel de Portugal e de Espanha ao mesmo tempo, trazido um maior reforço das relações transatlânticas no sentido das relações com o Atlântico Sul. Essas são várias ques-

tões que gostaríamos aqui de abordar ao longo desta hora que agora se segue, com estas quatro personalidades destacadas e como tal, julgo que vamos começar então a trocar aqui algumas impressões sobre esse tema.

Eu começaria pela embaixadora Ana Paula Zacarias e perguntar-lhe, partindo da ideia que também já foi aqui comum, sobre o otimismo de Mário Soares em relação ao homem, em relação ao mundo, em relação às próprias relações internacionais, eu gostaria de saber se também esta aspiração que ele tinha para as relações entre a América Latina e a Europa, será que tudo isto, decorridos tantos anos, se repercutiu e de facto essas aspirações que existiam que são visíveis no pensamento de Soares em relação a estes dois espaços e à relação entre si, se repercutiu e de facto hoje temos a construção de algo diferente, distinto, fruto também desta integração europeia, em comparação com o momento prévio à nossa integração? Muito obrigado.

### Ana Paula Zacarias

Muito obrigada, boa tarde a todos. Permitam-me uma palavra de agradecimento à Dra. Ana Paula Laborinho por este convite. Eu fui assessora do Presidente Mário Soares, aliás como o meu querido amigo Carlos Gaspar, durante dois anos. E isso significa realmente a admiração de toda uma vida. Porque a personalidade de Mário Soares era absolutamente marcante. E para uma jovem diplomata que tinha acabado de entrar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, trabalhar com o Dr. Mário Soares durante aqueles dois anos na Casa Civil, no Departamento de Relações Internacionais, foi absolutamente extraordinário. Foi uma grande escola. A admiração e o impacto do pensamento e da ação deste estadista é partilhada por muitos diplomatas. De tal forma que decidimos, (e agora um bocadinho de propaganda) no Instituto Diplomático organizar um ciclo de conferências intitulado *Orgulhosamente Acompanhados* e que, partindo da análise do legado de Mário Soares na política externa portuguesa, nos leve a um debate sobre o presente e os desafios futuros. Exatamente como me foi agora aqui perguntado pelo Filipe - o que fazer com o legado de Mário Soares para o futuro das relações entre a Europa e a América Latina. Conseguimos alcançar aquilo que ele queria? Conseguimos fazer hoje aquilo que ele idealizou e construiu naquela altura?

No âmbito deste Ciclo já tivemos uma conferência, exatamente, sobre a América Latina, que já foi aqui referida. A próxima será sobre a Ásia, em colaboração com a Fundação Oriente e com o meu querido amigo Carlos Gaspar, no dia 16 de abril. Teremos outra, com o apoio da FLAD, sobre as Relações

Transatlânticas. Temos, depois, na Feira do Livro, espero eu, no dia 11 de junho, uma sobre a Europa. E, completaremos o Ciclo com uma última conferência sobre as relações de Portugal com o Continente africano.

Bom, mas isto era para vos dar conta da importância de Mário Soares e da celebração do seu centenário. Eu não posso deixar de sublinhar a minha admiração pelo homem, pelo político, o seu extraordinário sentido de humanidade, a sua coragem, a sua força, com todas as coisas boas e também com as falhas. Era um homem profundamente humano e que transmitia essa sensação de que ser humano é ser livre. Esse sentimento de liberdade, esse sentimento que fez com que ele fosse, efetivamente, um grande lutador pela democracia.

Eu diria, em relação a esta questão das relações entre a Europa e a América Latina, que temos aqui vários momentos. Falámos hoje já sobre o papel de Mário Soares enquanto agente, enquanto político no quadro da Internacional Socialista. Falámos depois de Mário Soares MNE, primeiro-ministro, Presidente da República e membro do Parlamento Europeu; da relevância de todos os contactos que foi fazendo pela América Latina e pela Europa e que de algum modo conduziu ao estabelecimento das Cimeiras Ibero-Americanas, a primeira das quais se realizou em 1991, no México, e partir daí todos os anos.

Já dissemos muitas coisas hoje sobre isto, mas tratava-se agora de dar o passo seguinte – alargar o relacionamento da América Latina a toda a Europa e criar uma verdadeira parceria assente nos valores comuns da Democracia, os Direitos Humanos, o multilateralismo, o desenvolvimento e o comércio. Foi, no entanto, preciso esperar mais oito anos para se fazer a primeira Cimeira UE-LAC. Estes oito anos foram muito importantes para a União Europeia, incluindo com a entrada em vigor do Tratado de Maastricht e com um reforço da política externa, da política de segurança comum da União Europeia. Portugal e a Espanha como foi dito, traziam consigo, desde o momento da entrada na União Europeia, esse lastro positivo do seu relacionamento com o Brasil, e com todos os outros países latino-americanos e também a triangulação com África. E, portanto, Portugal empenha-se, com a Espanha, neste reforço das relações diplomáticas e das relações políticas, económicas e culturais entre a União Europeia e a América Latina. E assim, acaba por se concretizar a primeira reunião EU-LAC, em 1999, que terá lugar Rio de Janeiro, o que demonstra bem o papel de Portugal nesta aproximação. É no Rio de Janeiro que se realiza a primeira Cimeira.

E, já agora, recorde-se que a primeira Cimeira com a Ásia já tinha ocorrido em 1996. Do ponto de vista cronológico, a União Europeia estava mais interessada ou conseguiu primeiro reunir-se com a Ásia e criar a plataforma da ASEM, e só mais tarde é que efetivamente avança para a América Latina

As reuniões prosseguem bianualmente: em 2002, em Madrid, a seguir no México, depois em Lima, volta a ser em Madrid e de estas Cimeiras só há uma em Viena, em 2006. Isto dá bem conta do impulso que Portugal e Espanha dão a este relacionamento. Eu diria que esta é a primeira fase. Uma fase que funcionou, uma fase que foi muito importante.

Entretanto, muitas coisas acontecem, as crises sucedem-se e Mário Soares começa a tornar-se bastante crítico da União Europeia. Chega mesmo a dizer, “esta não é a Europa pela qual lutei”, e torna-se mais cético em relação à União Europeia. Mantém, contudo, uma clara simpatia histórica e estratégica pela América Latina, criticando o intervencionismo americano. A sexta Cimeira, em Madrid, em 2010, a última antes da criação da CELAC dá mais ênfase ao comércio e aos acordos bilaterais. E podemos dizer que começa uma nova fase, mais difícil ao nível das relações institucionais entre a União Europeia e a América Latina e as Caraíbas.

A CELAC constitui-se em 2011, inclui 33 países, 20 da América Latina e 13 das Caraíbas, e a primeira reunião UE-CELAC realiza-se em 2013, no Chile, com o foco numa “associação estratégica”, assente, sobretudo, no comércio e no desenvolvimento sustentável. Eu estava nessa altura no Brasil, como Representante da União Europeia, e pude presenciar o impulso e a vontade de construir uma verdadeira parceria, fazer alguma coisa realmente diferente e potenciar esta relação. Em todos os documentos da União Europeia se dizia que “temos muito em comum”, “é uma aliança que tem muito potencial, muito potencial”. Mas depois, na realidade, as coisas não avançavam muito, o Acordo com Mercosul ficou estagnado e os processos políticos também. Houve um longo interregno nestas cimeiras. Entre 2015 e 2023 - não se realizou nenhuma, apesar do lançamento da Agenda UE-CELAC com os seus quatro pilares, que também são relativamente reduzidos na sua ambição - governação, sustentabilidade, desenvolvimento social e cidadania.

E, portanto, pergunta-se, esta relação é mesmo estratégica? Como é possível não haver nenhuma reunião entre a União Europeia e o CELAC durante tanto tempo? O que aconteceu aqui? Não precisávamos que isto andasse para a

frente? Talvez porque nós, ao olharmos para a CELAC, estejamos à espera, nós, Europa, de ter do outro lado um interlocutor similar, coisa que não acontece.

A CELAC não é a União Europeia. Nem o Mercosul é a União Europeia. São entidades com modelos de integração diversos, que oferecem diversas coisas, mas que são estruturalmente diferentes da União Europeia. E na realidade, entre 2015 e 2023 a CELAC passou por um período de grande instabilidade institucional que refletia as tensões políticas, ideológicas e geopolíticas entre os seus membros, com as crises na Venezuela, na Nicarágua e também no Brasil que acabaria por deixar a organização. A realização da Cimeira de 2023, acaba por coincidir com o regresso formal do Brasil com a eleição do Presidente Lula da Silva.

Bem, e agora, espera-se a realização de uma nova Cimeira UE-CELAC, este ano na Colômbia, lá para novembro. Esperemos que algo se consiga avançar e que o Presidente do Conselho, António Costa possa ter aqui um papel importante neste novo abraço oferecido à América Latina em termos de cooperação económica, no sector digital, na área do clima e da transição energética. Temas e expectativas não faltam e vamos ver o que se consegue fazer e que papel é que nela podem tomar Portugal e Espanha, mas deixo isso para o momento a seguir, para não monopolizar. Muito obrigada!

### Filipe Vasconcelos Romão

Muito obrigado. Agora passaria a palavra ao professor Carlos Gaspar, talvez sugerindo que nos foquemos neste impacto que a Ibero-América pode ou teve eventualmente na reconstrução da relação entre Portugal e Espanha no quadro da nossa consolidação democrática. Na qual obviamente são incontornáveis os 10 anos como Mário Soares, como Presidente da República, entre 1986 e 1996.

### Carlos Gaspar

Muito obrigado. Eu julgo que nós podíamos inverter a questão e começar por refletir sobre a revolução histórica nas relações bilaterais entre Portugal e a Espanha, que caracteriza a política externa da democracia portuguesa e cujo principal responsável é Mário Soares. Com efeito, é a partir dessa revolução que depois vai chegar à comunidade ibero-americana, alguns anos mais tarde.

Mário Soares começou a construir essa revolução nas relações entre os dois Estados ibéricos desde o seu exílio em Paris, onde, antes de 1974, todos pensavam que a democratização da Espanha ia preceder a democratização de Portugal. Primeiro Espanha, depois Portugal. Franco estava a morrer, havia um modelo de transição constitucional e, obviamente, a mudança de regime na Espanha teria como consequência, se não imediata, muito rápida, a democratização de Portugal. Nesse contexto, Mário Soares tem uma relação forte com os políticos no exílio em Espanha, designadamente com Raul Morodó, que era o seu candidato para dirigir o Partido Socialista Operário Espanhol. As coisas são como são.

Porém, o golpe de Estado militar de 25 de Abril inverteu a ordem das transições na Península Ibérica. Mário Soares quis sublinhar imediatamente a sua visão de que não havia democracia num dos Estados Ibéricos sem haver democracia no outro Estado Ibérico. E fez a demonstração disso da maneira mais simples: voltou de França para Portugal pelo Sud-Express e atravessou a Espanha franquista. Outros não tiveram essa coragem, nem essa visão, mas esse sinal foi um sinal fortíssimo da confiança de Mário Soares na transição democrática na Espanha.

A democratização da Espanha esteve sempre nos vários atos do Partido Socialista durante a transição revolucionária. No Congresso do Partido Socialista, em dezembro de 1974, o convidado de honra estrangeiro foi Santiago Carrillo, Secretário-Geral do Partido Comunista de Espanha. É verdade que nem todos os dirigentes da oposição espanhola gostaram dessa a escolha, mas era a boa escolha na confrontação que se iniciou nessa altura, em dezembro de 74, entre o Partido Socialista e o Partido Comunista Português, entre duas conceções da transição, uma transição democrática contra uma transição revolucionária.

As transições de Portugal e da Espanha são paralelas. A partir de 1976, todos os atos do Primeiro-Ministro Mário Soares em relação à Espanha são no sentido de apoiar a transição democrática em Espanha, que se começa quando a Revolução portuguesa acaba, em novembro de 1975. Soares tem uma relação muito forte e direta com o Presidente do Conselho Adolfo Suarez da União do Centro Democrático, que mantém com o PSOE de Felipe Gonzalez. É nesse quadro de convergência criado durante a transição que se realizam, antes das primeiras ibero-americanas, as primeiras cimeiras bilate-

-rais entre Portugal e a Espanha. A primeira, salvo erro, foi com Soares como Primeiro-Ministro e Felipe González como Presidente do Conselho Espanhol.

Em 1985, os dois Estados Ibéricos entram em conjunto nas Comunidades Europeias. Não era essa a estratégia inicial de Mário Soares, que, em 1977, fez um esforço para apresentar o pedido de adesão de Portugal antes do pedido de adesão da Espanha. Soares tentou separar os dois processos, porque era previsível que a integração da Espanha fosse um processo pesado e complicado, designadamente pela oposição da França à entrada da Espanha. Mas isso não foi possível e prevaleceu a ideia de uma transição paralela e de uma integração conjunta nas Comunidades Europeias.

Dessa estratégia inicial resta que o Tratado de Adesão de Portugal foi assinado primeiro de manhã em Lisboa, nos Jerónimos, por Mário Soares, e depois o Tratado de Adesão da Espanha foi assinado à tarde, na presença do Rei, em Madrid, por Felipe González. Os tratados são assinados por dois socialistas, os dois representantes das duas democracias ibéricas. A entrada de Portugal e da Espanha vai mudar radicalmente. As relações exteriores das Comunidades Europeias.

Com efeito, em 1986, a política externa das Comunidades Europeias, que se tinha vagamente iniciado em finais de 1975, era praticamente inexistente. As Comunidades Europeias estavam muito voltadas para dentro e, nesse sentido, eram bastante provincianas. A entrada de Portugal e da Espanha que vai transformar as relações externas das Comunidades Europeias, incluindo, obviamente, as relações com a América Latina e com as suas principais potências, como o Brasil. Quer para Portugal, quer para a Espanha, o estatuto de membros das Comunidades Europeias era uma mudança extremamente importante, somando-se à democratização da América Latina, para transformarem as suas próprias relações com a América Latina.

A democratização e o estatuto de Portugal e da Espanha Estados Membros das Comunidades Europeias permitem aos dois Estados peninsulares, sobretudo à Espanha, alterar radicalmente a relação pesada, difícil com os países da América Latina e inventar uma nova Comunidade ibero-americana que, justamente, é ibero-americana e não apenas hispano-americana, e que é uma comunidade de democracias que tem por trás a entrada conjunta nas Comunidades Europeias.

Para Mário Soares, o facto de Portugal e da Espanha serem ambas democracias fazia com que as velhas rivalidades históricas passassem a ser um arcaísmo. Soares, ao contrário da maior parte das elites diplomáticas, não temia a convergência entre Portugal e a Espanha, nem nas Comunidades Europeias, nem na NATO.

Portugal, com Sá Carneiro e depois com Mário Soares, apoiou a entrada da Espanha na Aliança Atlântica, depois da democratização. Soares não temia que as duas democracias estivessem nas Comunidades Europeias em conjunto, nem temia estar ao lado da Espanha na Comunidade Ibero-Americana. É verdade que havia resistências, sobre, nomeadamente, o nome da Comunidade Ibero-americana, que lembram uma velha tradição: a aliança entre Portugal e a Espanha no tempo da Segunda Guerra Mundial, chamava-se em Madrid uma União Ibérica e em Portugal, Bloco Peninsular.

É Mário Soares quem, depois da democratização, decreta que a rivalidade histórica entre Portugal e a Espanha se tornou um arcaísmo. Mas, apesar de tudo, subsistiram resquícios do passado. O Presidente Mário Soares tinha o hábito de regularmente convidar para almoçar em Belém o Duque de Bragança, D. Duarte Nuno. No fim do seu mandato, no período de transição para o Presidente Sampaio, este perguntou a Mário Soares porque é que ele chamava regularmente a Belém o Duque de Bragança. Mário Soares olhou para Jorge Sampaio e disse-lhe: "Se eles têm o rei deles, nós também temos o nosso".

### Filipe Vasconcelos Romão

Muito obrigado. Cátia Miriam Costa, investigadora do ISCTE, perguntava-lhe sobre, regressando aqui um pouco à dimensão europeia e ibero-americana, se esta boa relação está a funcionar ou não funciona. Esta boa relação entre Portugal e Espanha que foi descrita pelo Carlos Gaspar, isto acaba por ser, parece que é comprovado, juro que não há grandes dúvidas sobre isso, vemos até uma sintonia no quadro europeu que não víamos antes. Há aqui um potencial nesta boa relação para dar mais valor e para valorizar os dois países, quer no quadro da União Europeia, quer no quadro da sua relação com a América Latina, ou seja, o facto de se darem os dois bem, de haver uma boa relação peninsular, traz vantagens, e traz vantagens sobretudo numa península que tenta fazer a ponte entre o espaço ibero-americano, ou latino-americano e europeu.

### Cátia Miriam Costa

Olá, muito boa tarde. Antes de mais gostaria de agradecer o convite para estar aqui hoje; à professora Ana Paula Laborinho que me remeteu o convite pela Organização dos Estados Ibero-americanos, mas que claro, também a todas as entidades que participaram nesta organização, que nos permite discutir uma figura central da nossa política interna e política externa. Eu concordo que esta articulação entre Portugal e Espanha foi extremamente benéfica. E creio que nesse âmbito Mário Soares tem um papel fundamental, sobretudo pela sua habilidade. E tem uma habilidade que é poucas vezes referenciada, a de estabelecer continuidades na política externa portuguesa num período revolucionário, que é extremamente difícil quando ele assume a pasta de Ministro dos Negócios Estrangeiros. E todo o seu discurso é montado, almejando um maior papel europeu para Portugal em coordenação com Espanha, é verdade, mas não esquecendo a vertente atlantista. Ou seja, não esquecendo que há uma ligação, uma projeção histórica de Portugal que já não é saudosista, nem colonialista, não tem nada a ver com isso, mas tem a ver com os laços estabelecidos com estas comunidades na América Latina, em África, mas em especial na América Latina, que ele refere várias vezes.

Ele faz um discurso, em 1984, muito interessante, em que fala do diálogo norte-sul e em que diz que a então Comunidade Económica Europeia tem que assumir um papel determinante nesse diálogo. Depois, em 1987, ele já nos vai falar deste desafio que traz esta conexão, porque uma Europa que quer estar no mundo precisa deste apoio, necessita, no fundo, desta alavanca que Portugal e Espanha trazem.

E há um momento posterior, muito interessante, de outro especto da política externa de Mário Soares, que me parece que é poucas vezes lembrado na contemporaneidade, que tem a ver com o seu papel na realização de uma agenda para o Oceano. Ele, de facto, presidia a Comissão Internacional dos Oceanos (entretanto, nas Nações Unidas o termo "oceano" ainda estava consagrado no plural) e nos sucessivos trabalhos que ele vai tendo para o estabelecimento dessa comissão, ele novamente volta a envolver a América Latina. É em Lisboa que é anunciada a criação de um instituto dedicado ao direito do mar ibero-americano.

Portanto, isto quer dizer tudo. Quer dizer que, de facto, houve um trabalho permanente nessa projeção e que esse trabalho foi levado para dentro da União Europeia. Na União Europeia, para quem fizer um estudo sobre as relações

da União Europeia com a América Latina, percebe perfeitamente picos de atividade quando Portugal ou Espanha têm a presidência. Isso é extremamente óbvio, portanto não é relativo. É como matemática, nós vamos ver isto lá, portanto não é algo em que haja dúvidas. Portanto, de facto, houve aqui um entendimento que Portugal e Espanha, se entendendo nas suas questões desde os caudais dos rios, até à sua política externa ganhariam muito na sua projeção no seio da União Europeia e que essa projeção lhes permitiria manter também uma continuidade com aquilo que tinha sido o seu passado histórico e que tinha sido a sua tradição mais ligada a esta saída do continente europeu.

E relembro aqui que que Mário Soares teve sempre perfeitamente claro, que esse papel não só fortalecia Portugal e Espanha e a União Europeia, como fortalecia a América Latina. E é muito engraçado que ele nos seus discursos dizia, não dizia quando se descobriu, ele dizia quando os europeus descobriram que havia povos no Novo Mundo e que havia um Novo Mundo. E a forma de o dizer demonstra também aquilo que ele queria, que não era uma Europa paternalista, não era uma Europa ou depois uma União Europeia ou uma comunidade ainda, uma comunidade económica europeia que se projetasse de forma sobranceira, mas antes que se entendesse com os seus pares que estavam do outro lado do Atlântico.

E relembro aqui a conversa que tive com a Nancy Gomes, quando ela me disse: estamos a pensar fazer um colóquio sobre o Mário Soares. E eu disse-lhe, mas o que eu mais estudo sobre o Mário Soares é a política externa e é sobretudo este seu papel na criação de uma agenda para o Oceano. E ela disse-me a sorrir: mas o Oceano é que liga a Europa à América Latina. E é verdade. Mas ele tem um papel muito mais profundo que isso e acho que este entendimento com Espanha foi fundamental para dar aos dois países um papel, que nós vemos que nos sucessivos alargamentos que depois a União Europeia vai a ter, esse papel até se vai a esbater.

Se nós hoje olharmos para aquilo que defendem para a política externa da União Europeia, os países do alargamento, os alargamentos sucessivos mais recentes, eles só têm política de vizinhança, só defendem uma política de vizinhança. Enquanto Portugal e Espanha estão sempre a puxar por uma política de projeção de uma União Europeia como ator global.

Só para fechar, lembro que estive num grupo de trabalho da União Europeia muito recentemente e isso para mim foi surpreendente (partilhei isto ontem no

jantar, mas eu acho que vale a pena dizer): falava com uma colega e ela diz-me, porque nós estávamos a trabalhar no mesmo grupo, e ela diz-me, éramos rattachés do mesmo grupo, e ela diz-me assim, ah, sim, é porque, por exemplo, a Argentina, a Argentina para mim é muito exótica.

E eu olhei para ela e pensei, mas para mim a Finlândia se calhar é mais exótica que a Argentina, quer dizer, nós de facto temos posicionamentos diferentes nesta Europa, muito diversa, e que, por vezes, se projetam nestes aspetos. Nós estávamos a trabalhar sobre diplomacia científica, portanto, se calhar o sistema argentino de ciência não é assim tão divergente dos sistemas europeus, mas a colega achava que era algo exótico, exatamente por esta tradição de não projeção ao mundo. Essa tradição, de facto, como disse muito bem o professor Carlos Gaspar, vem muito, e também a senhora embaixadora, vem muito desta dádiva, deste contributo que Portugal e Espanha tiveram para para este grupo regional, internacional, que hoje nos interessa tanto. Muito obrigada.

### Filipe Vasconcelos Romão

Muito obrigada, Cátia. Bem, Andrés, para encerrar esta primeira ronda, já vi que tens aí muitas notas, mas fica só aqui uma sugestão, tendo em conta que também tens trabalho publicado sobre o inter-regionalismo e as relações entre a Europa e o que há de bloco na América Latina, Portugal e Espanha podem mesmo ser intermediários úteis nesta relação inter-regional ou é só uma conversa que ouvimos de vez em quando e depois não tem qualquer tipo de consequência?

### Andrés Malamud

Gracias, Filipe. El mundo de Mário Soares ya no existe. El mundo de Mário Soares era aquel en el que España y Portugal entraron juntos en la democratización y en el mercado europeo. Era un mundo marcado por la Guerra Fría, del lado malo, y por las instituciones multilaterales, los derechos humanos y el libre comercio, del lado bueno. Pero no era un mundo democrático. La democracia no era exigible, como tampoco lo es ahora. Los países no se comprometieron a ser democráticos a nivel global, aunque algunos lo hicieron a nivel regional, como en la Unión Europea.

En cambio, se comprometieron a defender la integridad territorial de otros Estados. Ese mundo ya no existe porque el principio de integridad territo-

-rial está siendo cuestionado por quienes lo diseñaron. ¿Cómo se posicionan Portugal y España en este nuevo mundo, y cómo en relación con América Latina? Ambos fueron clave en la relación de Europa con América Latina, por una razón que mencionó antes Cátia. Parte del resto de Europa no es consciente de que existe algo llamado América Latina porque tiene problemas más urgentes, que se llaman Rusia. Entonces, lo que me gustaría saber es qué pensaría Mário Soares – o más bien lo que él haría, que no es arqueología. La arqueología nos sirve para conocer el pasado, pero él era un constructor de futuro.

Él pensaría en qué mundo queremos construir. Y creo que pensaría en las mismas tres Ds que pensó hace 50 años: democracia, desarrollo y descolonización. La democracia sigue en la misma encrucijada. Tenemos gobiernos autocráticos de aquel lado, como Venezuela, de este lado, como Hungría, y por todos lados, incluyendo quizás uno en Norteamérica. El desarrollo es más complicado, y creo que esa es la gran encrucijada para América Latina y para Europa, porque no estamos en el camino correcto. Europa está desarrollada, América Latina no, pero el futuro del desarrollo hoy está del lado de Estados Unidos y China, es decir, de potencias no democráticas. Y, por último, la descolonización, que ya no es de África con respecto a Europa, sino de Europa con respecto a Estados Unidos. ¿Cómo encaja el mundo transatlántico del sur, cómo encajan la Unión Europea y América Latina en este mundo en el que la democracia es un valor, pero tenemos una quinta columna adentro, el desarrollo es un valor, pero no lo generamos adentro, y la descolonización encuentra a Portugal y a Europa del lado de los colonizados? Voy a sugerir cinco factores para ayudarnos a pensar en lo que viene.

El primer factor es la geografía. Y la geografía implica que lo que más preocupa a los gobiernos es su distancia de Moscú (si son europeos) o de Miami (si son latinoamericanos). Entonces, Polonia vive en un mundo y Portugal en otro, no importa que formen parte de la Unión Europea. Y México vive en un mundo y Brasil en otro, no importa que estén ambos en América Latina. A Brasil, Estados Unidos lo afecta globalmente, indirectamente; a México lo afecta directamente. Rusia afecta indirectamente a Portugal, pero directamente a los países bálticos. La geografía desgarrar nuestras regiones, y acerca a los países costeros a otros países costeros, aunque estén del otro lado del mar. España y Portugal tienen un vínculo afectivo intenso con Sudamérica, pero es un vínculo que se basa en la irrelevancia material, en la lejanía de las amenazas que vienen de Moscú o de Miami. Esto no es necesariamente malo.

El segundo factor es la demografía. Europa es un continente viejo, América Latina aún no. África es un continente joven. El futuro del Triángulo Atlántico, como a algunos les gusta llamarlo, depende de los flujos de personas que estos desequilibrios producirán. Europa no tiene capacidad para mantener sus mercados en funcionamiento sin trabajadores extranjeros. No hay producción sin inmigración. Y tampoco tiene capacidad de destrucción sin soldados extranjeros. Equipamiento, sí. Producirán municiones, producirán armas, se las darán a Ucrania, pero no tienen soldados. Y necesitarán soldados, porque las guerras siguen librándose con soldados, y la guerra está en el corazón de Europa. Y aquí imagino que España y Portugal se dividirán. No estratégicamente, pero los soldados españoles vendrán de América Latina y los portugueses vendrán de África, porque aquí sí, la compatibilidad cultural es importante. Eso no significa que vayan a ser enemigos ni mucho menos, sino que tendrán estrategias de reclutamiento diferentes.

El tercer factor es la economía. Y aquí, América Latina y Europa, en particular la Península Ibérica y el sur de América, se encuentran en los mercados, se encuentran en las inversiones y se pierden en las regulaciones. Todos queremos comprar y vender, todos queremos que el otro invierta en nosotros y que ganemos juntos. Pero las regulaciones nos separan, porque Europa está hiperregulada y América Latina difícilmente avanzará por ese camino. Hay que encontrar la forma de compatibilizar, que es lo que se está intentando en las negociaciones entre el Mercosur y la Unión Europea. Cómo convivimos un continente rico e hiperregulado, que puede permitirse el lujo de la hiper-regulación porque es hiper-rico, y un continente que, para desarrollarse, necesita liberarse de las trabas a la innovación.

El cuarto factor es la geopolítica, la interacción entre la política y la geografía. Estoy elaborando un informe encargado por el Parlamento Europeo sobre el contexto político del acuerdo con el Mercosur. Para ello entrevisté a diplomáticos y cancilleres de ambas regiones, y un canciller del Mercosur declaró que Rusia no es enemiga de América Latina. Punto. Pero Rusia es enemiga de la Unión Europea. Tenemos que vivir en un mundo en el que no compartimos enemigos. Quizá compartimos una amenaza, pero no viene de Rusia sino de un exaliado. ¿Y China? China es una oportunidad para América Latina. Cuanto más al sur de América Latina, más oportunidades para China. Pero empieza a ser también una oportunidad para la Unión Europea. La conversación telefónica de Von der Leyen con el gobierno chino, que se ha hecho pública esta mañana, es clara al respecto. Estados Unidos nos está empujando en la misma dirección. La dirección en la que Europa no quería

ir y ya no tiene remedio. Hay una convergencia basada en la necesidad. Gracias a Trump, hoy América Latina y Europa están más cerca. La necesidad tiene cara de hereje.

Y el quinto factor... Empiezo por lo que no y luego pasamos a lo que sí. Lo que no es la cultura. La cultura no integra. Las dos regiones culturalmente más homogéneas del mundo son América Latina y el mundo árabe. Cada una se caracteriza por una lengua común (o dos mutuamente inteligibles), una cultura común y una religión común. Cada una tiene una capital, La Meca, en el mundo árabe, Miami, en el caso de América Latina (risas). Y no son regiones integradas, no hay soberanía compartida, ni la habrá, ni es necesario que la haya.

El éxito de Europa no significa que sea el único modelo posible. Europa se integró porque era interdependiente, porque cada país europeo hacía cosas con sus vecinos, ya fuera la guerra o el comercio. Los latinoamericanos no hacemos muchas cosas con nuestros vecinos, ni la guerra ni el comercio. Hacemos un poco de narcotráfico, pero ya lo estamos exportando a Europa. Entonces, aquí viene mi sugerencia, que es más bien un análisis prospectivo. Hay un enorme potencial de cooperación entre Europa y América Latina, y España y Portugal tienen la cabeza en ello, o al menos las manos. Me refiero a la tecnología e industria de defensa. No es la retórica de la fraternidad, son cosas tan concretas como el avión militar luso-brasileño KC-390. No se trata de tener el mismo enemigo, se trata de construir un submarino nuclear con tecnología compartida entre Brasil y Francia. Sí, ahora sí, regulaciones nucleares. El mayor ejemplo de la historia de la regulación nuclear con fines pacíficos entre países potencialmente conflictivos es el ABBAC, firmando entre Argentina y Brasil el siglo pasado y siempre vigente.

Europa creó Euratom, que fue la inspiración. Pero ahora, aunque en ambas se rechaza la proliferación nuclear, Europa tendrá que invertir en armas nucleares. ¿Cómo pueden trabajar juntas estas dos regiones que tienen la tecnología nuclear a su disposición? Un continente tiene bombas nucleares, el otro nunca las ha tenido. El único continente del mundo (a Oceanía no lo cuento como continente) que nunca tuvo bombas nucleares ni pretende tenerlas. Satélites, drones, radares, defensa cibernética, energías renovables y tecnologías de uso dual. Si hay algún futuro común, es un futuro que pasa por algo que ya se está haciendo, y no es hablar el mismo idioma: es construir los mismos elementos que nos servirán para defendernos de las mismas amenazas. Muchas Gracias.

## Filipe Vasconcelos Romão

Muito obrigado por estas quatro intervenções tão diversas. Ainda temos cinco minutos. Eu propunha, antes de mais, se alguém aqui no painel pretende uma nova ronda ou comentar?

## Ana Paula Zacarias

Eu queria só comentar o que acabou de dizer o Andrés, que tem a ver com este roteiro para 2023-2025 para a Cimeira com a CELAC que, como disse, deve realizar-se, se tudo correr bem, este ano ainda na Colômbia. E o que é que está lá nesse roteiro? Estão lá as, mais importantes do que nunca, questões políticas, sem dúvida nenhuma. Está lá todo o discurso sobre o acordo com Mercosul, está o reforço dos 22 acordos políticos e comerciais, de vários tipos existentes entre a União Europeia e os distintos países. Portanto, está a parte de comércio, sem dúvida nenhuma. Está a ideia de fazer um business fórum. E, está também tudo o que tem a ver com o reforço das relações people to people, entre as universidades, entre as pessoas, entre diferentes agentes culturais, e isso é fundamental. Mas estão também capítulos que são novos – por exemplo o espaço. Está lá identificado como uma área de grande relevo para o futuro das relações entre a União Europeia e a América Latina. E quando se fala de espaço, fala-se de satélites, fala-se de drones, fala-se de toda essa indústria que podemos chamar militar, mas também podemos chamar de duplo uso. E isso é muito importante nos dias que correm.

Portanto, isso também já está identificado. Outra área é a área digital e a Inteligência Artificial, tudo o que tem a ver com regulamentações de tecnologias digitais, tecnologias emergentes, como é que nós vamos trabalhar em conjunto nessa área e como é que vamos tentar regulamentar de uma maneira que não seja muito invasiva, mas que ao mesmo tempo se mantenha human centered. E, finalmente, o famoso acordo sobre as terras raras que se espera que venha a existir e que está a ser trabalhado com a Argentina e com o Chile para que estes raw materials e estes 54 tipos de terras raras que existem no Chile e na Argentina, possam fazer parte de um novo acordo. Ora este diálogo, este debate, esta conversa é fundamental, porque ela é muito concreta e efetiva e traz foco ao relacionamento entre a União Europeia e a América Latina. Portanto, de alguma maneira, essa parte mais substantiva, do ponto de vista económico, está lá, e isso pode aproximar-nos. Agora, eu diria que não nos podemos esquecer da preservação dos valores. Ainda voltando ali ao “nosso

amigo” Mário Soares. Não podemos esquecer-nos de que os valores da democracia, os valores dos direitos humanos, os valores da liberdade têm de continuar a fazer parte deste diálogo.

Isso pode ser muito importante neste momento, mantermos essa relação política com a América Latina. Portanto, respondendo à pergunta inicial do Filipe, será que alcançamos aquilo que Mário Soares queria? Eu não sei se já lá chegámos. Há um caminho sempre por andar e el camino se hace al caminar. Mas aquilo que ele nos legou é importante preservar. E que é preciso juntar a afinidade à eficácia. A democracia e os valores ao digital e ao comércio. E, portanto, eu acho que é por aí que devemos ir juntando a afinidade à eficácia. Obrigada.

### Carlos Gaspar

Muito obrigado. Na realidade, eu acho que há dois Mário Soares nas relações com a América Latina. Há o Mário Soares que tem a visão de um futuro democrático, de uma vaga de democratização internacional e que não só tem essa visão, como tem a oportunidade extraordinária de demonstrar que era possível, mesmo nas condições mais adversas, como no caso da revolução portuguesa, que se segue a um golpe de Estado militar, conseguir garantir o rumo democrático na transição. Samuel Huntington, que alguém referiu de manhã, espantava-se com o facto da terceira vaga de democratização ter começado em Portugal.

Efetivamente, era extremamente improvável que uma vaga democratização internacional começasse com um golpe de Estado militar e com o processo revolucionário comandado por um partido comunista que não tinha as melhores relações com a democracia liberal. Soares teve essa visão estratégica sobre a força da viragem democrática na política internacional e foi capaz de realizar a transição democrática em Portugal. A transição em Portugal e na Espanha torna-se um exemplo para a América Latina e Soares intervém nesse processo com os seus contactos e as suas missões à América Latina. No mesmo sentido, intervém na viragem democrática na Europa de Leste e foi o único chefe de Estado europeu que esteve no segundo funeral de Imre Nagy em Budapeste, que marca o início da Revolução europeia em 1989.

Há dois Mário Soares. O Mário Soares da visão estratégica da democratização internacional e depois temos, como foi referido aqui hoje de manhã, o Mário Soares que foi o único dirigente social-democrata, o único dirigente

Internacional Socialista, que esteve em Campo Alegre no Fórum Social Mundial, ao lado dos esquerdistas contra os quais tinha combatido durante o processo de democratização na fase anterior. Mário Soares, quando voltou da sua primeira missão de Internacional Socialista à América Latina, dizia que os democratas cristãos latino-americanos pensavam como os sociais-democratas europeus, isto é, como ele próprio, e que os socialistas latino-americanos estavam à esquerda dos comunistas europeus. Mas é com esses esquerdistas que Mário Soares vai estar no Fórum Social, porque a sua intuição estratégica lhe dizia que o mundo tinha mudado.

Nós olhamos para Mário Soares muitas vezes como um bon vivant e um político com sorte, mas desvalorizamos o facto de que Mário Soares tinha uma visão estratégica e queria estar do lado para onde as tendências internacionais iam em cada momento. Mário Soares é assim desde o princípio da sua carreira política no MUD-Juvenil: em 1945, enganou-se: o comunismo não era a vaga do futuro na Europa; em 1974, acertou: a democracia era a vaga do futuro na Europa, na América Latina e na Ásia; em 2002, foi ao Fórum Social Mundial porque não acreditava que a globalização fosse o futuro da política internacional, e teve razão antes do tempo.

### Cátia Miriam Costa

Dois comentários muito rápidos. Um deles, lembrar aqui também algo que eu não cheguei a dizer, mas que Mário Soares também, deixou isso escrito, considerava que a boa relação da Europa com a América Latina poderia servir de contrabalanço à ascendência que os Estados Unidos tinham sobre aqueles países. E isso é algo que eu creio que nestes valores, em todos os acordos que foram sendo feitos pela CEE primeiro e depois pela União Europeia, está muito plasmada essa influência, que também é uma influência política, cultural, etc.

Outra questão é que nós tivemos também o lançamento do projeto Global Gateway, que se tentou que tivesse um grande impacto, pelo menos formal, na América Latina, não dispondo dos valores de financiamento que a China, por exemplo, estava a oferecer, mas convertendo e juntando muitos projetos em áreas estratégicas, que eu acho que já é uma preparação nesta mudança de cooperação. O que é que se pretende fazer? Há alguma orientação e estratégia?

Uma terceira questão, numa época de globalização e de tarifas em que a Europa foi parte ativa, a União Europeia difundiu os acordos comerciais, o que é que aconteceu? A regulamentação serviu como uma barreira horizontal que permite que nem tudo entre no mercado europeu, protege o mercado europeu, mas também levanta questões para quem negocia com no âmbito do mercado comum.

Portanto, nós agora também estamos com um novo desafio que é o seguinte: vamos entrar num mundo de competição comercial em que nós temos taxas a multiplicar por todos os espaços (porque nós não sabemos se alguém vai repetir esta receita de Trump) qual o posicionamento da União Europeia? E quando se está a dirigir estes novos blocos, ou estes blocos regionais, também vai ter de pensar isso. Tudo está a mudar rapidamente porque a maior potência mudou muito as regras do jogo nas últimas semanas. Mas creio que existem aqui pontes que foram sendo lançadas e que este novo roteiro para a cooperação já é um resultado disso. Obrigada.



# **AMÉRICA LATINA: OLHAR O FUTURO**

## AMÉRICA LATINA: OLHAR O FUTURO

Clique para assistir: <https://youtu.be/pZ6u19pYpGY?si=CbSHcQW9HskANTc7>

### **Pedro Cordeiro**

Chegamos ao último painel do colóquio, subordinado ao tema América Latina Olhar o Futuro. Participam neste painel Francisco Aldecoa, Presidente do Conselho Federal Espanhol do Movimento Europeu e responsável da Cátedra Jean Monnet, Carlos Quenan Vice-Presidente do Instituto des Amériques e Docente do Instituto de Hautes Etudes de Amérique Latine da Universidad Sorbonne Nouvelle e Ramon Jauregui, Presidente da Fundação Euroamérica. De novo, coube-me esta dupla missão de moderar o primeiro e último painel da jornada, o que é uma sorte, porque assim pelo meio também pude assistir e ouvir a tudo o que tem sido dito e que é o riquíssimo retrato, não só de Mário Soares, querido amigo, que recorto com saudade, como também das relações entre os países ibero-americanos, a sua visão e apraz-me dizer uma visão que não fica esgotada no percurso terreno de Mário Soares e se projeta no futuro, tem sido realmente um gosto e uma lição ouvir todos os que passaram por este palco. Agora vamos para o último painel e precisamente o tema é América Latina, olhar o futuro. E vamos então precisamente olhar o futuro, pensar no legado que Soares nos deixou nestes assuntos, mas também no que podemos fazer com ele num momento em que - é quase inacreditável. Já passaram oito anos sob o seu desaparecimento - o mundo mudou radicalmente. E é nessa base de olhar para um mundo cuja ordem se realinha e se reinventa de formas muito incertas e às vezes inquietantes. Proponho que lancemos o debate agora para esta sessão. Ora, eu começaria por perguntar aqui aos meus companheiros de painel, o que consideram ter sido, o que retém do legado de Mário Soares, olhando não para o tempo dele, mas para os atuais desafios que se colocam ao espaço ibero-americano. Portanto, se calhar fazemos uma primeira ronda em que cada um destaque o que considera ser o mais importante do legado de Soares e de que maneira é que ele nos ajuda a olhar para o atual cenário mundial e ibero-americano. Vamos seguir a ordem alfabética, para sermos justos.

### **Carlos Quenan**

Muy buenas tardes a todos y todas. En primer lugar, quiero, por supuesto, agradecer tanto a título personal como institucional, es decir desde el punto de

vista del Instituto de las Américas, a los organizadores/as, en particular con quienes he estado en contacto más directo, sobre todo a Ana Paula Laborinho y a Nancy Gomes, que han obrado para concretar mi presencia aquí, lo cual, repito, agradezco.

Cuando tratamos de mirar hacia el futuro, y teniendo en cuenta lo que nos convoca aquí, es decir, Mário Soares, y en este caso, el futuro de América Latina, sin duda tenemos que referirnos a lo que fue en el pasado la relación de Mário Soares con América Latina y su importante papel en lo que se denominó la liberación democrática de América Latina y su interacción con la democratización también en Europa y el fin de las dictaduras salazarista y franquista, en particular. Creo que hay un ingrediente importante que sigue siendo de actualidad en el sentido de que, aunque, como se ha dicho antes, el mundo de hoy no es el mundo de Mário Soares, algunos retos, en este caso el reto democrático, persisten, e incluso se renuevan. Como se ha indicado antes hay retrocesos democráticos en muchos lugares del mundo y, en particular, en América Latina, que son preocupantes. Diría que, entonces, en el plano de lo que podemos llamar la cuestión democrática, Mário Soares constituye una fuente de inspiración pertinente. A su vez, habida cuenta de lo que también se recordó aquí en referencia al papel de la Internacional Socialista y las relaciones entre Europa y América Latina en las décadas de 1970 y 1980, también puede ser interesante inspirarse en Mário Soares para pensar en el mundo actual, en condiciones muy diferentes, cómo se plantea la cuestión del relacionamiento entre ambas regiones.

Obviamente esta mirada hacia futuro no es fácil. Como muchas veces se ha dicho, predecir o prever es muy difícil, sobre todo cuando se trata del futuro. Esto se torna aún más difícil en un contexto como el actual, de elevadísima incertidumbre. Sin embargo, podemos tratar de organizar esta breve presentación considerando cómo puede impactar en las perspectivas futuras de América Latina (sabiendo que este agregado engloba situaciones heterogéneas y una gran diversidad de trayectorias nacionales) el advenimiento de la Administración Trump en Estados Unidos que está induciendo significativas transformaciones en el escenario internacional.

Para ello, comenzaremos con una referencia breve a la dinámica que estaba prevaleciendo en América Latina antes del comienzo del segundo gobierno Trump. A continuación, esbozaré algunos elementos sobre la estrategia internacional de la administración Trump, cuyo alcance nadie conoce con exactitud, aunque hay algunas orientaciones que parecen claras. Y, en tercer

lugar, veremos cómo esto impacta finalmente en una América Latina que, fragmentada, con un crecimiento mediocre y una cierta fragilización de las democracias, debe reposicionarse en un escenario internacional cambiante.

1) ¿Qué se decía o de qué hablábamos sobre América Latina antes del advenimiento de la administración Trump? ¿Cuáles eran las tendencias en curso? En el plano económico, se hablaba de una nueva “década perdida” 2013-2023, un crecimiento del PIB inferior al 1 %, 0,9 % en esa década, es decir, estancamiento o retroceso de la renta per cápita. Tras el fin del superciclo de las materias primas 2003-2012, en esta fase de “década perdida” reaparecieron o se reforzaron ciertos problemas sociales: la pobreza, que había retrocedido en la década anterior, volvió a agravarse y la persistencia o acentuación de las desigualdades vino de la mano de una pérdida de apoyo a la democracia. Todos los indicadores lo muestran, una creciente insensibilidad hacia el régimen político y, en ese contexto también, un agravamiento de las polarizaciones políticas que también se dan en otros lugares del mundo occidental, y en primer lugar, en Estados Unidos. Las llamadas “polarizaciones afectivas”, no tanto ideológicas y políticas, que constituyen un cambio muy importante con respecto a la época de Mário Soares. Actualmente los gobiernos y las oposiciones se detestan y suelen considerarse como “el bien” que se enfrenta al “mal” y esto se da en el marco de una sensible degradación de la “conversación pública”. Aunque hay por supuesto una diversidad de casos nacionales, este es el marco que predomina en numerosos países: en Estados Unidos como se ha dicho, con la oposición trumpismo - antitrumpismo, en Brasil desde la irrupción del bolsonarismo, o en Argentina con la llamada “grieta”, que cambia de formas pero que persiste y se agrava con la llegada a la presidencia de Milei.

En los últimos años esto ha ido de la mano con una creciente fragmentación de la región latinoamericana, con orientaciones políticas divergentes y dificultades y retrocesos en los procesos de integración regional que, con las limitaciones que conocemos, habían alcanzado de todos modos, algunos logros. Una expresión de ello es la situación actual, por ejemplo, del Mercosur.

En los últimos años, sin embargo, la atraktividad internacional y la importancia de América Latina como región fueron revalorizadas por nuevas evoluciones. Por ejemplo, visto desde Centroamérica, México y el Caribe, es decir la parte norte de América Latina, se fue desarrollando la idea y con ella nuevos proyectos que, tras la pandemia y con las implicaciones geopolíticas de la guerra de Ucrania, aumentaban su atraktividad con el nearshoring, es decir

la relocalización de empresas y la reorganización de las cadenas de valor para aproximarse de los grandes mercados de consumo (en este caso el mercado de Estados Unidos). A su vez, en toda la región y sobre todo en América del Sur creció el interés por las llamadas “tierras raras” y la valorización de las materias primas estratégicas por su importancia, sobre todo, como materiales e inputs en la cuarta revolución tecno-industrial en curso. Por supuesto esto reforzó la discusión en la región y al interior de los países: ¿cómo abordar la explotación de las tierras raras? ¿cómo limitar el extractivismo y cómo conjugar la explotación de los recursos primarios con la protección del medio ambiente para retomar la senda de un crecimiento más vigoroso y sostenible?

2) Este es el marco en el que se movía América latina cuando en este año 2025 se produce el advenimiento de la Administración Trump. Esta irrumpe en un escenario internacional caracterizado por una serie de megatendencias que solo mencionaremos sucintamente:

- el agravamiento del cambio climático, gran problema del siglo XXI, que obviamente no estaba en el centro de la agenda en los años 1970-1980 cuando Mário Soares desplegó una intensa actividad hacia América Latina;
- la aceleración de la ya mencionada cuarta revolución tecno-industrial;
- la emergencia de una crisis de la globalización;
- un escenario de polycrisis, es decir de crisis superpuestas que se alimentan mutuamente y resultan claramente perceptible en la década actual y
- la intensificación de la rivalidad geo-económica y geopolítica sino-americana.

La interacción de múltiples crisis de naturaleza diversa se produce al tiempo que se advierte, como telón de fondo, una persistente desaceleración del crecimiento mundial: la economía mundial crecía a un ritmo anual de 5,7 % en la década de 2000-2010, de 5,1 % en la década de 2010-2020 y actualmente está creciendo a 3/3,5 %. Se trata una desaceleración del crecimiento mundial, con momentos críticos fuertes, como fueron la crisis de 2008-2009, la crisis subprime en Estados Unidos y su difusión internacional o también, obviamente, la pandemia, a principios de la década actual. Polycrisis, crisis energética y inflacionaria, crisis de deuda pública, tensiones

amenazantes, potenciales y, a partir de 2025, una crisis geopolítica mundial sin precedentes, con el advenimiento de la Administración Trump.

Con el gobierno de Trump es claro que hay un método basado en su enfoque de imponer una relación de fuerzas favorables golpeando sobre la mesa brutalmente para desplegar luego “the art of the deal”.

En un primer momento el reposicionamiento de la Administración Trump en relación a la guerra Rusia-Ucrania planteó una cuestión que en relaciones internacionales se denomina brusca inversión de alianzas. Esto, junto con la apertura de un escenario de guerra comercial con la imposición de los llamados aranceles “recíprocos”, a partir de una lógica que no solo es comercial, y la confirmación de un enfoque “unilateralista” que refuerza la crisis preexistente del multilateralismo, generó desconcierto y agravó la incertidumbre global, lo cual se expresó en un fuerte incremento de la volatilidad de los mercados financieros internacionales.

¿Pero, cuál es en realidad la estrategia internacional de la Administración Trump? ¿Cuáles son sus líneas directrices? Es muy temprano para hacer juicios definitivos pero algunos indicios aparecieron con los primeros movimientos y declaraciones gubernamentales.

Está claro que hay un objetivo fundamental: abordar en condiciones más favorables la rivalidad sino-americana frente, principalmente, a las grandes disrupciones tecnológico-productivas y a la necesidad de acceder a “tierras raras” y aprovisionarse en materias primas estratégicas.

Otra cuestión importante desde el punto de vista de la Administración Trump es debilitar a la Unión Europea. Este objetivo no se disimula: a pesar de que Trump se contradice y resulta en muchos temas imprevisible, en este aspecto hay una marcada coherencia. Trump siempre ha subestimado a Europa, y su posicionamiento en relación a la guerra en Ucrania, a la seguridad europea y a la OTAN refuerza este enfoque. Además, esto se corresponde con una visión que rechaza el multilateralismo y el regionalismo y que favorece el bilateralismo o incluso el unilateralismo.

En este marco, numerosos analistas sostienen que esta Administración estadounidense expresa una visión neo-imperial, lo que explica las declaraciones e incluso las acciones de Trump en relación a Groenlandia, Canadá, el golfo de México (o de América...), el canal de Panamá... Esto tendería a resucitar la

perspectiva de las “zonas de influencia”, lo que contribuye a explicar el tipo de relacionamiento con la Rusia de Putin, aceptando la posibilidad de que ésta pueda reconstituir su “espacio de protección”, tratando al mismo tiempo de alejarla de China y poniendo en dificultades a la Unión Europea.

Esta visión neo-imperial parece convergente con el “aislacionismo intervencionista” que algunos teorizaron para caracterizar de este modo el trumpismo en la fase actual. ¿Qué implica todo esto para América Latina y el Caribe?

3) Es muy temprano para aseverar tajantemente cual será el camino que seguirá, pero seguramente la Administración Trump, a partir del enfoque que ha adoptado, avanza en el reforzamiento de su influencia en la región latinoamericana y caribeña con los temas que aparecieron inicialmente en su agenda: freno a la inmigración y al narcotráfico, disminución de la cooperación y neoproteccionismo en el plano comercial.

Por supuesto, también será una cuestión de primer orden el acceso a tierras raras y a minerales estratégicos, en especial en los países de América del Sur, y la presión dirigida hacia al conjunto de los países de la región para que se alejen de la Nueva Ruta de la Seda propuesta por China, así como la hostilidad y el aislamiento de los regímenes con los que el enfrentamiento es abierto. Quedan sin embargo muchos interrogantes sin resolver, por ejemplo, en qué términos se planteará el nearshoring, la redefinición de las cadenas regionales y globales de valor y como se estabilizarán las relaciones comerciales sobre todo con México, pero también con América Central y el Caribe.

Las orientaciones y políticas de la Administración Trump intervienen en un contexto latinoamericano caracterizado por la fragmentación. Es altamente probable que las políticas de la Administración Trump refuercen esta fragmentación, lo que debilitará la capacidad de negociación de cada país considerado individualmente.

En este plano, la excepción puede estar constituida por Brasil y México, dado el peso específico de ambos países. En efecto, en su relacionamiento con Estados Unidos estos países pueden jugar la carta de una mayor diversificación de sus relaciones externas, no solo en relación con China, lo cual es bastante claro en el caso de Brasil, que es un “global player”. También puede considerarse, en esta perspectiva, la relación de la región latinoamericana y caribeña con la Unión Europea.

Aquí aparecen indudablemente los grandes temas geoestratégicos y habrá que ver la manera en que los grandes actores públicos y privados de Europa se posicionan frente a las políticas de la Administración Trump y las redefiniciones que esto está generando. Frente a la fractura que parece emerger en Occidente ante el enfoque iliberal, unilateralista y, entre otras cosas, escéptico frente al cambio climático, de Trump, la Unión Europea debería replantearse su política de alianzas internacionales. En ese marco hay una posibilidad de relacionamiento más estrecho con América Latina o con los países de más peso en la región no solo en el plano económico, comercial y financiero -en el que la concretización del postergado acuerdo Unión Europea/Mercosur constituiría un hito más que significativo- sino también en el plano político e institucional. Ciertamente, Europa se debate entre la aspiración a una mayor autonomía estratégica y el riesgo de una creciente marginalización geopolítica y tecnológica. Pero las nuevas orientaciones y las políticas adoptadas por Estados Unidos con la actual Administración en el plano migratorio y científico abren una oportunidad para reforzar las relaciones euro-latinoamericanas y caribeñas en materia de cooperación educativa, científica y tecnológica. Y aunque, como ya se dijo, el contexto es muy diferente el de las décadas de 1970 y 1980, Mário Soares puede seguir constituyendo una fuente de inspiración en relación a la cuestión democrática. En efecto, en ambas regiones se enfrentan el desafío común de preservar y renovar la democracia parlamentaria frente al auge de las opciones iliberales. Muchas gracias.

### Pedro Cordeiro

Vou passar a palavra para, ainda dentro do mesmo assunto, mas necessariamente com outro olhar e outra lente, ao Francisco Aldecoa, para nos ajudar a refletir também sobre o futuro do espaço ibero-americano, à luz do que temos vindo a discutir ao longo do dia.

### Francisco Aldecoa

Muchas gracias. Estoy muy contento de haber estado aquí toda la mañana y ayer en una escena que fue fantástica. Quiero dar las gracias a Ana Paula por la invitación, por haber organizado estos eventos ayer también, y a Nancy Gomes, que es quien me contactó, y le agradezco mucho por haberme dado esta oportunidad. Asimismo, me gustaría agradecer a la Fundación Ebert-Friederich Stiftung, que ha tenido unas atenciones conmigo. Cuando hiciste la primera pregunta, pensé que íbamos a hacer dos cosas diferentes.

Primero, hablar de Mário Soares y, después, hablar del futuro. Pero veo que Carlos Quenan ha mezclado las dos cosas, y por eso empezaré por Soares.

En cuanto a Mário Soares, debo decir que lo conocí. Traté poco con él, pero recuerdo un viaje en el Talgo, de Bilbao a Madrid, en el que habíamos hecho un acto en Bilbao. Recuerdo que era muy afable, que hablaba bien el castellano, que contaba muchas cosas. Lo ví en muchas otras ocasiones. La aportación que creo que hizo fue especialmente a la democracia, a la democracia en Portugal y en América Latina. Desempeñó un papel clave, antes de ser presidente, en el apoyo a diferentes grupos políticos a favor de la democratización latinoamericana. También en impulsar, como se ha explicado aquí, el socialismo democrático, la socialdemocracia en América Latina, que hasta entonces tenía poca repercusión.

Siempre he vivido muy de cerca la relación entre Mário Soares con Felipe González. Creo que tienen trayectorias similares. Quizá Mário empezó antes en América Latina y en Brasil, pero luego hubo un gran entendimiento entre ambos. Y, sobre todo, van a fortalecer la dimensión latinoamericana en Europa. Van a ser los dos grandes líderes, los dos grandes socialdemócratas que van a desempeñar un papel importante en los Consejos Europeos. Mário también estuvo en el Parlamento Europeo en su última etapa, y donde va a tener una presencia importante para descubrir en Europa la lógica latinoamericana, donde los dos, Mário y Felipe, se sentían muy cercanos.

En cuanto a la otra cuestión, en relación con cómo vemos el presente y el futuro, yo lo veo claro, incluso acabo de entregar un libro que se publicará en estos días sobre Trump como elemento facilitador del refuerzo de la Unión Europea en el mundo<sup>1</sup>. El título da una idea de cuál es mi pensamiento. Mi opinión es que los cinco meses transcurridos desde que ganó Trump las elecciones en Estados Unidos, en los casi tres meses desde que es presidente, han producido un cambio completo en la posición de Estados Unidos en el mundo. Ha renegado, por así decirlo, de la tradición de una América libre, democrática, abierta a los mercados y abierta al mundo. Ello ha supuesto un cambio completo. Este giro radical, en mi opinión, puede favorecer a Europa y a América Latina. Y, desde luego, favorecerá o exigirá el entendimiento entre ambas regiones, o exigirá la profundización del entendimiento entre ambas. La posición de Trump ha sido clara: renunciar a la ayuda a

1 Aldecoa, Francisco, "La oportunidad de Europa frente a Trump", Editorial Catarata, Madrid, 2025

Ucrania, lo que, el día 4 de marzo, es decir, hace un mes, exige a la Unión Europea sustituirlo como socio y, por lo tanto, participar más en su capacidad defensiva. Y, sobre todo, tener menos confianza en la Alianza Atlántica.

Miren, este es un cambio muy notable, en el que hay muchas dudas de que, en un conflicto en Europa, Estados Unidos intervendría. Más que dudas, están convencidos de que no lo haría. Por lo tanto, hay un cambio cualitativo en estos pocos meses. Hay un cambio de gran magnitud. Hay que reconocer que el fin de semana pasado los jefes del Estado Mayor del Reino Unido y Francia viajaron a Ucrania para preparar la posible intervención de las fuerzas europeas, no de todos los países, sino de unos pocos hasta ahora, para el momento de la paz o para cualquier otra circunstancia. Esto es, lo que se ha llamado la "coalición de voluntarios". Es decir, la lógica ha cambiado radicalmente, ya que no se cuenta con Estados Unidos.

Desde otros puntos de vista, Trump también se están incumpliendo los compromisos internacionales. Y no son solo amenazas. Se hace referencia al tema de Groenlandia o al tema de Panamá, pero no son solo bravuconadas que se hicieron al principio, sino que constantemente se están tomando medidas en esa dirección. Al mismo tiempo, también se desmarca del apoyo a Gaza. Por ejemplo, hoy está el presidente de Israel en Estados Unidos. Es decir, hay un cambio completo de los compromisos internacionales. Y esto va a ayudar, a mi juicio, al entendimiento entre Europa y América Latina.

Estuve en Guadalajara (México) presentando un libro el 7 de diciembre de 2024. Ese día, en la televisión mexicana se expresaba la preocupación que tenían por las nuevas amenazas que estaba haciendo Trump a México, tanto en lo que respecta a las nuevas alianzas, como a la expulsión de 12 o 13 millones de latinoamericanos de territorio estadounidense. Al mismo tiempo, ese mismo día, se rubricó en Montevideo (Uruguay) el acuerdo entre la Unión Europea y el Mercosur. Eran dos posiciones claramente antagónicas. Mientras que Estados Unidos amenazaba con aranceles y con romper el libre comercio, la Unión Europea buscaba que desaparecieran los aranceles. Esto ha seguido ocurriendo desde entonces hasta nuestros días.

La decisión del 2 de abril, el llamado por Trump "día de la liberación" aclara algo que ya temíamos, pero con mucha más dureza. Para los países asiáticos ronda entorno al 20%, según la situación en la que se les ha colocado, cada mes. Además, en el caso de China, aunque todavía no se sabe, ronda el 70%, pero hay que sumarlos al 20% que ya había. Es decir, hay una clara ruptura

del comercio internacional y de la tradición de Estados Unidos por el libre comercio. Ahora, está a favor de una política claramente proteccionista. Europa y la Unión Europea, aún no ha reaccionado. Pero no parece que vaya a reaccionar con las mismas medidas que China, sino que buscará dónde les duele y buscará algunos datos concretos para enfrentarse, porque creen que el libre comercio tiene que ser su solución.

Mientras tanto, durante todos estos meses, la Presidenta de la Comisión Europea, Ursula Von der Leyen, y el Comisario de Comercio, Maros Sefcovic, han recorrido casi todo el mundo, desde la India hasta Sudáfrica, pasando ahora por Asia Central y los países europeos, donde están buscando nuevos acuerdos comerciales y donde ya tienen previstos seis o siete para antes de finales de año. Es decir, la Unión Europea sigue con su estrategia de bajar los aranceles, lo contrario a lo que hace Estados Unidos.

Al mismo tiempo, Europa tiene un modelo de sociedad cada vez más diferenciado del modelo estadounidense de Trump. Por lo tanto, lo que debemos entender es que, posiblemente, es una oportunidad para que la Unión Europea, que ya estaba desempeñando algunos papeles, precisamente desde que Trump, en la primera etapa, del 2017 al 2021, posibilitara la Estrategia Global de la UE. Así, por primera vez, se impulsa la autonomía estratégica, que luego se fortalecerá, a partir de 2019, con Josep Borrell como Alto Representante de la UE, y que ahora tiene una mayor dimensión. Por lo tanto, permitirá o exigirá la responsabilidad de tener que desempeñar unos papeles más claros en el multilateralismo.

Desde luego, Europa no se asociará con China, pero llegará a acuerdos económicos parciales para enfrentarse a la nueva situación. Con China hay una diferencia de modelo. Es imposible que se mantenga una relación al nivel de la que ha habido con los Estados Unidos, ya que nuestros sistemas políticos son claramente antagónicos. Está claro que la Unión Europea presenta una alternativa completamente distinta. El acercamiento entre Estados Unidos y Rusia es absurdo, fuera de lugar y nadie lo esperaba. Esto potencia aún más a la Unión Europea y, sobre todo, le exige cambios profundos.

He tenido la oportunidad de escribir sobre estos temas y, sobre todo, escribí hace años, en la segunda parte del tomo “La integración europea” del Profesor Antonio Truyol, que también estuvo aquí en Portugal. Truyol recordaba, en la segunda parte de su obra, que, cuando se creó la Comunidad Europea de Defensa, el Plan Pleven, en 1954, fracasó, dado que se quiere iniciar, al

mismo tiempo, la Comunidad Política Europea. Como ustedes saben, la no ratificación francesa hace que todo el edificio se derrumbe. Sin embargo, la idea central es que no se puede poner en marcha solo un ejército europeo, que ahora se está planteando, o una fuerza autónoma, si no hay un gobierno europeo. Es decir, Europa tiene que hacer las dos cosas. Tiene que profundizar el esquema político que tiene actualmente, tiene que federalizarse un paso más antes de tener una defensa propia. Esto lo ha defendido actualmente Habermas. Y ahí estamos. La tercera convención estuvo a punto de convocarse dos veces. No se convocó, pero tendrá que convocarse pronto.

Y esto beneficiará a América Latina. La reunión que se celebrará en Colombia, en el mes de noviembre, tendrá que dar pasos importantes en el refuerzo de la relación. Además, no debemos olvidar que Europa y América Latina insisten en que tienen una historia, una cultura, intereses, valores compartidos y, sobre todo, una misma visión del mundo basada en los mismos valores. En América Latina, se nos aplicó durante años la pena de muerte, en Estados Unidos sí, en China también. En Rusia, hace años que no se aplica. Bueno, se aplica extrajudicialmente, como es sabido. Hay valores compartidos.

Hay la misma visión del mundo en relación con el clima o la Corte Penal Internacional. Por supuesto, Hungría la ha asaltado esta semana de una forma drástica y repugnante para cualquiera, invitado a Netanyahu al país. Habrá que tomar medidas por parte de la Unión, ya que es un país que no respeta los países compartidos. También Estados Unidos ha tomado medidas adversas contra los funcionarios de la Corte Penal Internacional. Y así podríamos buscar muchos más ejemplos.

Cada vez están más cerca los valores y la visión del mundo entre Europa y América Latina. El próximo noviembre debemos reforzarlos de manera cualitativa. Carlos Quenan, yo y otros, que estamos aquí hemos trabajado durante años en el espacio universitario euro-latinoamericano de enseñanza superior. Llevamos 13 o 14 años. Este año habrá que dar un paso más en esta cuestión. Es absolutamente necesario. El espacio común europeo es diferente del espacio latinoamericano. Cada vez es más necesario y, por eso, lo que creemos es que la nueva situación que se está produciendo en estos últimos meses refuerza, exige, posibilita un acercamiento entre Europa y América Latina.

Hay que decir también que, además, Europa está en crecimiento, con la ampliación. Tiene nueve, diez si contamos con Armenia, países que quieren entrar

en la Unión. Y, además, hay que contar también que Europa está reforzando enormemente la Comunidad Política Europea, que no tiene que ser la Comunidad Política de 1954, sino que son 47 Estados los que se reúnen ahora en Tirana (Albania) en la VI Cumbre y donde ya se plantea, como ha planteado el presidente francés, la necesidad de que se toquen temas de seguridad para que esa organización informal se consolide.

Es decir, está en crecimiento, está en desarrollo. Está, yo diría, en plenitud. Y es el momento de acercarnos aún más a América Latina. Ambos, en la medida en que ambos han sido desplazados de una manera radical e injusta por Estados Unidos, tendrán que entenderse con más vivacidad que hasta ahora. Muchas Gracias.

### **Pedro Cordeiro**

Muito obrigado e agora peço ao Ramon Jauregui para que comente também sobre este mesmo assunto do nosso painel.

### **Ramón Jauregui**

Muy bien, muchas gracias. También muchas gracias a Ana Paula y a todos ustedes. Yo no soy tan optimista como Pachi Aldecoa. Tengo una visión más preocupada de lo que está pasando. Voy a hacer una mirada un poco más pragmática sobre las cosas que tenemos sobre la mesa. Voy a añadir un comentario sobre Soares y su relación con América Latina, diciendo algo que quizá aún no se haya dicho, y es que su aportación a los valores democráticos siempre se dirigió también a los grupos que practicaban, la insurgencia revolucionaria, para reclamar a los partidos de la izquierda revolucionaria latinoamericana que había que conquistar la libertad con votos, no con bombas. Creo que esto viene muy bien para situar también su aportación a los valores democráticos en América Latina, a la consolidación de la democracia en ese periodo final, en el último cuarto del siglo pasado.

Y pensando o especulando ya sobre lo que nos diría hoy y, por tanto, mirando hacia el futuro, diría, en primer lugar, que la relación entre Europa y América Latina está, en cierto modo, bloqueada por razones que debemos reconocer.

En primer lugar, América Latina está fracturada. Porque México mira hacia el norte con buenas razones de preocupación con Trump. Antes se ha explicado que Brasil mira hacia su propio liderazgo internacional, en los BRICS, etc.

No hay comunidad latinoamericana. Las fracturas políticas entre El Salvador, Argentina, Chile, Perú, Ecuador, etc., son enormes y no hay ningún intento de armonizar su normativa que permita que esos mercados sean más amplios y, por lo tanto, favorezcan la inversión y el comercio internacional con ellos. Por desgracia, América Latina está más fracturada que nunca. Tenemos que decirnos esto. Un buen ejemplo es que, a partir de la Cumbre, que comentaba Ana Paula Zacarias, en julio de 2023, cuando se reanudan las cumbres UE-CELAC en Bruselas, un gran acuerdo es que debemos dialogar políticamente, porque ya hemos visto que Europa y América Latina no coinciden en las mesas internacionales. Verbigracia, el conflicto de Ucrania. Entonces, gran acuerdo: hay que dialogar políticamente, crear un organismo de diálogo permanente. Nunca se habló. ¿Por qué? Porque la CELAC no tiene capacidad de vertebrar las diferencias internas.

San Vicente Granadina, presidencia pro tempore de la CELAC, no tiene capacidad de articulación. Honduras, hasta hoy, presidencia pro tempore, tampoco. Colombia recibirá en abril la presidencia pro tempore. Hay que organizar la cumbre de noviembre de este año. Aún no hay fechas. Probablemente el 9 o el 10 de noviembre, en vísperas de la cumbre de Belém, en Brasil, para recibir a los presidentes europeos que viajan a Belém. Veremos si van. Pero, en realidad, no hay una articulación política, no hay una asociación estratégica, no hay un diálogo político entre Europa y América Latina, por mucho que tengamos la UE-CELAC. No la hay.

En segundo lugar, Europa, también se ha dicho: «Mira hacia el Este». Además, nuestras preocupaciones, y esto lo sé por multitud de conversaciones en las cancillerías europeas y por muchas reuniones que hacemos a veces en países europeos, cuando hablamos de América Latina, realmente cuesta mucho que te escuchan.

Europa ha perdido peso económico en América Latina. China nos ha sustituido en gran parte. Esta famosa frase que ahora se comenta tanto en Estados Unidos, de Shanghái a Chancay (Perú) lo dice todo. Realmente el control de los puertos del Pacífico por parte de China y las grandes obras de infraestructura que están ganando, pone de manifiesto que Europa no tiene campeones europeos para competir en las licitaciones internacionales y, además, no tiene la tecnología para que su alianza digital tenga capacidad de atracción en muchos países latinoamericanos, porque no tenemos el 5G, lo tienen los chinos, lo tiene Hawái. Y eso hace que Europa esté perdiendo peso en su capacidad de relación con América Latina. Podemos especular sobre si ten-

dríamos que fabricar submarinos nucleares con Brasil, pero realmente es algo quimérico en este momento. Esa es la verdad. Por lo tanto, tenemos esta situación.

Y, sin embargo, Soares nos diría hoy que hay más razones que nunca para fortalecer esta alianza, porque las razones humanas Seis millones de europeos viven en América Latina, siete millones de latinoamericanos viven con nosotros y podrían ser diez si hiciéramos una política de inmigración inteligente. Y junto con el capital que Europa ha invertido en América Latina y las transiciones digitales y ecológicas, las razones geopolíticas y culturales, todo ello anima a tener una alianza fuerte. Y eso es lo que tenemos que abordar.

Y pasando a lo práctico y, por lo tanto, siendo pragmáticos con lo que tenemos delante, hay una primera firma que tenemos que resolver, que es que Europa tiene que aprobar el Acuerdo con Mercosur. No tiene que aprobarlo Paraguay, tiene que aprobarlo Europa, el Consejo y el Parlamento Europeo.

Y los problemas son nuestros, son nuestros. Y, lamentablemente, no estamos convencidos de que eso vaya a ser posible, porque sabemos lo que pesa Francia y lo importante que es para Francia la agricultura. Y sabemos lo difícil que será para Francia quedarse en minoría en el Consejo. Y no estamos seguros de que no consiga una minoría de bloqueo. Y eso puede suceder. ¿Y si fracasa Mercosur? 25 años después de negociar y después de todas las razones que se dan, y son correctas, por las que tenemos que acercarnos más.

Ahora, precisamente, que nos quieren imponer una cultura mezquina de balances comerciales, Europa expone su acuerdo con México, también recién hecho, que tenemos que ratificar ambos países, y expone el acuerdo con Mercosur como modelo alternativo. Que no es un modelo de liberalización arancelaria completa, sino un modelo de regulación de inversiones y de comercio. Ese es el acuerdo. Pero si no lo aprobamos, ¿dónde quedaremos? Y tenemos que hacer una cumbre en noviembre que lleve algo a la mesa. Y no sé qué vamos a llevar, porque en julio de 2023 aprobamos el Global Gateway. que era, efectivamente, una agenda de inversiones, y puedo decirlo porque la Fundación que presido elaboró la lista de proyectos que cada país latinoamericano proponía en una gestación, digamos, bottom-up, de abajo hacia arriba, de cómo establecer lo que cada país necesita, dónde y cuáles son las inversiones necesarias.

Pero, señoras y señores, Global Gateway no tiene una arquitectura financiera que lo respalde. Seamos serios. Porque hemos creado una agenda maravillosa, 135 proyectos de inversión, pero no damos ningún apoyo financiero. Ni siquiera las delegaciones de la Unión Europea en los países latinoamericanos están promoviendo estos proyectos. ¿Y qué vamos a llevar a la Cumbre de Bogotá? Cuando nos reunamos en noviembre para hablar de cómo hemos desarrollado Global Gateway después de dos años. ¿Y qué vamos a decir sobre el diálogo político que no hemos tenido con América Latina después de dos años?

Y eso es lo que tenemos delante. Y por eso soy crítico. Y creo que ante un auditorio como el que tenemos, tenemos que decirnos la verdad. Europa tiene muchas tareas pendientes, porque el desarrollo de Global Gateway es una idea extraordinaria, que pretende una concepción no extractivista de la inversión europea. Una inversión con valores, con empresas que tienen, por así decirlo, una cadena de respeto a los derechos humanos en sus estándares sociolaborales y medioambientales, en su inversión, que compite con los chinos en valores, no en la financiación del proyecto.

Pero todo esto tiene que estar respaldado por proyectos concretos, con un Banco Europeo de Inversiones que alimente financieramente al conjunto empresarial y con campeones europeos que no tenemos, a excepción de la aeronáutica. Nada más. Y esa es nuestra realidad. Por lo tanto, creo que esas tres tareas: ratificar el Mercosur, ratificar México, y hacer una buena cumbre.

También hacer una buena Cumbre de SEGIB la Comunidad Iberoamericana en Colombia son los objetivos hoy. Hacer una buena cumbre en Madrid el año que viene. Porque la de Cuenca, fue lo que fue. Sigo con proyectos. ¿Qué tendríamos que hacer? Tendríamos que presentarnos en América Latina como una Unión Europea que necesita la inmigración. Porque Alemania, por poner un ejemplo, necesita 500 000 cada año. Y los estadounidenses los han entregado atados de pies y manos en aviones que todos los países latinoamericanos han aceptado. ¿Qué mejor imagen de fraternidad podría ofrecer Europa que abrir sus consulados para que la inmigración latinoamericana venga a Europa? Que la necesitamos, sin duda. ¿Qué proyecto más extraordinario sería ese? Podemos hacerlo, pero no somos capaces. Porque Europa está dividida en materia de política migratoria. Porque sería necesario que Alemania, Francia, Italia, España y Portugal abriéramos consulados y los trajéramos aquí, donde serían muy bien recibidos.

Porque si hay una experiencia migratoria exitosa hoy en día en el mundo, es la latinoamericana en Europa, sobre todo en España y Portugal. Al 100 %. ¿Por qué no exportarla? ¿Por qué no presentarla hoy en día en Latinoamérica, como europeos, diciéndoles: ¡Vengan, los necesitamos!

¿Por qué no hay una Europa capaz de abrir el debate internacional sobre el tema del narcotráfico, sabiendo que la seguridad en muchos países latinoamericanos depende de que el narcotráfico no tenga ese inmenso poder que tiene? ¿Y cómo se le quita ese poder? Quitándole el mercado. Es difícil lo que digo, pero ya estamos cansados de saber cómo ha fracasado toda la comunidad internacional en la lucha contra el narcotráfico. Y la pregunta es si no sería posible estudiar en la comunidad internacional que los Estados ocupen los mercados de distribución de la droga. Es una locura, quizás. Lo que está pasando es una locura, porque Amberes, Rotterdam y Algeciras ya han sido tomadas por los narcotraficantes. No hablemos de Ecuador, no hablemos de Perú, etc., etc. Esos son los problemas que tenemos delante. Esa es la Europa que quiero. Una Europa fraternal con América Latina, que pase de la retórica, a la acción, y proponga cosas, y construya caminos, y construya puentes, pero de verdad.

### Pedro Cordeiro

Muito obrigado. Nem de propósito, Ramon, hoje, pelas 18 horas, o governo português vai anunciar não só números da imigração, como medidas para reforçar o controle da mesma. No âmbito, claro, de uma campanha eleitoral em curso. Gostava, talvez possamos fazer uma segunda ronda mais curta, em que falemos, em que continuemos a explorar o futuro das alianças e da ordem mundial, nomeadamente, com a ideia, além da aproximação, do difícil reforço das relações entre Europa e América Latina de que aqui falávamos, pensar também noutros parceiros que muitas vezes são incluídos num certo ocidente geopolítico, embora não geográfico, como, estou a pensar em países como o Japão, Austrália, Nova Zelândia, Coreia do Sul e outros, de que forma é que uma, no fundo, uma aliança sedimentada em democracias liberais pode ser um apoio, uma forma e um trampolim para uma nova ordem mundial em que Washington deixa de ser o centro do mundo. Talvez pela mesma ordem, peço só intervenções mais breves para depois também podemos ainda dar a palavra à plateia. Carlos.

### Carlos Quenan

Bueno, creo que en lo que estamos planteando hay aspectos que son bastante complementarios. Es decir que estas transformaciones que yo evocaba en relación con las dinámicas en curso en América Latina derivadas de la administración Trump, que están en proceso, están en marcha, afectan también, aunque de manera diferente, a Europa, una Europa que, a su vez, al igual que América Latina, tiene dificultades para avanzar, porque lo que se planteó al final, la problemática de la democracia, por ejemplo, es un tema tanto en América Latina como en Europa. Las corrientes, llamémoslas liberales, están presentes en varios países, claramente en América Latina, y están presentes no solo en Orbán, en el caso de la Unión Europea. Tenemos fuerzas que trabajan en el interior, en Francia, con perspectivas de llegar al gobierno, sea cual sea la evolución de la situación de Marine Le Pen, y otras que parecen un poco más cojas, pero que están ahí presentes. Vox, etc. Entonces, hay una dificultad, lo entiendo, y desde el punto de vista de las políticas que se pueden plantear para desbloquear, para avanzar, necesarias, porque la Unión Europea, ante la amenaza, digamos, que plantea la administración Trump, es lo que podríamos llamar una fractura innovadora en Occidente, que aún no sabemos hasta dónde llegará, cuál es su alcance.

Pero si Europa quiere reforzarse, avanzar hacia la autonomía estratégica, entre otras cosas, necesita desarrollar una política de alianzas internacionales. Con otras regiones, con otros países, y ahí entra en juego América Latina. El problema es que probablemente no podamos hablar de América Latina en conjunto, porque está fragmentada. Entonces, ahí está la cuestión de identificar dónde están esos aliados potenciales. Obviamente, todo el mundo piensa en Brasil hoy en día, pero atención, Brasil también está polarizado y nada indica que vaya a haber continuidad política dentro de tres, cuatro, cinco años con las orientaciones actuales. En fin, estas son las dificultades que tenemos, pero creo que, desde un punto de vista pragmático y político propositivo, no queda más que intentar avanzar en la perspectiva de una cumbre, o este LAC, que sea lo más eficaz posible. Retomo lo que se ha dicho sobre la eficacia y la afinidad, sobre cómo potenciar, en la mesa anterior, las afinidades para ser eficaces, al menos con aquellos que quieren avanzar en una perspectiva, digamos, de, finalmente, mayor autonomía, mayores márgenes de maniobra en un mundo en el que predomina la incertidumbre, en el que es difícil encontrar, finalmente, esas alianzas en el grado preciso que se puede plantear desde uno u otro lado.

¿Cuáles son los puntos de intersección en los intereses de los países decisivos de ambas regiones? Creo que ahí, para no extenderme más, efectivamente es cierto que el Acuerdo Unión Europea-Mercosur es un ingrediente clave.

Yo añadiría, ya voy a decir algo, también a lo que ha planteado Francisco Aldecoa, es decir, hay un elemento estructurante, estratégico, que son las relaciones, y tiene que ver con la dilución tecnológica, en materia de educación, ciencia, tecnología e innovación. Aunque no hay gafas europeas, hay, sin embargo, un importante desarrollo tecnológico europeo y hay países en América Latina que pueden complementar, en ese plano, cosas interesantes. Entonces, creo que ahí, y también tiene que ver con la cuestión de la migración, cómo se genera una dinámica en la que la formación de capital humano está vinculada a la cooperación en materia de proyectos comunes. Hay migraciones, no diría selectivas, pero sí orientadas, reguladas, porque si no, no va a pasar en la opinión pública europea, porque no debemos minimizar el impacto que tiene la problemática de la migración en este contexto de incertidumbre, de caos, de incertidumbre radical, donde se buscan soluciones simples a problemas complejos. Y ahí es muy fácil, es muy fácil decir que los chivos expiatorios son los inmigrantes, etc.. Que cruzan el Mediterráneo para invadirnos. Recuerden el Brexit. Me parece importante tenerlo en cuenta. Por lo tanto, hay un terreno minado que hay que conocer y manejar con habilidad.

Por lo tanto, la cooperación educativa y científica me parece un punto importante para esta próxima cumbre. Pero también la Unión Europea y Mercosur. Ahí creo que puede haber una posibilidad de flexibilizar esas posiciones duras en contra, a pesar de que existen las políticas internas y las decisiones internas que ya hemos mencionado, y atención, puede haber un contexto electoral en Francia este año, de nuevo, porque a partir de junio, julio, se abre la posibilidad de una nueva disolución de la Asamblea Legislativa, lo que conspira contra ello. Pero, efectivamente, es cierto que, en el contexto actual, sería una señal muy importante el Inter regionalismo que, de alguna manera, obtiene una victoria en una batalla parcial contra el bilateralismo de Trump. Y volvemos al punto, y aquí termino, de las alianzas internacionales de la Unión Europea, que debe preservarse, que quiere buscar una mayor autonomía y que está obligada, y en esto retomo también lo que se planteaba con respecto a Mário Soares, hay razones, a pesar de que hay dificultades, para promover este tipo de cuestiones audaces, difíciles, con muchos obstáculos, pero sabemos que, entre otras cosas, además del pesimismo de la inteligen-

-cia, siempre tenemos que tratar de tener en cuenta el optimismo de la voluntad. Gracias.

### **Pedro Cordeiro**

Muito obrigado. É interessante falar da cooperação científica, porque precisamente uma ideia que tenho visto reproduzida nos últimos dias em resposta ao isolacionismo de Trump e também de uma certa falta de liberdade que começa a notar-se nos Estados Unidos para certos universitários e académicos é precisamente a ideia de outras regiões, nomeadamente a Europa, fazer um esforço de atração desses mesmos cérebros que já não sentem nos Estados Unidos a liberdade que até agora ali tinham. Vou passar a palavra ao Francisco para esta ronda.

### **Francisco Aldecoa**

Muchas gracias. Cuando Trump ganó las elecciones en Estados Unidos, en gran parte de la prensa europea, especialmente la española, se entendió que venía una ola de derecha general y que iba a tener una repercusión enorme en Europa. Cinco meses después, se puede decir que está ocurriendo más o menos lo contrario. Especialmente porque, en un caso como el de España, es muy claro que hay un partido de extrema derecha llamado Vox, al que ahora le resulta muy difícil explicar a sus posibles votantes como los aranceles de Trump van a hundir la economía.

Lo mismo está ocurriendo en Alemania y en otros países donde la extrema derecha ha tenido éxito. Hay que recordar que, en las elecciones del Parlamento Europeo del 2019, al igual que en las de junio de 2024, la extrema derecha tuvo algo más de relevancia que anteriormente, pero está dividida en tres grandes bloques. En un bloque estaban los Patriotas, especialmente de Hungría, que obtuvieron aproximadamente un 12% o un 13%. Luego está el grupo de Meloni, que obtuvo un 10%, y por último está la extrema derecha, que se autodenominan Soberanistas, especialmente formada por alemanes. Las decisiones de Trump han perjudicado objetivamente, a pesar de que gran parte de la opinión pública dice lo contrario, más allá del pesimismo o el optimismo, a estos grupos, a los que el propio Trump y sus sucesores intentaron, por ejemplo, en las elecciones alemanas, apoyar y respaldaron.

Pero después, las tres fuerzas políticas mayoritarias en Alemania reaccionaron fantásticamente bien, reformando la Constitución en una semana y logrando

una ampliación del modelo constitucional para poder hacer frente a una deuda que estaba prohibida por el sistema alemán, con el objetivo de poder disponer rápidamente de una fuerza armada. Lo que ha habido hasta ahora, y que quizá sea insuficiente, es que la reacción que ha producido la presidencia de Trump ha sido dar cohesión a las fuerzas políticas europeas.

La última votación, creo que es del día 12 de abril, y otra del día 19, se votaron dos cosas. Una era el apoyo total, “inquebrantable”. Y la otra era el rearme. En el caso de Ucrania, el voto en el Parlamento Europeo fue algo menor que la votación sobre la defensa europea. Sobre todo, en el Consejo Europeo, incluso Hungría votó a favor de la defensa, pero no a favor de Ucrania. Hay que decir que la extrema derecha y una parte de la extrema izquierda votaron en contra, pero los cuatro grandes partidos, que son el Partido Popular, el Socialista, los Liberales y los Verdes, que votaron a favor.

Por lo tanto, es uno no de los momentos de mayor cohesión. No se puede decir que Europa esté dividida cuando el 60 el 70% del Parlamento tiene una posición común. ¿Cómo va a estar dividida, cuando, además, ya se han celebrado tres Consejos Europeos en los que se han aprobado, por consenso, prácticamente todas las medidas que se han tomado hasta ahora? Incluso Hungría se abstuvo en relación con el tema de Ucrania, pero los demás tomaron esa decisión por 26 votos contra 1.

Es decir, en estos seis meses de la nueva estructura institucional, ¿qué significa esto? Desde diciembre hay una nueva Comisión y un nuevo Consejo Europeo presidido por un portugués de primer orden, António Costa, que está logrando la cohesión. En cinco meses, ha habido tres Consejos Europeos, uno de ellos extraordinario. Lo está consiguiendo con mucha más facilidad que antes el presidente Charles Michel. La razón, además de su habilidad, es que hay una nueva situación política mundial, especialmente Trump, que exige cohesión entre los países miembros y que le da una claridad perfecta.

Al mismo tiempo, en la primera de esas sesiones, se acercó el Primer Ministro británico, lo que no se esperaba, y después ha estado en todas las reuniones preparatorias. El acercamiento con el Reino Unido habría sido impensable sin la presencia de Trump. Mientras que en octubre o noviembre fracasaron las negociaciones para un acuerdo de libre comercio entre el Reino Unido y los Estados Unidos, se iniciaron las reuniones con la Unión Europea y se preparó una cumbre, a todo nivel, el 9 de mayo, entre el Gobierno británico

y las instituciones europeas para resolver los grandes temas, los grandes temas que no se esperaban.

¿Quién fue el artífice de esa gestión? Trump, no tengo la menor duda. Es decir, hay otros objetivos que nos permiten decir que las cosas están cambiando. No sé si lo suficiente. En relación con el tema del Mercosur, hay declaraciones, creo que, del sábado, en las que Macron ya dice que hay que ver las cosas del Mercosur de otra manera. No sabemos si se aprobará o no, pero lo que está claro es que, con la nueva situación, la situación conspira para que se termine aprobando el acuerdo. El acuerdo de Mercosur es lo contrario de los aranceles. Es decir, se está fortaleciendo la lógica europea. No me cabe duda de que muchas de las cosas que ha dicho Ramón Jáuregui son muy acertadas, pero lo que no se puede ignorar, a mi juicio, es que, en este momento, la situación de Trump está favoreciendo a Europa.

Hubo un artículo en el Financial Times que tuvo mucha repercusión, creo que es del 13 de marzo, que luego se formalizó aún más, en el que se decía que a Trump no le darán el Premio Nobel de la Paz, pero que tendrán que darle el Premio Carlomagno, porque es el Presidente que más ha hecho por la unificación europea. Que lo diga el Financial Times, que lleva criticando a Europa cuatro años, llama mucho la atención. Solo quiero destacar estas nuevas circunstancias que están apareciendo como consecuencia del Presidente de los Estados Unidos. Me da la impresión de que, en América Latina, dónde sigo menos la actualidad país por país, está pasando algo parecido. Empiezan a darse cuenta de que esa relación especial que tenían ya no va a ser posible. Y eso es lo que nos permitirá entendernos.

La fuerza de Trump es conseguir lo imposible, cambiar completamente las condiciones estructurales. La hipótesis en la que me baso es que en cinco meses ha cambiado completamente las relaciones entre unos y otros. Ha cambiado la relación de cohesión en la Unión Europea. Las votaciones en el Parlamento Europeo son mucho más claras y los extremos están más aislados que hace uno o dos años. Incluso, con la estructura actual del Parlamento Europeo, en la que había menos derecha, no era tan fácil conseguir los resultados que se están consiguiendo ahora. Este es mi punto de vista. Muchas Gracias.

**Pedro Cordeiro**

Muito bem. Vamos ver se algum deste otimismo chegou a Ramón.

## Ramón Jauregui

Estoy bastante de acuerdo con la idea central de Pachi. Solo quiero añadir que todavía tenemos muchas tareas pendientes, además de las votaciones en el Consejo, etc. Si pensamos en las cosas que tenemos que hacer juntos, si tomamos el informe Draghi, por poner solo un ejemplo, o si tomamos la defensa y empezamos a armonizar nuestro sistema, ahí es donde tendremos que ver la unidad, no solo en las votaciones del Consejo, sino cuando tengamos que decidir qué factoría, fabrica los submarinos, si se fabrican en Francia, en España o en Italia. Y qué proyecto de investigación se armoniza con una armonización de las tecnologías cuánticas europeas, no nacionales ni regionales. Estoy de acuerdo con la fuerza por la unidad que nos da Trump, Pero las tareas pendientes son enormes.

Y luego, solo dos para responder a la pregunta de Pedro, el moderador, sobre la democracia, etc. Una idea en la que insisto mucho, que deberíamos incorporar y que me gustaría plantear también aquí en Lisboa. En la Cumbre Iberoamericana de Madrid, el año que viene, la Alianza Iberoamericana perderá fuerza por sí sola si no se une a Europa. Porque la comunidad iberoamericana, como tal, no puede proyectarse en América Latina si no está unida a un proyecto europeo. Entonces, lo que quiero decir con esto es que donde probablemente hay un espacio más común iberoamericano es en el ámbito, digamos, cultural o cultural-político o sociopolítico. Y lo que propongo, y se lo planteé al Sr. Allamand, es que la Cumbre de Madrid tenga, paralelamente, una gran cumbre intelectual, es decir, que haya un gran encuentro, y eso responde un poco a la idea que planteaba antes Carlos sobre la unidad del espacio de investigación universitaria, cultural, etc.

Es decir, hay un espacio común. Entonces, poder reunir a 100 grandes intelectuales en el ámbito de los grandes debates del mundo en este momento, por supuesto los democráticos, junto a la Cumbre Iberoamericana, sería un gran acontecimiento. Esa es una idea que estoy planteando intensamente allí en Madrid.

Y luego hay una segunda cosa que quiero aprovechar, que Ana Paula y la OEI han lanzado, casualmente, este mismo domingo, va a aparecer un primer medio digital que la OEI lanza a favor de la democracia. Se llama "Iberoamérica en Democracia". No es necesario que me detenga a explicar nuestra preocupación general por la crisis democrática. Ya lo han dicho todos y comparto plenamente el pesimismo y la preocupación, total. En América Latina, con

más razón, porque los Estados son muy débiles. Y los Estados que no tienen capacidad para prestar servicios públicos básicos generan desconfianza ciudadana en el sistema de partidos, en los Estados y en las instituciones.

Quiero rendir homenaje a Ana Paula, que forma parte del comité de redacción que hemos creado al respecto, para lanzar el mundo OEI, que es un mundo de la educación en América Latina, Portugal y España, un medio digital al que todos ustedes están invitados a participar para producir, digamos, narrativa, discurso, argumentos, fuerza, enriquecimiento del debate democrático que nos haga a todos más demócratas de lo que somos. Gracias.

## Francisco Aldecoa

Quería apoyar y felicitar la propuesta que ha hecho Ramón Jáuregui, que yo no conocía, de reunir a 100 o 200 intelectuales para la Cumbre Iberoamericana. Yo participé en la Conferencia sobre el Futuro de Europa en Estrasburgo. No funcionó. Había más de la mitad de los miembros que eran elegidos al azar, por sorteo. No voy a dar más detalles. Sin embargo, recuerdo lo importante que fue en 2001 y 2002, la Segunda Convención.

En la Conferencia del Futuro de Europa, tuvimos nueve sesiones en el Parlamento, en las que, al final, no asistía gran parte de los representantes, porque el monopolio de los elegidos al azar era excesivo. Al menos, a mi juicio, como uno de los que estuvo allí en todas las sesiones. Pero recuerdo que la Conferencia de La Haya, en 1948, fue precisamente eso, reunir a 600 intelectuales y políticos, los mejores que había en el momento, de todos los países y de todas las tendencias políticas.

De ahí surgió el Congreso de La Haya, surgió todo, nació el Consejo de Europa, el Movimiento Europa, y después se aprueba la Declaración Schuman en mayo de 1950, que acabará dando lugar a la construcción europea. No había oído esa reflexión que hace Ramón Jáuregui, pero me parece muy oportuna.

## Pedro Cordeiro

Muito obrigado, estamos na reta final. O Carlos pediu-me aqui um minuto e depois se calhar talvez tenhamos tempo para uma ou duas questões da plateia.

## **Carlos Quenan**

Un minuto para añadir algo que encaja muy bien con lo que acaba de decir Ramón. También en el legado de Mário Soares está el debate democrático y, en este caso, birregional, me parece fundamental, porque lo hemos visto en esta mesa y en todo el desarrollo de esta jornada, en la que volvemos a agradecer a los organizadores su pertinencia, que en realidad estamos ante un inflexión, ante una transformación bastante radical, cosas nunca vistas, y, efectivamente, aún queda mucho por profundizar, porque, suscribo completamente lo que dice Pachi, Trump tiene esa facultad de hacer lo posible y lo imposible, pero lo que aún no sabemos muy bien es ¿en beneficio de quién? Sabemos, en principio, en perjuicio de quién, a priori, pero no muy bien en beneficio de quién. E incluso, en esto de en perjuicio de quién, hay muchos que están subrayando el hecho de que probablemente sea en perjuicio de Estados Unidos, lo que tiene que ver con lo que hablamos de Europa. Entonces, desde la perspectiva de dar fuerza a la perspectiva europea.

Por lo tanto, celebro esta idea de continuar con el debate democrático, promover propuestas concretas, en el sentido de lo que se ha enseñado aquí, utilizar las cumbres que se avecinan como espacio para ese debate democrático, y no solo la cumbre Europa-América Latina, Unión Europea-CELAC, sino también otras cumbres, la de Johannesburgo, Sevilla, la cumbre de Belém, muy importante, porque otra línea de fractura importante es la cuestión del cambio climático, donde también hay posibles puntos de convergencia entre la Unión Europea.

## **Pedro Cordeiro**

Obrigado. Não é demais recordar que as alterações climáticas foram, e até precocemente, uma preocupação que Mário Soares exprimiu e que o ocupou muito na fase final da sua vida.



# ENCERRAMENTO

---

Clique aqui para assistir:

[https://youtu.be/F4IVFR7\\_GbQ?si=X4xagKtkwdthSDVq](https://youtu.be/F4IVFR7_GbQ?si=X4xagKtkwdthSDVq)

---

<https://doi.org/10.26619/978-989-9002-66-1.6>





**OEI**

Este livro tem como principal objetivo reunir os textos que resultaram das diferentes intervenções no Colóquio “Mário Soares e a América Latina. Passado, Presente e Futuro”, realizado no dia 8 de abril de 2025, no Teatro Thalia, em Lisboa. Esta iniciativa foi organizada pela Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), a Cátedra de Estudos Ibero-americanos - Universidade Autónoma de Lisboa, o Centro de Estudos Internacionais (CEI) – ISCTE, a Embaixada do México em Portugal, a Fundação Friedrich Ebert, a Fundação Mário Soares e Maria Barroso, o Instituto Diplomático (ID) e o Instituto para a Promoção da América Latina e Caraíbas (IPDAL); e tem por escopo disponibilizar em Acesso Aberto, os conteúdos do colóquio, de uma forma universal, potenciada através do formato digital.

## AUTORES QUE COLABORAM NESTA EDIÇÃO

---

Ana Paula Laborinho  
Ana Mónica Fonseca  
Bruno Figueroa  
Cátia Miriam Costa  
Filipe Vasconcelos Romão  
Nancy Elena Ferreira Gomes  
Pedro Cordeiro  
André Malamud  
Ramón Jáuregui

Paulo Neves  
Isabel Soares  
Vitor Ramalho  
Bernardo Sepúlveda  
João Torres  
Ricardo Vitória  
Carlos Gaspar  
Carlos Quenan

Bernd Rother  
Mariano Schuster  
Ana Mónica Fonseca  
Felipe González  
Cristina Manzano  
Raquel Patrício  
Ana Paula Zacarias  
Francisco Aldecoa

